



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**ESTRANGEIRISMOS GÍRIOS NAS REDES SOCIAIS:** descrição  
e implicações para o ensino

Carlos Roberto Gonçalves da Silva

Campina Grande – PB  
2021

CARLOS ROBERTO GONÇALVES DA SILVA

**ESTRANGEIRISMOS GÍRIOS NAS REDES SOCIAIS: descrição  
e implicações para o ensino**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a conclusão do curso.

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciene Maria Patriota

Campina Grande – PB  
2021

S586e Silva, Carlos Roberto Gonçalves da.  
Estrangeirismos gírios nas redes sociais: descrição e implicações para o ensino / Carlos Roberto Gonçalves da Silva. – Campina Grande, 2021. 99 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021. "Orientação: Profa. Dra. Luciene Maria Patriota". Referências.

1. Sociolinguística. 2. Lexicologia. 3. Estrangeirismos Gírios – Redes Sociais. 4. Neologia. 5. Ampliação Lexical. 6. Ensino do Léxico. 7. Estudos Linguísticos. I. Patriota, Luciene Maria. II. Título.

CDU 81'27(043)

CARLOS ROBERTO GONÇALVES DA SILVA

**ESTRANGEIRISMOS GÍRIOS NAS REDES SOCIAIS: descrição  
e implicações para o ensino**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Letras - Língua  
Portuguesa da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito  
parcial para a conclusão do curso.

Aprovada em: 09/08/2021

BANCA EXAMINADORA:

*Luciene Maria Patriota*

---

Prof.ª. Dra. Luciene Maria Patriota (UAL/UFCG) - Orientadora

*José Herbertt Neves Florencio*

---

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (UAL/UFCG) - Examinador

*Laura D. L. Régis*

---

Prof.ª. Dra. Laura Dourado Loula Régis (UAL/UFCG) - Examinadora

Dedico esta monografia a minha avó, Alice Lúdia da Silva (*in memoriam*), por saber que seu olhar, cheio de orgulho, de confiança e de amor, me acompanha do lugar onde está.

## AGRADECIMENTOS

Apreendi de minha avó materna, com sua sabedoria que excede em muito a minha, desde a mais tenra idade, que a gratidão é uma virtude essencial aos seres humanos. Por isso, agradeço.

A Deus, por ter ouvido e consolado cada lágrima derramada no silêncio das noites em sua companhia. Por prover a força necessária para enfrentar cada batalha travada na minha existência. Por ter me dado, por mãe espiritual, a Santíssima Virgem Maria, cuja presença me acompanhou desde o nascimento. Por manifestar o seu amor através de pessoas, a quem agradeço agora.

A minha mãe, Margarida, por sempre ter estado ao meu lado, segurando a minha mão em cada etapa da vida, chorando e agradecendo, ensinando e educando, reclamando e amando. Por me apoiar nas minhas decisões. Por ser socorro. Por ser amor. Por ser força. Por ser exemplo. Ao meu pai, Roberto, porque, mesmo em meio a tantas dificuldades pelas quais passou, jamais esqueceu do seu lugar paterno, por nunca ter deixado de me prover o que precisava, pelos olhares de orgulho e de companheirismo.

As minhas irmãs, Mariana e Monaliza, pelas risadas, discussões, brincadeiras. Por me lembrarem, nos momentos tristes, que eu não estou só.

A minha avó Alice (*in memoriam*), por me ensinar que, na simplicidade e na humildade, se fazem grandes coisas. Por ter me apoiado em tantas situações. Pelas histórias que guardo no coração. A minha avó Maria, por ter me ensinado o valor da fé e da confiança em um Pai que acolhe e que abraça. Por tantos abraços e carinhos. Pelos sorrisos e olhares carinhosos.

A minha tia Fatinha, por ter acompanhado de perto durante toda a minha vida. Por ter sido tão importante na minha criação. Por ter sido, para mim, um auxílio, a quem sempre pude pedir ajuda e socorro. Por acreditar. Por se admirar e se orgulhar nos meus momentos importantes.

Ao meu tio Jorge, por ter me ajudado em um momento tão difícil da minha trajetória acadêmica e colaborado com a conclusão do meu curso.

A Marcos Rodrigo, por insistir, por acreditar. Por saber lidar comigo nos meus momentos mais tristes, em que mais me sinto frágil. Por se alegrar comigo nas conquistas, vibrando com cada vitória. Por atravessar comigo as travessias mais difíceis. Por acreditar que há mais para acontecer. Por acreditar em mim, nos meus sonhos e nos meus dons. Por ter sido, muitas vezes, a palavra com a qual ordenei o meu pensamento. Por ter contribuído com este trabalho. Por contribuir, diariamente, comigo.

A minha orientadora, Luciene Maria Patriota, por ter confiado na minha dedicação aos nossos projetos de Iniciação Científica. Por ter norteado e iluminado caminhos trilhados por mim durante a graduação. Por sempre ter tido o carinho e atenção de me ensinar. Pelos ensinamentos e exemplos. Por compreender, ao longo desses anos, o meu modo preocupado que me particulariza como ser humano. Pela parceria. Por ter me visto não só como aluno, mas como pessoa. Por, hoje, ser mais que uma orientadora, mas uma amiga.

À professora Márcia Tavares, por ter colaborado com a minha formação humana, acadêmica e profissional. Pelas risadas nos encontros na Universidade, pelos conselhos, pelo apoio e pelo exemplo.

À professora Laura Dourado, por me ensinar que, antes de ser professor ou pesquisador, sou um ser humano e que é a partir do meu lugar de pessoa que devo olhar para o meu aluno. Por tantos momentos de troca, partilha, de construção (ativa) de conhecimento e por aceitar participar desta banca, examinando meu trabalho.

Ao professor Herbertt Neves, por me apresentar à Lexicologia e me possibilitar tantos momentos de troca e de aprendizado, nas disciplinas do curso e através do GELP. Por ter contribuído com o desenvolvimento desta pesquisa, através das orientações na concepção do projeto, assim como pelas orientações no estágio, sempre feitas com muita atenção e empatia. Por ter sido importante na minha formação acadêmica, profissional e pessoal, além de contribuir com o exame deste trabalho.

Aos meus professores e professoras da graduação em Letras, de forma especial: a Aloísio Dantas, por acreditar em mim e por tantas trocas de conhecimento; a Maria Angélica, por me lembrar, em cada encontro, a beleza de ser professor; e a Auxiliadora Bezerra, por contribuir com os embriões da minha monografia.

À professora Márcia Candeia, ao professor Manassés Xavier e a Maria Torres, por terem sido sempre tão acolhedores nas minhas demandas administrativas em relação ao curso. A todos os que compõem a Unidade Acadêmica de Letras.

Aos meus colegas, preceptora e orientadores da Residência Pedagógica. Cada experiência trocada e construída por nós contribuiu com o professor que estou me tornando. Aos meus colegas de graduação, especialmente os que tornaram esse momento da minha vida mais leve.

Ao meu Viviny: Ana Azevedo, Vivian Dias, Izabel Moura, Iviny Sousa e Fernanda Karla. Pelos trabalhos enfrentados juntos, pelas provas, pelas matrículas combinadas, pelas

dificuldades em que nos apoiamos uns nos outros. Obrigado por marcarem positivamente os meus anos de graduando. Eu as levo na memória e no coração.

A Jéssica Renally, por compartilhar comigo os bons e os maus momentos da vida para além da trajetória acadêmica.

A Izabel Moura, Thiago Jorge, Evanielle Freire e Aline Rodrigues, cujas leituras na fase de feitura deste texto foram essenciais para a sua construção.

A João Vítor Aires, Vitória Aires, Renato Cavalcante, Pedro Nóbrega, Gabriela Aires, Júnior Soares, Diogo Soares, Leandro Ferreira e Mércia Farias, por me proporcionarem momentos de alegria e diversão que contribuíram com a minha saúde mental em tempos difíceis. Por me ouvirem falar das pesquisas que estava desenvolvendo para a monografia. Por estarem comigo nos bons e maus momentos. Por serem meus amigos.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação humana, acadêmica e profissional. A vocês, minha eterna gratidão.

*Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?  
(Carlos Drummond de Andrade)*

## RESUMO

Contemporaneamente, é evidenciada uma forma particular de uso da língua, a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), que, recebendo as influências externas do contexto atual, favorece a criação e o uso de termos próprios, como as gírias, as quais, nesse ambiente virtual, são, em grande parte, formadas por material linguístico de outras línguas, materializando, assim, estrangeirismos gírios que podem contribuir com a renovação lexical do português e que circundam o cotidiano de muitos alunos do ensino básico. Destarte, esta monografia teve como objetivo geral analisar as gírias das redes sociais formadas por estrangeirismo na interface com o ensino do léxico. Como específicos, definimos: 1) analisar as gírias formadas por estrangeirismos de língua inglesa que circulam nas redes sociais; 2) discutir como essas gírias favorecem a ampliação do léxico da nossa língua, o português; e 3) refletir sobre como o léxico pode ser abordado em sala de aula, a partir das gírias identificadas pelo processo de importação linguística. Nossos fundamentos teóricos foram baseados na Sociolinguística, para pensarmos sobre a língua e sua relação com a sociedade, a partir de autores como Bortoni-Ricardo (2017; 2004) e Bagno (2017; 2014; 2007), e na Lexicologia, acerca do léxico e da neologia, através das ideias de Carvalho (2014), Trask (2011), Neves (2020) e Correia e Almeida (2012). Para a dinâmica dos estrangeirismos, lançamos mão dos pensamentos de Bechara (2015), Carvalho (2009) e Garcez e Zilles (2004). Sobre a gíria, dialogamos com Preti (1984; 2000; 2004). A respeito do ensino do léxico, utilizamos, sobretudo, as noções de Antunes (2012), Ferraz (2004) e Sarmiento (2019). Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza descritivo-explicativa, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Seu percurso foi traçado através da coleta de gírias nas redes sociais *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*, seguida da aplicação de um questionário *on-line*, através do qual chegamos às gírias mais usadas, com dados sobre aspectos interacionais desse uso, para analisarmos os estrangeirismos gírios em seus sentidos, dados históricos, formação, estrutura, uso e demais classificações indicadas por Carvalho (2009), ao mesmo tempo em que realizamos uma discussão sobre a ampliação lexical através dessas gírias e, em seguida, refletimos sobre o ensino do léxico. Os resultados desta monografia ratificam a potencialidade de ampliação lexical pelos estrangeirismos gírios que circulam nas redes sociais, sendo estes itens que manifestam uma diversidade de sentidos e usos, assim como de estados de formação e aspectos estruturais. Essas importações são, em sua totalidade, lexicais, demonstrando, por um lado, uma padronização dos comportamentos sociais e, por outro, a atribuição de feições próprias dos falantes do português às palavras estrangeiras, seja pela adaptação ou pela especificação de significados e usos. Propomos, com essas análises e a teoria sobre o ensino, reflexões sobre a abordagem do léxico nas aulas de língua portuguesa (LP), ancorados na prática de análise linguística (AL), com o fito de pensar em trabalhos produtivos com os estrangeirismos gírios. Demonstramos, então, a importância desses itens na interação virtual e sua produtividade na ampliação do léxico e no ensino de LP.

**Palavras-chave:** Estrangeirismos gírios. Neologia. Ampliação lexical. Ensino do léxico.

## ABSTRACT

In recent years, a particular form of language use has been evidenced: the Computer Mediated-Communication (CMC), which, receiving external influences from the present context, promotes the creation and use of specific terms, such as slang, which in this virtual environment are, to a large extent, made up of linguistic material derived from other languages, thus materializing foreignism of slang that surround the daily lives of many primary school students and it can contribute to the lexical renewal of Portuguese language. Thus, this monography aimed to analyze social networks slang formed by foreignisms in the interface with lexicon teaching. As specific objectives, we defined: 1) to analyze the slang formed by English language foreignism that circulates on social networks; 2) discuss how the slang promotes the lexicon expansion of our language, Portuguese; and 3) reflect on how the lexicon study can be approached in the classroom, based on the slang identified by the linguistic import process. Our theoretical foundations were based on Sociolinguistics, to think about language and its relationship with society, from authors such as Bortoni-Ricardo (2017; 2004) and Bagno (2017; 2014; 2007), and in Lexicology, about the lexicon and neology, through the ideas of Carvalho (2014), Trask (2011), Neves (2020) and Correia e Almeida (2012). For the dynamics of foreignisms, we used the thoughts of Bechara (2015), Carvalho (2009), and Garcez and Zilles (2004). About slang, we dialogue with Preti (1984; 2000; 2004). Regarding the teaching of the lexicon, we used, most of all, the notions of Antunes (2012), Ferraz (2004) and Sarmento (2019). Methodologically, this research is descriptive-explanatory, with a quantitative-qualitative data approach. Its path was traced through slang collection on the social networks Facebook, WhatsApp, Instagram and Twitter, followed by the application of an online questionnaire, through which we arrived at the most used slang with data about interactional aspects of this use, to analyze the slang foreignisms in their meanings, historical data, creation, structure, use and other classifications indicated by Carvalho (2009), while we carry out a discussion on the lexical expansion through the slang, we reflect on the teaching of the lexicon. The results of this monography confirm the potentiality of lexical expansion by the slang foreignism that circulates in social networks, and these items show a diversity of meanings and uses, as well as formation states and structural aspects. These imports are, in their entirety, lexical, demonstrating, on the one hand, standardization of social behaviors and, on the other, the attribution of specific features of Portuguese speakers to foreign words, whether by adaptation or by the specification of meanings and uses. We propose, with these analyzes and the theory about teaching, reflections on the approach of the lexicon in Portuguese language (PL) classes, anchored in the practice of linguistic analysis (LA), aiming to think about productive works regarding slang foreignism. Thus, we demonstrate the importance of these items in virtual interaction and their productivity in the teaching of PL and the lexicon expansion.

**Keywords:** Slang foreignism. Neology. Lexical expansion. Teaching of lexicon.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - As gírias coletadas. ....	49
<b>Quadro 2</b> - Estrangeirismos gírios mais usados. ....	52
<b>Quadro 3</b> - Os sentidos das gírias. ....	55
<b>Quadro 4</b> - A classificação dos estrangeirismos gírios. ....	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PALAVRAS INICIAIS: À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>DA LÍNGUA AO ENSINO DE PORTUGUÊS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>19</b>
2.1	Língua, léxico e neologia .....	19
2.2	Entre estrangeirismos e empréstimos linguísticos .....	27
2.3	A gíria.....	34
2.4	O ensino de língua portuguesa, os estrangeirismos e a gíria .....	38
<b>3</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS: DELIMITAÇÕES E DIRECIONAMENTOS.</b>	<b>46</b>
3.1	Caracterização da pesquisa.....	46
3.2	Procedimentos de coleta de dados .....	47
3.2.1	As redes .....	47
3.2.2	Percurso de seleção das gírias .....	48
3.3	Categorias e etapas de análise.....	53
<b>4</b>	<b>OS ESTRANGEIRISMOS GÍRIOS NAS REDES SOCIAIS: DO FUNCIONAMENTO AO ENSINO DO LÉXICO .....</b>	<b>54</b>
4.1	<b>Importações linguísticas: as gírias formadas por estrangeirismos e a ampliação lexical .....</b>	<b>54</b>
4.1.1	Os sentidos das gírias .....	54
4.1.2	Dados históricos .....	60
4.1.3	Estrutura e formação: classificação dos estrangeirismos gírios .....	65
4.1.4	Uso.....	70
4.1.5	Os estrangeirismos gírios na dinâmica da ampliação lexical .....	77
4.2	<b>Léxico, estrangeirismos e gírias: algumas reflexões para o ensino .....</b>	<b>79</b>
4.2.1	Anos Finais do Ensino Fundamental: o léxico em função do texto e as atividades epilinguísticas.....	80
4.2.2	O Ensino Médio: das questões político-ideológicas às atividades metalinguísticas.....	86
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>

## 1 PALAVRAS INICIAIS: À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO

A discussão que tange os caminhos trilhados pela humanidade há muito fascina os sujeitos que se propõem a debruçar-se sobre ela. Cada vez mais, o homem se volta para o seu passado, na tentativa de compreender como ou por que se chegou ao ponto em que se está, um momento no qual as transformações sociais, as mudanças e as novidades seduzem o indivíduo moderno, sequioso de celeridade. Considerando isso, o historiador Yuval Noah Harari (2019) divide a história da humanidade em três grandes revoluções: a Cognitiva, com mudanças no nosso DNA; a Agrícola, pela fixação dos povos nômades; e a Científica, com os progressos industriais, científicos e tecnológicos. Na perspectiva de Gabriel (2013), no entanto, devemos acrescentar a essa linha cronológica uma outra: a Revolução Digital.

Com os avanços das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), aconteceram modificações substanciais em todos os campos das relações humanas. Para notarmos isso, basta retomarmos o que disse Marshall McLuhan (1967), no final da década de 1960: “tudo está mudando - você, sua família, sua educação, sua comunidade, seu governo, suas relações com os outros. E está mudando dramaticamente” (MCLUHAN, 1967, p. 8 *apud* BARTON; LEE, 2015, p. 11). Por volta de 1960, começaram os primeiros registros de uso da informática para fins comerciais, os primeiros homens e até mesmo robôs foram à lua. Quase uma década antes, a televisão, grande veículo de comunicação em massa, já estava no Brasil, anos depois de o rádio ser difundido pelo mundo.

Estamos, contemporaneamente, vivendo mais e, com a queda das fronteiras globais, estamos mais conectados uns aos outros, na e pela linguagem. Prova disso é apresentada por Paiva (2016, p. 65), quando afirma que “a interação humana se complexificou com as tecnologias digitais, culminando na criação de comunidades virtuais, constituídas exclusivamente pela linguagem”. Essas comunidades são, em outras palavras, as redes sociais, as quais surgem quando um conjunto (ou rede) de computadores faz com que uma rede de pessoas e organizações possam se conectar (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997, p. 1). As redes sociais se constituem em comunidades, através das quais, por meio da troca de informações, experiências ou quaisquer outras interações, existe também um intercâmbio de usos linguísticos, de comportamentos verbais. Assim, nesse contexto de aldeia global, que aponta para como o mundo está inexoravelmente conectado, a língua, evidentemente, não fica incólume.

Os estudos linguísticos, e até mesmo pensadores antes da Linguística moderna, refletem muito sobre a língua, buscando uma definição. No Curso de Linguística Geral, cujas ideias são atribuídas a Ferdinand Saussure<sup>1</sup>, a língua deve ser vista de maneira autônoma:

[...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma [...] (SAUSSURE, 2012, p. 41).

De acordo com Cyranka (2014), Saussure definiu que a língua é um conjunto de relações, cujo sistema constituinte é mais fundamental do que os elementos que dele fazem parte. Para o mestre genebrino, “o sentido está relacionado à noção de valor determinado pela ideia de oposição em que se colocam os signos linguísticos, de tal modo que tudo se constitui dentro do próprio sistema, nada dependendo das situações externas à língua” (CYRANKA, 2014, p. 172). O estruturalismo, então, coloca em evidência a língua como sistema homogêneo, idealizado e superior aos falantes, desconsiderando, dessa forma, a fala, por considerá-la o lugar do caos.

Nos estudos sociolinguísticos, a partir da década de 1960, e sobretudo com os estudos de William Labov (2008), a língua foi vista como um sistema heterogêneo, variável e mutável, e a sua observação passou a ser feita com base no contexto social, isto é, em seus falantes. Defini-la, de acordo com Bagno (2014), não é tarefa simples, mas uma possibilidade, baseando-se nos postulados variacionistas, é compreendê-la como um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e mental, partilhado por membros de uma comunidade como repertório comunicativo, servindo de interação e integração, que se organiza fonomorfofossintaticamente, coevolui, é variável e mutante, sendo manifestado por meio de repertório limitado de sons.

Como “suporte de uma dinâmica social” (PRETI, 1984, p. 2) e sendo um sistema de convenções criado por uma sociedade e pautado em determinados aspectos histórico-sociais, a língua recebe as influências dos momentos pelos quais seus falantes passam e, também, dos suportes pelos quais é veiculada. Com a Revolução Digital, alguns usos linguísticos se tornaram característicos dos ambientes digitais, cujo conjunto de marcas é chamado por Marcuschi (2005) de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) ou Discurso Eletrônico. Também Barton e Lee (2015) abordam a CMC, marcada por traços como: (i) acrônimos e siglas (ex:

---

<sup>1</sup> No atual momento, considera-se pertinente apontar que, embora o Curso de Linguística Geral seja atribuído a Saussure, sua elaboração foi realizada, sobretudo, por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir de ideias apresentadas pelo mestre genebrino.

*PFV*, para “por favor” e *rs* para “risos”), (ii) reduções de palavras (ex: *vc* para “você”), (iii) homófonos letra/número (ex: *U* para “you”), (iv) grafia e pontuação estilizada (ex: “*eu tô muuuuuuuuito feliz!!!!!!!!!!!!!!*”). Essa comunicação é descrita, ainda, como menos monitorada, mais fluida, dotada de recursos especiais - como os *emojis* e *stickers* - e de termos específicos, como, por exemplo, gírias, consideradas, em linhas gerais, como vocábulos típicos da oralidade e característicos de determinados grupos.

No que se refere à gíria, como um termo característico e vocábulo típico da comunicação digital, Gonçalves da Silva e Patriota (2019; 2020; 2021) desenvolveram um trabalho que demonstra a efetiva presença desse elemento verbal nas trocas linguísticas que ocorrem em sites de redes sociais, assim como a diversidade de gírias encontradas no ciberespaço, indicando esse item como importante subsídio interacional.

Embora as gírias não se limitem ao discurso eletrônico, muitos desses termos específicos surgem a partir da necessidade de universalização da linguagem do meio digital. De acordo com Galli (2005), a título de ilustração, a informática é uma área técnica e seu vocabulário terminológico permite aos locutores falar e entender o mundo e as coisas de forma interativa. Esse ramo do conhecimento não se restringe a localidades específicas, ou seja, as inovações que dele advêm são propagadas em nível mundial. Isso significa que, surgindo um dado novo no campo da informática e essa novidade sendo nomeada em determinada língua, muito possivelmente será usado esse mesmo vocábulo por pessoas falantes de outras línguas. É o que ocorre com termos de língua inglesa do campo da informática, como é o caso de *mouse*, *notebook*, *PC* (*Personal Computer*). Extrapolando o limiar dessa disciplina, com o aceleramento do processo de globalização no século XX e o surgimento das redes sociais, as trocas linguísticas e culturais se intensificaram, favorecendo a criação de novos vocábulos e o uso de termos oriundos de línguas diversas, tendo em vista as questões já elencadas. Assim,

[...] o avanço da tecnologia permitiu a ampliação e padronização do léxico, em área de especialidade, de forma a atender a necessidades em situações de uso; uma questão social e histórica. [...] A internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada (GALLI, 2005, p. 120-121).

Considerando que grande parte do avanço tecnológico é nomeado na língua inglesa, conseqüentemente importado nessa mesma língua, e tendo em vista o prestígio social que os falantes desse idioma têm, “o inglês acabou fixando-se nessa linguagem [da internet], envolvendo também a padronização das palavras e dos conceitos sociais” (GALLI, 2005, p. 122). A língua inglesa, portanto, é a que tem maior influência nessa sistemática, sob a ideia de

que é preciso facilitar o “caminhar” dos indivíduos na internet, tendo ela *status* de “língua universal”. Isso reforça o que Bourdieu (1977) alertava, de que o poder da palavra é o de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante, concentrando-a em um ato linguístico. A partir do momento em que esses termos, criados com material do inglês em função de uma linguagem da internet que visa a criação de usos próprios do mundo digital, passam a ser usados por falantes de outras línguas que não a inglesa tem-se a marca da globalização, pois, conforme Galli (2005, p. 122), “as expressões ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização”. Há, assim, termos específicos usados no português, formados a partir de estrangeirismos, mediante as trocas realizadas nas redes sociais, além das outras possibilidades já conhecidas e descritas na literatura científica. Estes vocábulos, sendo usados criptologicamente pelos usuários das redes sociais, configuram o fenômeno gírio.

Esses apontamentos iniciais nos levaram a pensar nas influências do inglês na criação de termos específicos da linguagem digital, especialmente nos usos feitos nas redes sociais virtuais, dirigindo o nosso olhar para as gírias, considerando-as como importantes elementos da comunicação nas redes. Além disso, cremos que, sendo essa linguagem um elemento que deve ser trabalhado no ensino de português, é preciso que reflitamos sobre as possibilidades de abordagem na escola dessas gírias. Diante disso, buscamos, nesta pesquisa, encontrar respostas para os seguintes questionamentos: *como se dá o funcionamento das gírias da internet formadas por estrangeirismos da língua inglesa? Como podemos pensar o ensino do léxico a partir dessas gírias?*

A fim de respondermos às perguntas elencadas, tivemos, como objetivo geral: analisar as gírias das redes sociais formadas por estrangeirismo na interface com o ensino do léxico. Como específicos, propomos: 1) analisar as gírias formadas por estrangeirismos de língua inglesa que circulam nas redes sociais; 2) discutir como essas gírias favorecem a ampliação do léxico da nossa língua, o português; e 3) refletir sobre como o léxico pode ser abordado em sala de aula, a partir das gírias identificadas pelo processo de importação linguística.

Em vista do que expusemos, esta pesquisa encontra sua justificativa e relevância por colocar em evidência temas caros à atualidade e necessários aos estudos linguísticos. De início, enfocamos as relações entre língua e sociedade sob a égide do mundo digital e todas as suas influências nos usos linguísticos dos falantes empreendidos nas redes sociais, materializados nas gírias que nelas circulam. Lançamos luz, a partir disso, sobre dois objetos da Linguística ainda marginalizados socialmente - a gíria, tida como um uso reprimível, e o estrangeirismo, considerado um invasor na língua portuguesa (LP). Acrescente-se a isso o fato de, unindo os

estrangeirismos, as gírias e as redes sociais, inseridos nas problemáticas supracitadas, pensarmos o ensino do léxico como um componente essencial nas aulas de língua materna, por vezes colocado em um plano inferior na escola básica (ANTUNES, 2012).

Além disso, o trabalho com a linguagem do ciberespaço com vistas ao desenvolvimento do letramento digital dos alunos está previsto em duas das competências gerais da Educação Básica, estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que define as aprendizagens mínimas para os alunos brasileiros:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e *digital* –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar *tecnologias digitais de informação e comunicação* de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se *comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva*. (BRASIL, 2018, p. 9, grifos nossos)

Esta pesquisa também sequencia outras anteriormente realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), no qual, durante dois anos, investigamos o uso das gírias nas redes sociais, a importância de seu conhecimento para a interação nessas redes e seus processos de formação. Nesta pesquisa, o escopo é tanto ampliado, abrangendo o ensino do léxico, quanto especificado, enfocando os estrangeirismos gírios. Como se nota, pelos resultados das pesquisas e pelo que foi aqui apresentado, não se pode ignorar, nem no ensino básico, nem na academia, a linguagem digital, seus termos específicos e suas implicações para o ensino.

Nosso trabalho se estrutura, para além do capítulo de introdução, intitulado *Palavras iniciais: à guisa de uma conclusão*, no capítulo *Da língua ao ensino de português: pressupostos teóricos*, no qual apresentamos a revisão da literatura relevante acerca da língua, do léxico e da neologia, dos estrangeirismos e empréstimos, da gíria e do ensino do léxico. Em seguida, no capítulo metodológico, cujo título é *Aspectos metodológicos: delimitações e direcionamentos*, apresentamos a caracterização da nossa pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e as categorias e etapas de análise. O quarto capítulo, intitulado *Os estrangeirismos gírios nas redes sociais: do funcionamento ao ensino do léxico*, abarca as nossas análises das gírias, em relação à ampliação lexical e ao ensino de LP. Indicamos, em seguida, as *Considerações finais*, capítulo

que reúne as nossas conclusões e pensamentos ao final da realização desta pesquisa. O texto é encerrado com as referências lidas.

## 2 DA LÍNGUA AO ENSINO DE PORTUGUÊS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Consoante sugerido na introdução deste trabalho, o nosso percurso teórico-metodológico intersecciona dois ramos da Linguística, traçando relações com os estudos da linguagem digital: a Sociolinguística e a Lexicologia. No presente capítulo, iniciamos nossas considerações a partir dos pressupostos da primeira corrente, seguidos de nossas demais orientações teóricas.

### 2.1 Língua, léxico e neologia

Duas premissas básicas são assumidas pela Sociolinguística Variacionista: o relativismo cultural, segundo o qual uma manifestação de cultura vista com prestígio na sociedade não é, necessariamente, superior a outras, e a heterogeneidade linguística, inerente e sistemática, marcada em todo o sistema linguístico (BORTONI-RICARDO, 2017). No que se refere ao primeiro postulado, compreender que nenhuma manifestação cultural é superior a outra é de extrema importância quando se trata do fenômeno da gíria, inserido na Teoria da Variação, haja vista, por conseguinte, a heterogeneidade do que se chama “língua”. Conforme Bagno (2007, p. 36), “a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução”.

Essa perspectiva de heterogeneidade da língua está relacionada ao que, segundo o mesmo autor, constitui-se como um dos objetivos centrais da Sociolinguística, que é relacionar a heterogeneidade social à heterogeneidade linguística, tendo em vista que, em suas palavras: “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra” (BAGNO, 2007, p. 38). Portanto, indica Bagno (2007), se é sabido que a língua é falada por seres que convivem em sociedades e que essas sociedades e seres são sempre heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, é inconcebível considerar a possibilidade de as línguas permanecerem estáveis e homogêneas.

Nesse sentido, em consonância com as ideias da corrente Sociolinguística, Faraco (2019, p. 35) defende que “uma língua é, na verdade, uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais”. Tendo uma intrínseca relação com seus falantes, a língua é uma espécie de guarda-chuva, sob o qual se abrigam inúmeras variedades representativas de grupos sociais. Ela é, assim, “um conjunto de variedades distribuídas no espaço geográfico e social e no eixo do tempo, conjunto que os falantes, por razões históricas, políticas e socioculturais, idealizam com uma realidade uma onde não há, efetivamente, unidade” (FARACO, 2019, p. 35).

De maneira complementar, Bagno (2007, p. 36, grifos do autor) considera a língua como “um *processo*, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma *atividade social*, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Sendo a língua um conjunto de fatores, ligados a fatos linguísticos inerentemente heterogêneos, os quais são observados nas interações dos grupos sociais que refletem essa heterogeneidade, consideramos a língua vista numa concepção interacionista.

A língua se realiza pelos seus falantes em situações de interação. É somente nessas ocasiões que se pode analisar a relação intrínseca existente entre o sistema linguístico e a sociedade. Quando pensamos em interação, a composição da palavra nos dá indícios de sua ideia - *ação entre dois ou mais sujeitos*; a linguagem é, portanto, responsiva. Nas palavras de Antunes (2014, p. 23, grifos nossos), “uma língua, qualquer língua do mundo, é um conjunto de recursos vocais (ou de recursos gestuais, como no caso das línguas de sinais) de que as pessoas dispõem para *realizar seus objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras*”. Nota-se que, conforme o pensamento da autora, a língua nessa perspectiva consiste em recursos à disposição dos falantes, uma gama de possibilidades com uma finalidade específica, a de atender objetivos dentro de situações comunicativas. É nesse sentido que se fala em um *contínuo de monitoramento estilístico*, pelo qual os usos dos falantes tendem a ser mais ou menos monitorados, a depender da situação e dos interactantes, por exemplo (BORTONIRICARDO, 2004).

De forma mais concreta e facilmente identificável, é nas escolhas linguísticas dos falantes que se faz visível o monitoramento estilístico, sobretudo a partir dos itens lexicais. Importa, assim, referirmo-nos ao campo da Lexicologia que, de acordo com Biderman (2001, p. 16), é uma ciência antiga que “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Cabe à Lexicologia, consoante Barbosa (1990), a formulação de teorias, com o fito de descrever e analisar o léxico, além de analisar os processos de renovação lexical. Assim, a observação de gírias formadas por material linguístico de outras línguas é, indubitavelmente, um dos pontos de encontro entre as ciências do léxico e a Sociolinguística, sobretudo ao pensarmos nesses vocábulos como marcas de expansão lexical de uma língua.

Posto isso, cabe pensarmos a respeito do léxico<sup>2</sup>. Nos dicionários de língua, é comum vislumbrarmos definições que o ilustram como uma espécie de lista estática de termos, dos quais se valem os falantes de maneira igual, desconsiderando aspectos interacionais, por exemplo. No Glossário CEALE, o verbete *Léxico* amplia o horizonte apresentado no dicionário:

O conjunto das *palavras e expressões* de uma língua é denominado léxico. A noção de léxico é *abstrata*, visto que não se consegue saber exatamente qual é o total de palavras em uso. Como a língua está em constante mudança, *ora surgem palavras novas, ora palavras caem em desuso*. Logo, nem mesmo os dicionários padrão, por maiores que sejam, conseguem registrar essa *dinâmica lexical*. Nas práticas discursivas diárias, os falantes fazem uso de apenas uma parte do léxico, ou seja, de um subconjunto desse total de palavras, denominado *vocabulário* (ou repertório lexical). Assim, vocabulário é o conjunto de palavras (ou vocábulos) e expressões efetivamente utilizados, seja por uma pessoa em textos orais ou escritos, seja por um grupo de pessoas de uma determinada faixa etária, de uma certa região ou de uma época específica. (CARVALHO, 2014, p. 189, grifos nossos)

Conceber o léxico como esse conjunto de palavras e expressões de uma língua de forma abstrata traz à tona o fato de esse componente não ser quantificável; não há como precisar, por exemplo, quantos itens lexicais o português brasileiro tem, haja vista que diariamente surgem novos termos, novas expressões, que vão sendo incorporadas, inicialmente, ao vocabulário de grupos específicos de falantes e, se aceitos pela comunidade, passam a incorporar o repertório lexical dos usuários da língua. É, nesse sentido, que a distinção apontada pela autora se insere.

Enquanto o léxico é um conceito amplo e que engloba em si uma inumerável quantia de elementos, fazendo parte do universo de uma língua associada à sua história, o vocabulário se constitui em algo mais limitado, que diz a respeito dos usos de determinados grupos ou de uma época delimitada. Isso reflete a dinamicidade lexical de que trata Carvalho (2014): os falantes mudam constantemente, as sociedades se adaptam, as culturas são alteradas; consoante a isso, o léxico é ampliado. A dinâmica desse sistema está intrinsecamente ligada às relações sociais, marcadas no tempo, no espaço e na cultura.

As noções que abordamos são ampliadas ao observarmos as considerações de Trask (2011, p. 155):

O vocabulário de uma língua. Todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende seu *vocabulário ativo*, ou seja, as

---

<sup>2</sup> Há a possibilidade de discussão acerca do objeto do léxico ser o item lexical, enquanto do vocabulário ser o vocábulo, conforme Neves (2020). Para este estudo, utilizamos ambas as possibilidades terminológicas como termos para nomearmos uma mesma realidade, a fim de evitar a necessidade de maiores discussões conceituais, assim como por considerarmos que a visão do item não exclui o vocábulo.

palavras que dele faz uso, e seu *vocabulário passivo*, ou seja, as palavras que ele compreende, mas normalmente não usa. Em linguística, porém, geralmente não se fala do vocabulário de uma determinada língua, e sim de seu léxico, o inventário total de palavras disponíveis aos falantes. É muito comum que o léxico não seja entendido apenas como uma longa lista de palavras, ao contrário concebemos o *léxico* como um conjunto de recursos lexicais, que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos. [...] (grifos do autor).

Pelo apresentado, em primeiro plano se aponta o léxico não como lista de palavras, conforme as definições dos dicionários dão margem à compreensão, mas como um conjunto de recursos que incluem morfemas lexicais (entendidos como os elementos mínimos de sentido da língua que têm significado biossocial ou extralinguístico) e os processos de ampliação lexical. Além disso, quando trata sobre o vocabulário, o autor considera dois tipos: o ativo, referente às palavras das quais o falante constantemente faz uso, e o passivo, relacionado àquelas que ele compreende, mas não usa. Nessa perspectiva, pelas palavras de Biderman (2001 [1978]), temos que:

É certo que cada indivíduo, membro da comunidade que fala essa língua, domina apenas uma parcela pequena do Léxico global. Vamos chamar de I1 o Léxico total desse sujeito. Um outro indivíduo dominaria o repertório I2, que coincidirá parcialmente com I1; um terceiro indivíduo disporá de um repertório léxico I3, e assim por diante. Onde:  $L = I1 + I2 + I3 + \dots + In$  (BIDERMAN, 2001 [1978], p. 180).

Associando as ideias de Trask (2011) e Biderman (2001 [1978]), podemos considerar o léxico global como sendo o conjunto virtual de todas as palavras da língua, enquanto que o léxico total dos sujeitos, a pequena parcela do léxico global, seria o repertório lexical do indivíduo. Do léxico global, cada sujeito, membro de uma comunidade que fala a mesma língua, domina uma parte, conforme a autora aponta. De alguma forma esses léxicos se inter-relacionam, formando interseções, fazendo com que as gírias, objeto de nosso estudo, possam estar inseridas tanto nos léxicos parciais quanto no global.

Uma outra concepção que se faz necessária é indicada por Ferraz (2006), que considera ser o léxico:

[...] o conjunto total de palavras de uma língua, constituído de *unidades criadas a partir da necessidade*, expressa pelos *grupos sociais*, de *interação com o universo sociocultural*, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas (FERRAZ, 2006, p. 220, grifos nossos).

Embora seja uma ideia geral acerca do léxico, a definição de Ferraz (2006) conduz o pensamento para alguns aspectos acerca do sistema lexical. Sendo constantemente “alimentado” com novas unidades que decorrem de necessidades ou realidades de grupos sociais em interação, é o componente da língua mais aberto e suscetível à mudança e à variação. Conseqüentemente, são os itens lexicais que carregam uma maior marca identitária dos falantes de uma língua, porque estão associados diretamente às suas experiências. Além disso, um dado importante a ser ressaltado e que aparece nas últimas definições acerca do léxico é o caráter eminentemente sociocultural desse componente, associado, assim como a língua, a uma história, a um povo, a ideologias. Portanto, é preciso que analisemos o léxico de um idioma a partir de seu aspecto internacional, haja vista que é a partir das interações ocorridas entre os falantes de determinada língua que o léxico aparece e é posto em uso, sendo alterado, renovado, ampliado.

Uma possível categorização maior das concepções de léxico é dada por Neves (2020), segundo o qual há três possibilidades: (i) a concepção estrutural; (ii) a concepção cognitiva; e (iii) a concepção textual-interativa. No primeiro caso, a ideia de léxico está próxima dos pensamentos estruturalistas acerca da língua, que influenciam na delimitação do sistema lexical. O interesse reside, então, na estrutura do léxico, na categorização de padrões:

A preocupação, pois, de uma Lexicologia Estrutural é identificar padrões gramaticais nos processos de formação das palavras da língua. Para isso, são realizados estudos sobre os morfemas que compõem os itens lexicais e seus graus de significação contidos em radicais e afixos (NEVES, 2020, p. 76-77).

No que diz respeito à concepção cognitiva, parte-se da abordagem gerativista de Noam Chomsky, que conduziu uma tentativa de analisar objetos lexicais de forma hierárquica e inseridos em matrizes:

Esses traços seriam espécies de compartimentos do cérebro humano responsáveis por categorizar em matrizes de significação os estímulos linguísticos dos falantes. Trata-se, pois, de uma noção mentalista, biologizante da dinâmica lexical. O tratamento científico do processamento lexical a partir de matrizes de armazenamento de sentido é o ponto característico principal da concepção cognitiva (NEVES, 2020, p. 82).

Interessa-nos, neste trabalho, a concepção textual-interativa, pois as anteriores elencadas não permitem, isoladamente, a compreensão do funcionamento do léxico, nem tampouco, com efeito, das gírias que se usam nas interações via redes sociais. Conforme Neves,

(2020), é somente com a consideração de aspectos interacionais que podemos vislumbrar a pluralidade de sentidos que um texto é capaz de produzir. Não excluimos, no entanto, a pertinência de uma análise que utilize aspectos estruturais ou cognitivos do léxico, mas apontamos para a insuficiência de um olhar limitado a essas concepções. De acordo com o autor:

Seu caráter textual justifica-se porque, para o entendimento da dinâmica lexical, são observadas as relações de textualidade, voltadas à organização e à funcionalidade do texto, com olhar específico para as propriedades da coerência e da coesão. Seu caráter interativo explica-se no fato de que, para análise da textualidade, recorre-se a elementos da interação verbal, como o tema, o contexto ou o perfil dos interlocutores (NEVES, 2020, p. 89).

Para compreendermos o funcionamento das gírias formadas por estrangeirismos de língua inglesa que são usadas nas redes sociais, é necessário que observemos o uso desses itens lexicais considerando a situação comunicativa, pelos aspectos interacionais, assim como textuais, sobretudo no que se refere ao conhecimento partilhado entre os usuários acerca dos significados das gírias, conforme indicam Gonçalves da Silva e Patriota (2020). Essa dinâmica interacional ativa o mecanismo de formação de novas gírias nas redes sociais, assim como estimula os seus usos em determinados contextos, o que pode, como pretendemos demonstrar, ser considerado como uma das formas de ampliação do léxico da língua, fenômeno esse que ocorre graças à capacidade natural de renovação das línguas e que é potencializado, na contemporaneidade, pela Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), retomando o exposto na introdução desta monografia.

Destarte, é inquestionável o fato de as línguas naturais serem constantemente renovadas, através da incorporação de novos itens. Gonçalves (2016) considera cinco motivos para a criação de novas palavras, a saber: (i) a nomeação de novas realidades; (ii) a necessidade de mudança na classe da palavra; (iii) palavras criadas em função do texto; (iv) itens para a expressão de um ponto de vista; (v) termos novos para a identificação com um grupo. Em todo o caso, essa criação é possível graças à *neologia*. Nas palavras de Carvalho (1984, p. 7-8):

A evolução da sociedade nas últimas décadas tem sido tão vertiginosa em todos os setores, que se torna para nós um desafio acompanhá-la, estar a par de tudo que se passa a nossa volta. Mas, não acompanhar esse ritmo não significa ficar de fora, desconhecer as informações mais recentes. [...] A língua, espelho da cultura, reflete essa busca frenética de novidade evoluindo rapidamente introduzindo novos termos, logo aceitos.

Incorporar os novos termos significa acompanhar a sociedade e suas modificações, o que implica uma marca sociocultural e até mesmo ideológica desses itens. Assim, comprova-se que novas palavras surgem constantemente nas línguas. Para Alves (1994), o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova, pois determinadas palavras deixam de ser usadas, enquanto outras são criadas e rapidamente se espalham nas interações. A *neologia*, no dizer da autora, é o nome que se dá ao processo de criação lexical, enquanto que o *neologismo* é o elemento resultante, a nova palavra. Ao pensar sobre a neologia na LP, Alves (1994, p. 5) considera que “o estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição”. Hoje, no entanto, é notória a massiva presença de termos advindos de línguas além do latim, o que não é um dado recente. Desde o início de sua formação, o português recebeu influência de outros sistemas linguísticos:

[...] empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhol e italiana) (ALVES, 1994, p. 6).

O dado novo que se nota nos processos neológicos a partir de outras línguas é como se dá essa criação, não mais a partir de, somente, trocas comerciais ou convivência na colônia, mas também, e sobretudo, mediante interação e influência cultural a partir de sites de redes sociais. A língua, como patrimônio comunitário, não se fecha a essas influências.

De acordo com Carvalho (1984, p. 8), neologismo é um “termo que significa nova palavra, composto híbrido do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra). Estão os neologismos ligados a todas as inovações nos diversos ramos de atividade humana, seja a arte, técnica, ciência, política ou economia”. Nem todas as palavras surgidas, entretanto, são aceitas, pois a língua possui uma espécie de autorregulação a si inerente, uma vez que a adoção do neologismo é uma seleção, mediante a qual se aceita normalmente aquilo que é funcional, o que corresponderá a uma necessidade estética, social ou de rotulação da sociedade (CARVALHO, 1984).

A neologia é, segundo Correia e Almeida (2012, p. 17), uma denominação que se refere a dois conceitos distintos: (i) “a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos”; e (ii) “o estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua”. No que se refere ao

primeiro conceito, a capacidade ou processo de renovação lexical, as autoras apontam três tipos de neologia: a denominativa, a estilística e a de língua.

Os neologismos que surgem da neologia denominativa são resultantes da necessidade de nomear novas realidades, sejam objetos, conceitos ou atos, que anteriormente não existiam. Um exemplo disso foi visto no vocabulário de alguns falantes do português brasileiro durante a pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), os quais, para nomear pessoas acometidas pela doença, fizeram uso do item *encoronado*, utilizando-se dos processos de derivação, a partir de prefixos e sufixos já conhecidos. Normalmente, conforme Correia e Almeida (2012), a neologia denominativa integra formas que resultam da produtividade linguística.

Já a neologia estilística consiste em uma procura de maior expressividade do discurso, “para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito uma certa visão do mundo” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.18). O resultado dessa neologia, os neologismos estilísticos, no dizer das autoras mencionadas, surgem a princípio no nível do discurso e são geralmente formações efêmeras, raramente entrando no sistema da língua, tendendo a desaparecer rapidamente. Grande parte das gírias criadas podem ser consideradas como neologismos estilísticos, em função da expressão da visão de mundo que o grupo que delas faz uso tem e da necessidade de ocultar os sentidos aos quais se referem as gírias.

Os neologismos de língua, por seu turno, são unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das unidades lexicais da língua, não geram sentimento de novidade nos falantes.

O neologismo, refletindo uma face sociopolítica e ideológica de uma língua, não surge do nada nem tem sua análise (profícua e produtiva) centrada apenas em aspectos estruturais. Nesse sentido, cabe dar voz às palavras de Xu (2001, p. 5 *apud* ALVES, 2004), ao considerar que “o neologismo, sendo a forma engajada das novas necessidades, constitui o sinal da mudança linguística e das mutações sociais de uma dada época”<sup>3</sup>. Os termos neológicos são, assim, retratos de uma dada época, carregam em si concepções, histórias, ideologias e representam marcas de mudanças sociais e linguísticas.

Para a incorporação de novas palavras, de acordo com Correia e Almeida (2012), veem-se disponíveis três mecanismos básicos: (i) a construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua, como é o caso da *composição* e *derivação*; (ii) a atribuição de novos significados

---

<sup>3</sup> Texto original: “[...] le néologisme, étant la forme engagée des besoins nouveaux, constitue le signe du changement linguistique et des mutations sociales d’une époque donnée” (Tradução nossa).

a palavras já existentes, que é o caso da *neologia semântica*; e (iii) a importação de palavras de outras línguas, mecanismo ao qual dedicaremos a próxima seção.

## 2.2 Entre estrangeirismos e empréstimos linguísticos

Consoante ao apresentado anteriormente, as variadas atividades dos falantes na vida em sociedade são propícias à criação de novas palavras, a fim de atender necessidades específicas, sejam elas científicas, culturais ou da comunicação de uma maneira genérica. Para Bechara (2015), os empréstimos são uma fonte de revitalização lexical, considerando que, opostamente aos neologismos, há os arcaísmos, representados por palavras e expressões que saem de uso e acabam esquecidas em dada comunidade linguística. Há os empréstimos, segundo o gramático, que se adaptam mais facilmente às estruturas do português (*tênis, futebol, muçarela*), os que combinam elementos (*mozzarella, mezanino*) e os que resistem ao aportuguesamento (*show, gay*). Buscaremos, nesta seção, delimitar algumas ideias e classificações sobre esse fenômeno linguístico, assim como refletir sobre sua ocorrência no mundo digital e seus efeitos.

Nas palavras de Bechara (2015, p. 618), estrangeirismo é “o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua”. Para o autor, os estrangeirismos léxicos entram no idioma por uma natural assimilação cultural ou de contiguidade geográfica, e assumem uma espécie de sentimento político-patriótico condenável diante dos puristas da língua, segundo os quais os vocábulos trazem um selo de subserviência e degradação do país, desconsiderando que a língua é um produto social que registra, nos estrangeirismos, os contatos de povos, ou seja, suas relações interacionais, comerciais e de poder, como é notável ao observar o uso de estrangeirismos gírios nas redes sociais. Na verdade, contribuí para a repulsa por parte dos puristas e dos falantes em geral o fato de os vocábulos estrangeiros serem reflexos de antigas dissensões históricas. Um exemplo disso, dado por Bechara (2015), é o repúdio aos galicismos, ou palavras de origem francesa, que nasce da repulsa dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot à época em que Napoleão ordenou a invasão de Portugal. Em nossa época, essas dissensões se efetivam na constante influência (sobretudo norte-americana) que o Brasil recebe de outras nações.

Embora Bechara (2015, p. 619) considere que, em determinados estudos, há uma divisão entre palavras que não são mais facilmente percebidas como oriundas de outras línguas, por já terem sido modificadas conforme o sistema linguístico da língua receptora (empréstimo) e as que resistem e mantêm suas características do idioma de origem (estrangeirismo), o autor indica que o termo *empréstimo* “abarcas estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos

quanto aos sintáticos e semânticos”. Neste trabalho, contudo, julgamos interessante a reflexão sobre essa dicotomia que vem sendo discutida.

De maneira análoga, em seu *Dicionário crítico de sociolinguística*, Bagno (2017, p. 106), no verbete *empréstimo*, defende que se tem um “empréstimo quando um item lexical de uma língua entra no vocabulário de outra, como o inglês *flirt* no português (flerte) ou o português cobra no inglês. O termo *empréstimo* se refere tanto ao processo quanto ao item ‘tomado emprestado’ [...]”. Além disso, o empréstimo pode apresentar diferentes graus de integração na língua que o recebe. No caso de *flirt*, exemplo dado pelo autor, houve uma adaptação ortográfica, a fim de que o padrão silábico do português fosse respeitado, tendo consequências também fonéticas, com o intuito de reproduzir o mais próximo possível a pronúncia original, resultando em *flerte*.

Quanto aos sentidos, Bagno (2017, p. 107) aponta que é muito comum “que o empréstimo assuma, na língua receptora, sentidos que não tem na língua de origem”. Dados em relação a isso são apresentados por Gonçalves da Silva e Patriota (2019), assim como serão discutidos nesta monografia.

Bagno (2017) destaca que, sendo os empréstimos um fenômeno sociocultural, despertam reações variadas. Em diferentes graus, sentimentos e atitudes xenófobas, o nacionalismo e o purismo linguístico têm sido potencializados com o atual predomínio do inglês como língua de comunicação internacional. Por vezes, essas reações geram ações de política linguística, a fim de conter os usos linguísticos de vocábulos estrangeiros, como foi o caso da tentativa do deputado Aldo Rebelo, em 1990, no Brasil, conforme apresentaremos adiante.

Cabe observarmos, nesse sentido, a visão acerca do uso de palavras estrangeiras por parte de alguns gramáticos, que se filiam a uma posição purista de língua. De acordo com Mendonça (2008), há grande uma carga ideológica e política nessas concepções, sob a ideia de que as palavras estrangeiras ameaçam a unidade linguística e social do país:

[...] como vicioso quando há um correspondente em língua vernácula; há a necessidade de demarcação/separação do estrangeirismo com as aspas; há a necessidade de domesticação do estrangeirismo pela língua importadora, ou seja, a conformação daquele ao sistema linguístico desta; há uma reação ao estrangeirismo que representa perigo à unidade linguística nacional (na primeira metade do século XX, a língua estrangeira que representa esse perigo é o francês; na segunda metade, é o inglês) (MENDONÇA, 2008, p. 182).

Para uma consideração inicial acerca da distinção proposta entre estrangeirismo e empréstimo, trazemos à tona as palavras de Alves (1994):

Enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua *não faz parte do conjunto lexical desse idioma*. A fase propriamente neológica do item no estrangeiro ocorre quando está *se integrando à língua receptora*, integração essa que pode manifestar-se através de adaptações gráfica, morfológica, ou semântica [...]. A forma gráfica integrada ao português chega a concorrer com o elemento grafado de acordo com a língua de origem. (ALVES, 1994, p. 77, grifos nossos)

A partir do pensamento da autora, é possível notar que há, sim, uma necessária diferenciação entre esses elementos, que alguns preferem manter sob o rótulo de empréstimo. Ademais, o uso de uma palavra estrangeira, praticamente no nível idioletal<sup>4</sup>, não configura, de fato, a inserção desta no léxico da língua, porque não tem, inicialmente, a identificação de uma comunidade linguística, de modo que esta faça uso do item lexical de maneira constante e natural de tal forma que ele seja considerado parte integrante do sistema. Isso é primordial ao refletirmos sobre as mudanças e as variações inerentes à língua; um único indivíduo fazendo uso da palavra estrangeira não fará com que esta passe a pertencer ao léxico. Além disso, o termo *empréstimo* é passível de problematizações, porque traz, como pressuposto, a ideia de que o material linguístico foi “emprestado”, de maneira que, em algum momento, deverá ser devolvido, o que não acontece na dinâmica dos estrangeirismos.

É comum, entre aqueles que fazem a distinção estrangeirismo/empréstimo pensar em etapas, conforme vemos:

Numa primeira etapa, o *elemento estrangeiro*, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como *externo* ao vernáculo dessa língua. É então denominado *estrangeirismo*, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência. (ALVES, 1994, p. 72-73, grifos nossos)

O estrangeirismo é, com base na autora supracitada, um elemento alheio à língua, notoriamente perceptível pelos falantes da língua que o recebe. O momento em que esse item lexical estranho é usado ainda na sua forma bruta é considerado com uma espécie de “estágio probatório” (CARVALHO, 1984; 2009). Durante esse período, um número maior de usuários começa a fazer uso da palavra, observando-a, provando-a. Se, de fato, forem atendidas as necessidades da sociedade ao usar o termo estrangeiro, nesse mesmo processo de uso do item, é possível que aconteçam paulatinamente adaptações, mormente de cunho ortográfico ou

---

<sup>4</sup> Para Bagno (2007, p. 48), o idioleto “designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.”.

fonológico. Seguindo o pensamento de Alves (1994), é passando por esse estágio, sendo aprovado e moldado pelos falantes que o até então elemento externo passa a ser interno, constituinte do sistema lexical da língua, originando o *empréstimo*.

Análogo ao pensamento de Alves (1994), Freitas e Neiva (2006) indicam que,

embora a nativização de empréstimos possa ocorrer tanto por via oral como por via escrita, em ambas as situações pressupondo um falante bilíngue como aquele que introduz a forma estrangeira no seu sistema nativo, uma forma só poderá ser considerada como incorporada à língua importadora, isto é, como plenamente nativizada, se seu uso não está mais restrito a falantes bilíngues, mas já ganhou domínio geral e incorporou-se ao vocabulário de domínio de falantes que desconhecem ou têm escasso domínio da língua de origem da referida forma. (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 17)

O “estágio probatório” que outros autores indicam como o percurso de inserção do estrangeirismo na língua é conceituado por Freitas e Neiva (2006) como sendo um processo de *nativização*. Esse fenômeno não exclui a possibilidade de manterem-se as características linguísticas do idioma de origem do item lexical, mas considera que, para a entrada no léxico da língua, é imprescindível que as barreiras de domínio do uso do termo sejam derrubadas ou mesmo diminuídas.

O empréstimo linguístico, então, pressupõe inevitavelmente um processo, um caminho percorrido; ele é, dessa forma, formado a partir de um estrangeirismo, o qual surgiu de uma palavra estrangeira existente em dado idioma. Na esteira dessa linha de pensamento, consideramos adequado, terminologicamente, nomearmos o processo de formação da palavra originada de formas de outra língua de *estrangeirismo linguístico* ou simplesmente *estrangeirismo*, o que não nos levará ao problema de “tomar emprestada” determinada palavra. Nosso posicionamento, então, é favorável à visualização da gíria como sendo formada por estrangeirismo, mas não excluimos a diferenciação entre estrangeirismo (como a palavra estrangeira que é usada na língua receptora) e empréstimo (como item que recebeu adaptações de alguma natureza). Utilizaremos o segundo conceito para delimitarmos a fase de adoção do item, consoante Carvalho (2009), na falta de uma terminologia que consideremos mais adequada.

Observando os contatos linguísticos entre falantes de idiomas diferentes, é notória a propulsão de usos de termos estrangeiros na língua portuguesa, sobretudo em situação de interação mediada pela *internet*. Esse fenômeno diz não só dessas trocas naturais, mas, também de uma influência social e cultural dos países que têm o inglês por língua oficial e materna da maioria dos falantes.

Nesse sentido, “o empréstimo é uma tentativa de reproduzir em uma língua os padrões linguísticos já existentes em outras e uma consequência do contato entre as línguas” (CARVALHO, 2009, p. 48). Embora esse contato já tenha sido abordado, um elemento é relevante de ser comentado. Essa reprodução dos padrões da língua fonte, vista no estrangeirismo, na língua receptora é, na verdade, uma tentativa de reprodução de elementos socioculturais, prova da padronização de costumes sociais indicada por Galli (2005), marca indelével da globalização.

Ao importarmos um item lexical, uma construção sintagmática ou mesmo uma expressão de uma língua estrangeira, trazemos para o nosso idioma elementos culturais que estão associados a esse dado importado. Pensemos, por exemplo, nos eventos acadêmico-científicos. Não raro, encontramos nas programações o *coffe break*, que, no inglês, significa “pausa para o café”, sendo usada para nomear os intervalos entre atividades, nos quais será servido um pequeno lanche. Onde ficam o “cafezinho” ou mesmo o simples “café” tão característicos do povo brasileiro? Eles são, assim, invisibilizados, escondidos, a fim de colocar em evidência um uso estrangeiro que, de certa forma, conferirá mais prestígio ao evento.

Outra justificativa, porém, seria o uso da expressão devido à possibilidade de participações de falantes do inglês. No entanto, membros dos países lusófonos costumam frequentar eventos acadêmicos em países de língua inglesa, mas não por essa razão é usado o termo “cafezinho”. A real questão que se coloca, ao refletirmos sobre esses usos, é que a língua, indubitavelmente, é uma marca cultural, social e de prestígio, e os usos linguísticos estão longe de serem desvinculados de seus típicos falantes. Ao usar uma palavra estrangeira, demonstram-se atitudes globalizadas e evoca-se um povo detentor de poder e hegemonia. Entre o inglês e o português, mais precisamente, entre Brasil e Estados Unidos, as diferenças são incomensuráveis. Por que, assim, usar um termo *popular* brasileiro, se podemos importar comportamentos e usos de um país de maior importância no cenário mundial?

Em relação às causas dos empréstimos, Carvalho (2009) propõe dois grupos: (i) as causas devidas ao contato interpessoal, ou seja, à convivência entre os falantes; e (ii) as devidas aos contatos a distância, mediados por canais artificiais. Interessa-nos o segundo caso, no qual estão inseridos a influência entre os povos e intervenção político-cultural, denominada por alguns de *colonização cultural*, que pode ser vista na interferência linguística do inglês nos países sul-americanos. À época de sua publicação, a obra de Carvalho (2009) colocou a mídia como grande propagadora dessas influências; hoje, consideramos ser a *internet* e, principalmente, as redes sociais as maiores difusoras.

Os estrangeirismos também podem ser divididos a partir da sua origem. Bloomfield (1961 *apud* CARVALHO, 2009) propõe a classificação em íntimos, culturais e dialetais. A autora aponta que, no primeiro caso, seriam resultados da convivência de duas línguas em um mesmo território os estrangeirismos íntimos. Os dialetais, por sua vez, se realizam entre variedades regionais, sociais e jargões especializados entre falantes da mesma língua. Já os contatos, sejam políticos, sociais, comerciais ou mesmo militares entre os povos, tendo como pano de fundo a dominação de algum, geram os estrangeirismos externos ou culturais, bastante vistos nas formações giriáticas encontradas nas redes sociais.

Segundo a forma de adoção, os itens importados podem ser decalques, como em *alta costura*, adaptados fonética, morfológica e ortograficamente, como *degradê*, ou incorporados na forma original, como *show* (CARVALHO, 2009). Conforme sua função, intenção ou necessidade de uso, Carvalho (2009) os classifica em denotativos, quando têm função referencial e introduzem novo objeto ou conceito, e conotativos, quando têm função expressiva e estilística.

Para Carvalho (2009, p. 56), há quatro fases na introdução de um termo, chamadas de fases de adoção: “1) Palavra estrangeira (existente na língua A); 2) Estrangeirismo (usado na língua B); 3) Empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B); 4) Xenismo (ausência de adaptação para a língua B)”. Assumimos, nesta pesquisa, a diferenciação estabelecida pela autora, por entendermos que há uma categorização mais ou menos estável decorrente dessas fases. O uso do termo *empréstimo* será, assim, reservado à fase de introdução do termo.

Feitas essas considerações acerca dos estrangeirismos, é preciso refletir sobre o fato de, ao observarmos os processos disponíveis para a inovação lexical, conforme Correia e Almeida (2012), ser esse cujos resultados mais inquietam os falantes. Isso acontece, segundo as autoras, primeiro devido às unidades importadas serem produzidas, comumente, em sistemas linguísticos bastante diferentes do nosso, fazendo com que os itens apresentem características formais que, além de os tornarem opacos, violam as regras linguísticas da língua receptora. Em segundo plano, a importação em massa de palavras que, por vezes, substituem palavras vernáculas, poderia descaracterizar o idioma receptor. Essa segunda consideração suscita reflexões que transcendem o proposto nesta monografia, mas não é algo a ser ignorado.

Aparentemente, Correia e Almeida (2012) filiam-se a uma perspectiva segundo a qual tudo em excesso é prejudicial, o que seria aplicado ao caso dos estrangeirismos. Um número excessivo de construções de outras línguas nos usos comuns dos falantes nativos poderiam, sim, gerar problemas à caracterização e estruturação geral do idioma e, de certa forma, traria

consequências ao ensino de língua materna. No nosso caso, o português tem regularidades fonográficas e lexicais distintas do inglês em um grau elevado. Se as crianças e jovens desde cedo tomam contato com essas palavras estrangeiras, seria necessário, por parte da escola, um trabalho interdisciplinar, a fim de conduzir o aluno a perceber essas diferenças e comportar-se, linguisticamente, de maneira adequada em cada situação comunicativa de predomínio de dada língua. No entanto, não se pode barrar a entrada de itens estrangeiros no idioma, luta cuja bandeira, segundo Bagno (2004), de tão velha já está esfarrapada. Se não há como impedir, o que seria algo até irracional, tendo em vista a natureza da língua, é necessário adaptarmo-nos a esses usos e os observarmos como comuns à língua:

Não podemos evitar a importação de palavras, sobretudo num mundo globalizado como aquele em que vivemos e em que, graças aos meios de comunicação que possuímos, nos encontramos em contato direto com os falantes. [...] O movimento de palavras de umas línguas para outras é um fenômeno tão natural como a própria existência de línguas diferentes (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 69-70).

Fato é que a língua não precisa ser defendida de invasores externos. É o que defendia o professor Marcos Bagno à época em que o então deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP) propôs o Projeto de Lei 1676/99, que “*dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa*”. No Projeto, o autor deixa evidente que o alvo são os estrangeirismos, que ameaçam a unidade da língua e a cultura do povo brasileiro. Associando globalização e estrangeirismos, Bagno (2004) argumenta que:

Os males da globalização são outros. O uso de termos estrangeiros é mera consequência, talvez a mais inofensiva delas. Tem coisas muito mais urgentes sobre as quais legislar, problemas sociais e econômicos muitíssimo mais graves sobre os quais fazer incidir a força da lei. Quem precisa ser defendido é o falante do português brasileiro (e não sou língua), que vive no país com a maior injustiça social de todo planeta, com a maior concentração de propriedade fundiária de todo o mundo. É a criança e o jovem que não são acolhidos por um sistema educacional classificado entre os melhores do mundo, junto com o sistema público de saúde (BAGNO, 2004, p. 83).

Nesse emblemático texto, o autor denuncia os problemas sociais do nosso país, esquecidos por parte do poder público que se preocupou em defender a língua, mas não seus falantes de todas as mazelas sociais às quais são submetidos. Semelhante a isso, Garcez e Zilles (2004), ao falar dos *anglicismos* como *a força do desejo*, defendem que o inglês é, hoje, língua franca do contato internacional e isso se deve ao sucesso empresarial e imperialista britânico e

norte-americano. A desconfiança em relação aos estrangeirismos é dada a partir da presença anglófona na vida cotidiana, sobretudo acerca da onipresente indústria simbólica norte-americana. A avalanche de anglicismos acontece, por um lado, devido à tecnologia e à pesquisa avançada desenvolvida nessa língua e, por outro, pelo apelo mercadológico da globalização. Assim, há, nas questões relacionadas aos estrangeirismos, mais do que preconceito:

Em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira em modelo externo de consumo, norte-americano ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora, [...] A força desse desejo parece irrefreável (GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 23).

Muito embora haja um medo do uso dos estrangeirismos, o que Bagno (2004) chamou de “medo da morte”, Garcez e Zilles (2004) apontam que é um preconceito linguístico a suposição de que um termo percebido hoje como estrangeiro permanecerá por muito tempo como um elemento “alienígena” na língua receptora, porque, conforme acontece o processo de inserção, a maioria dos estrangeirismos assume feições próprias da língua que o importa.

Em síntese, a discussão sobre os estrangeirismos traz à tona questões importantes e caras às ciências humanas e da linguagem, sobretudo nos tempos em que vivemos. Cabe, agora, pensarmos toda essa discussão em torno da importação linguística no universo das gírias e das redes sociais, foco do nosso próximo item.

### 2.3 A gíria

Uma comunidade linguística compreende alguns comportamentos constantes, relativamente estáveis, tidos como ideais para comunicar-se e transmitir informações. Os hábitos linguísticos desse grupo, ligados ao modo de viver e ver a vida em uma sociedade tendem a ser chamados de *uso* (PRETI, 1984). A sociedade faz com que o uso seja preservado, tornando-se uma espécie de lei que rege a língua, conferindo o estatuto de norma linguística. A obediência à norma cerceia a diversidade de usos e, estando ela ligada indissolavelmente à sociedade, as próprias atitudes dos indivíduos, o que conduz a uma padronização. Na força contrária ao padrão, surge um signo linguístico de agressão e ao mesmo tempo de defesa - a gíria.

A gíria é um vocábulo típico da oralidade<sup>5</sup>, fator que dificulta datar precisamente sua origem, cuja história remete aos grupos marginalizados da sociedade, isto é, àqueles que sempre estiveram à margem socialmente. O uso e a norma relegam o sujeito ao anonimato (PRETI, 1984, p. 2), de maneira que esses grupos - já com pouca visibilidade - se tornam quase “invisíveis” ao aceitar e incorporar essa padronização. A gíria, vocábulo especial, surge como um signo de grupo, de significação secreta a princípio, conhecida apenas por uma subcomunidade linguística.

Patriota (2014) aponta que a tentativa de conhecer a gíria implica uma postura de inserção e compreensão do mundo marginal, composto pelos grupos excluídos da sociedade, seja por questões de pobreza, seja por suas atividades. Fato é que estes grupos, por meio da criação de um vocábulo fechado, criptológico e efêmero, elaboram um instrumento de defesa (PRETI, 2000). Dito de outra forma, compreende-se a gíria como sendo *efêmera*, tendo em vista que quando seu significado se torna conhecido por indivíduos alheios ao grupo ela deve ser substituída, asseverando seu aspecto *criptológico*, como também é *versátil*, por ser passível de uso pela sociedade em vista do processo de vulgarização, e *identificadora*, pois se constitui como fator de autoafirmação de um grupo.

De acordo com Bagno (2017, p. 156), “o termo gíria designa inicialmente um vocabulário próprio de um setor da sociedade tido como marginal”. O aspecto marginalizado da gíria remonta às suas origens, com os mascates; ao longo da história, esse vocábulo foi sendo usado por grupos excluídos da sociedade. Os seus usuários a criam, aprendem e transmitem seu significado com fins conscientemente criptológicos, de modo que seja evitada sua compreensão por pessoas de fora do grupo. Com frequência, os vocábulos gírios são difundidos pelo resto da sociedade ou por uma grande parte dela.

Outro aspecto que chama atenção sobre a gíria é a criatividade e originalidade que estão imbricadas no processo de formação e criação desse vocábulo. Em um interessante estudo, Rector (1994) indica alguns procedimentos usados na elaboração dos novos vocábulos, tal como a invenção direta de lexias usando a língua portuguesa como pano de fundo, invenção de significados por analogia, invenção de acepções por derivação etc. O fato é que todos esses processos estão ligados à criatividade de que dispõe o falante e às várias possibilidades de inovação lexical que a língua tem.

---

<sup>5</sup> Embora a gíria seja apontada pelos seus pesquisadores como tipicamente oral, assumimos a perspectiva de que, na atualidade, a barreira entre oral e escrito que circundava esse vocábulo não é mais tão marcada, posto que sua presença é hoje percebida, com frequência, na modalidade escrita, e não somente em textos de menor monitoramento estilístico.

O processo impulsionador da gíria até o final do século XX e primeiros anos do século XXI, a urbanização, teve seu papel enfraquecido por um fenômeno não tão recente, mas cujos efeitos se percebem de maneira mais consolidada – a globalização. Acerca disso, Galli (2005) aponta que vivemos na era da comunicação virtual, caracterizada pela forte influência dos meios digitais (como as redes sociais) e pela velocidade na difusão de informações. Neste último aspecto, reside a chave para a mudança do fenômeno que mencionamos: antes, a urbanização e o desenvolvimento da imprensa favoreceram a propagação das gírias; hoje, esse trabalho é feito pelas mídias digitais, fruto da globalização, que possuem em sua essência uma linguagem específica.

A gíria possui duas perspectivas básicas de estudo, que serão descritas em seguida: a de grupo e a comum.

No primeiro caso, Preti (2004) apresenta a gíria de grupo considerando a preservação do aspecto mais característico do fenômeno linguístico, que é o criptológico. Em outras palavras, esse é o vocabulário de grupos sociais restritos, fechados à interferência de fora de sua comunidade, os quais se afastam da maioria da sociedade ou pelo conflito, ou pelo inusitado. Pelo conflito, citam-se aqueles que vivem em colisão com a sociedade, como é o caso dos grupos marginais socioeconomicamente, enquanto que, no inusitado, faz-se menção àqueles que estão ligados ao esporte, à música, a grupos estudantis etc.

Para Preti (2004), ela é um item empregado por membros de um grupo restrito e que, por essa razão, funciona como fator de impedimento da interação verbal de indivíduos que não pertencem a esse grupo, a fim de que estes não sejam entendidos pelos que são alheios, fazendo concreta uma linguagem essencialmente críptica. Quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do grupo, mais ainda a gíria servirá como um elemento identificador, no intuito de diferenciar o falante na sociedade e servir como fator de autoafirmação.

Nas palavras de Preti (1984),

a criação dessa linguagem especial [a gíria] pode não apenas atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém, o seu caráter hermético. (PRETI, 1984, p. 2)

Por esse motivo, podemos afirmar que a gíria de grupo é efêmera: ora, se ao criar o vocábulo o grupo pretende não ser entendido por outros sujeitos, faz-se necessário que um novo termo seja criado quando o antigo tem seu significado apreendido pela sociedade. Um exemplo claro

disso é a gíria *Tá ligado?*, usada inicialmente por grupos de usuários de drogas, como forma de compreender se o interlocutor está sob o efeito destas. Contudo, hoje é usada com outro significado (*tá entendendo? tá sabendo?*), e já foi substituída, pelo grupo, por outra. Isso garante, também, o fator identitário da gíria.

No que se refere à segunda perspectiva de estudo, temos a gíria comum. A partir do momento em que o signo de grupo, criptológico e efêmero, é submetido ao processo de vulgarização, isto é, passa a ser conhecido e usado pela sociedade como um todo, a gíria passa a ser comum, integrando o vocabulário popular dos sujeitos, descaracterizando suas marcas iniciais. Sobre isso, os mais radicais estudiosos da gíria cogitam a possibilidade de não mais chamá-la por essa denominação, mas simplesmente de *vocábulo popular*. Acerca da gíria comum, Preti (1984, p. 3, grifos do autor) defende que “ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma gíria *comum*, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal”.

A gíria comum exerce um papel de suma importância na interação verbal entre os falantes: a aproximação. Este vocábulo passa a ser empregado em situações interacionais que requerem uma linguagem mais “solta”, leve e menos monitorada, servindo de ponte entre os falantes. Uma prova empírica desse aspecto é apresentada por Patriota (2009) ao realizar uma pesquisa com professores da Educação Básica, cujos resultados demonstraram que alguns docentes fazem uso da gíria como fator de aproximação com seus alunos, de maneira que a comunicação professor-aluno seja melhor realizada.

Vemos, assim, que mesmo sofrendo com uma enorme carga negativa de valores, a gíria se constitui em um importante aspecto da comunicação nas mais diversas línguas, sendo um fator de aproximação ou de afastamento entre interactantes numa situação comunicativa.

Em síntese, a gíria de grupo, por seu aspecto criptológico e de autoafirmação de determinados grupos, funciona como um fator que dificulta a interação entre falantes pertencentes e não pertencentes a um grupo, mas facilitador entre iniciados. Já a gíria comum funciona como um recurso de que o falante dispõe para diminuir a formalidade de uma situação comunicativa, com vistas à aproximação com o seu interlocutor.

Nesta pesquisa, assumimos uma observação das gírias presentes nas redes sociais, sendo estas definidas como:

Sites com foco na conexão e relacionamento entre atores sociais presentes no ciberespaço, possibilitando a criação de uma *persona* através de um perfil ou

página, interação através de comentários e exposição pública da rede social de cada ator (RIBEIRO; AYRES, 2014, p. 200, grifos do autor).

Essas redes implicam numa dinâmica cada vez mais presente na sociedade moderna, conforme indicou Galli (2005), trazendo questões relacionadas ao uso da língua que precisam ser levadas ao ensino de língua portuguesa. Tendo isso em vista, apresentaremos algumas considerações acerca do ensino de LP, tendo como foco o léxico, com o fito de pensarmos sobre o trabalho com os estrangeirismos e as gírias.

#### **2.4 O ensino de língua portuguesa, os estrangeirismos e a gíria**

Em obra que versa sobre o léxico e seu ensino, Irlandé Antunes (2012) afirma que, embora a Linguística brasileira tenha colaborado significativamente para as mudanças nos procedimentos de ensino de língua portuguesa, mormente acerca dos estudos do discurso e gêneros textuais, o tratamento que é dado ao estudo do léxico e ampliação do vocabulário continua em estado marginal. A defesa, assim, é para uma atenção especial ao léxico, dando-lhe o lugar que sua necessidade nas atividades sociais languageiras requer. A autora busca explicitar elementos que possibilitam sua visualização para além de aspectos puramente linguísticos, dando vez a uma abordagem textual-discursiva.

Antunes (2012) entende o léxico e o vocabulário em função do texto, ou seja, do ponto de vista de sua atuação na textualidade, deixando em segundo plano a cristalizada ênfase na estrutura gramatical, mas os considera como sendo marginais no ensino. Assim, o olhar para as palavras recai sobre aspectos semânticos, pragmáticos e textuais, observando seu papel coesivo na construção de unidades de sentido. Seu foco é direcionado para “o ensino do vocabulário com que construímos nossas ações linguísticas para dar corpo aos sentidos e às intenções que queremos expressar” (ANTUNES, 2012, p. 13). A evidência recai sobre aquilo que será efetivamente usado. Nesse sentido, considerando que os alunos muitas vezes fazem uso das gírias das redes sociais, cabe levar em conta esses elementos verbais no âmbito do ensino.

É defendida a tese de que, historicamente, o ensino de gramática assumiu um espaço superior a qualquer outro eixo nas aulas de português, fazendo com que o estudo do léxico se constituísse num interesse secundário nas atividades em sala de aula, sendo esse trabalho realizado de forma irrelevante e pouco significativa ao considerarmos os usos sociodiscursivos da língua. Para essa superioridade ou valor atribuído à gramática, a autora aponta a pressão

exercida externamente à escola, vinda dos leigos que veem o estudo e ensino de uma língua como limitado ao estudo e ensino das suas regularidades gramaticais.

Faz-se necessário, portanto, uma distinção entre o saber gramatical e o saber lexical. No caso do primeiro, é preciso indicá-lo como algo internalizado e que diz respeito aos aprendizados paulatinos de falantes da sua língua materna; quanto ao saber lexical, este é algo apreendido durante a vida escolar e social do aluno, sendo flexível, experiencial, cumulativo e pouco explorado em sala de aula.

Para que o aluno se torne competente no uso da língua, em suas produções, é imprescindível a ampliação de seu repertório lexical, a qual demanda vivências bem mais diversificadas e distantes dos ambientes informais e do cotidiano coloquial. Nas produções dos alunos, salta aos olhos justamente os usos lexicais, de modo que se nota a urgência de haver uma reeducação sociolinguística, a fim de ampliar o repertório do aluno (BAGNO, 2007), pois “o que se configura como algo mais distante do falar informal e não monitorado e, portanto, mais adequado a um contexto formal, são as escolhas lexicais pouco comuns à experiência dos menos letrados” (ANTUNES, 2012, p. 16).

O lugar do léxico, para Antunes (2012), é adicional, pois o foco do ensino continua sendo a gramática, além de ser reduzido, porque, quando abordado, isso é feito de maneira limitada, superficial e pouco produtiva. Com base nos livros didáticos (LDs), a autora indica que, nos programas de ensino, o léxico tem espaço em um capítulo sobre a formação de palavras; ao comparar o quantitativo de páginas reservado a aspectos gramaticais e lexicais, se nota a insuficiência e desigualdade de tratamento. Dessa forma, “o destino que terão as palavras criadas é silenciado. O significado que tem a possibilidade de se criar novas palavras pouco importa. Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época” (ANTUNES, 2012, p. 21). A visão propagada é a de que o léxico é ampliado apenas por meio da morfologia.

Conforme Antunes (2012, p. 24), “falta ver o léxico como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão dos sentidos e intenções, os nexos de coesão, as pistas de coerência”. Essas ausências e limitações são notórias ao considerarmos a abordagem dos LDs. Nesse sentido, refletir sobre os estrangeirismos gírios em função da dinâmica lexical significa ir além de uma abordagem que se reduz à diferenciação entre estrangeirismos, empréstimos e xenismos, ou à pertinência desse uso. Importa observar esses vocábulos em função do texto, do discurso, das intenções comunicativas dos usuários da língua, frutos de um trabalho sociocognitivo.

Nas palavras de Leal (2004), o domínio do vocabulário é uma parte essencial no aprendizado de uma língua, sobretudo no desenvolvimento da proficiência em leitura e escrita. Precisa, por isso, ser ensinado, levando o aluno a conhecer o significado das palavras, reconhecer outros significados em novos contextos, a dinâmica de universos semânticos e o uso conforme o grau de formalidade ou informalidade.

Pensando sobre essas questões, a autora faz a análise dos assuntos abordados nas atividades de vocabulário em quatro coleções de livros didáticos de português, abrangendo da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série (divisão da época), aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os exercícios encontrados são distribuídos em vários assuntos: *significado e relações lexicais, variação linguística, morfologia, campo semântico, dicionário, figuras de linguagem e terminologia*. Desses, ocupa destaque, com quase 60% das atividades, a abordagem do significado e relações lexicais, como sinonímia e antonímia.

O estudo de Leal (2004) indica a limitação da abordagem, em LDs, dos aspectos concernentes ao léxico. Além disso, ao tomar contato com as propostas de atividades, nota-se a pouca produtividade para um ensino real, que trate o estudo da língua que é usada e que favoreça o desenvolvimento de uma competência comunicativa.

No dizer de Sarmiento (2019, p. 22), “a competência lexical é basilar para o domínio de uma língua”. Cabe, portanto, refletir sobre a abordagem que é feita do léxico em materiais didáticos, de modo que possam ser averiguadas as contribuições dessas obras para o aluno da escola básica. Com essa premissa, a autora investiga o trabalho com o léxico nos LDs de língua portuguesa aprovados pelo PNLD do Ensino Fundamental Anos Finais (2014), buscando mostrar a eficácia ou ineficácia dessa abordagem, com vistas à aquisição e à expansão lexical na formação linguística do estudante.

Feita a média aritmética simples do número de atividades lexicais por volume, a partir dos percentuais encontrados pela autora, tem-se 9,52% do total de exercícios dos LDs dedicados ao estudo do léxico (SARMENTO, 2019, p. 121).

As conclusões de Sarmiento (2019), mais uma vez, corroboram o que Antunes (2012) destacou sobre o léxico nos livros didáticos. Assim, percebeu-se no estudo da autora que nem sempre as atividades condizem com um ensino de língua reflexivo, porque o foco de aprendizagem mais uma vez se situa na sistematização de conteúdos gramaticais, com grande ênfase na análise mórfica e sintática. Por esse motivo, nas palavras de Sarmiento (2019, p. 135), “as atividades lexicais ficam aquém dos pressupostos teóricos tão defendidos nas coleções, isto é, de um estudo reflexivo da língua que considera o ser humano enquanto ser

social, histórico e cultural que realiza interações valendo-se da linguagem nas situações reais de uso”.

As conclusões da pesquisadora indicam, dessa forma: (i) um foco ainda considerável em aspectos gramaticais do léxico; (ii) estudo da correlação de “sinônimos” pelo recorte de significados de palavras, desconsiderando o contexto inicial e final; (iii) ênfase em definir e categorizar elementos lexicais fora do texto; (iv) ineficácia dos glossários apresentados; (v) limitação no trabalho com a variação linguística; e (vi) pouca atenção dada à formação de novos sentidos.

Nota-se, a partir dos textos mencionados, que há uma ausência de consideração da gíria e do estrangeirismo, o que pretendemos abranger neste trabalho.

Consoante Antunes (2012), concebendo a linguagem como ação discursiva, o conhecimento lexical auxilia no desenvolvimento de competências como: a) a produção de um discurso fluente, claro, com variação vocabular conforme a situação comunicativa; b) a compreensão bem-sucedida de textos orais e escritos.

O estudo do léxico, nesse sentido, surge como resposta às demandas sociais da competência verbal, explorando-se os novos tipos e níveis de letramento, como os da produção virtual e midiática. Assim, o estudo e o ensino do léxico, na perspectiva de renovação e expansão, contemplando sua dinamicidade e instabilidade, deve abranger, a partir dos ideais de Antunes (2012): (i) a variação/substituição lexical que acompanha as manifestações da diversidade cultural; (ii) as especificidades lexicais dos textos, orais e escritos, nos diversos contextos; e (iii) a consideração de que os textos devem ser mais formais ou mais informais. Além dessas categorias de abrangência, um programa de estudo do léxico na escola básica que dê conta de abordá-lo em sua amplitude deve considerar os neologismos e os estrangeirismos.

O estudo dos neologismos, dessa forma, leva em conta a incessante “atividade dos falantes de providenciarem, conforme cada solicitação, as palavras que faltam, ou as palavras que parecem ‘dizer’ melhor o que queremos dizer” (ANTUNES, 2012, p. 156). Tudo isso com o fito de destacar o poder interventivo do homem acerca da linguagem e a vinculação desta com a satisfação de necessidades humanas.

Os estrangeirismos, por sua vez, devem ser vistos em seus heterogêneos comportamentos. Alguns conservam a forma original, enquanto outros são ajustados fonética ou morfológicamente, vindo a ser chamados de empréstimos. Em todo o caso, são muitas as implicações ideológicas e linguísticas contidas em sua análise, que poderiam ampliar o debate

sobre políticas linguísticas e despertar nos alunos o “gosto por olhar, observar, ter em conta a língua acontecendo hoje, aqui, ali” (ANTUNES, 2012, p. 157).

No caso da neologia semântica, o trabalho pode ser feito com a associação desse movimento constante do léxico “à dinâmica da vivência cultural dos grupos, suas experiências de adaptação às novas exigências e demandas do mundo social e do mundo do trabalho” (ANTUNES, 2012, p. 157).

Nesse contexto, considerar a gíria e o estrangeirismo na interface do léxico é, “com certeza, uma abertura para se tomar consciência da língua em sua totalidade de constituição - léxico e gramática -, numa percepção bem mais consistente, bem mais fiel à natureza do fenômeno linguístico” (ANTUNES, 2012, p. 160). Dessa maneira, se desenvolverão nos alunos múltiplas competências para as variadas exigências do mundo das interações verbais. É um meio de colocar em foco a análise da língua que não se limite à velha norma-padrão, especialmente quando se tem em mente a inexistência do que, para muitos, é essa norma.

A respeito da potencialidade e da importância do estudo e do ensino do léxico, lançamos mão das considerações de Cardoso (2015). Utilizando-se de um suporte teórico-metodológico baseado na estilística léxica e da semântica lexical, Cardoso (2015) trata do trabalho com a escolha lexical na sala de aula. Assim, indica que os falantes de uma língua têm à disposição um conjunto de itens para, com eles, expressar ideias, sentimentos etc. e, ainda que pertençam a esse conjunto todas as palavras, as escolhas linguísticas são limitadas pelas circunstâncias. É necessário, por vezes, permanecer nos padrões estabelecidos socialmente e reproduzi-los.

O trabalho da autora objetiva analisar a escolha que é feita pelo sujeito, considerando os itens lexicais disponíveis, verificando como se alcançam com essa preferência efeitos do sentido e expressividade, na busca de se atingir intenções. Isso porque, paralelamente a todo ato comunicativo, há algo mais do que a transmissão de uma mensagem, pois todo texto “carrega consigo um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar posição” (CARDOSO, 2015, p. 119).

Outro artigo importante a ser considerado é o de Vilaça e Lúna (2012). Em seu texto, os autores debatem as relações entre o léxico, ou vocabulário, e a construção de sentidos em textos, de maneira semelhante ao que Antunes (2012) indica. Faz-se, assim, uma revisão sobre os muitos significados e usos que as palavras têm, recorrendo a elementos com base na semântica. Traçam-se reflexões sobre a gramática, o léxico e a leitura e defendem a necessidade de se desenvolver o conhecimento linguístico do aluno como forma de favorecer suas capacidades de leitura. Segundo os autores, quanto maior o domínio do léxico por parte do

aluno, maior será a possibilidade de empregar a sua competência comunicativa, compreensão, interpretação e produção de textos.

Numa perspectiva que evoca a produção textual, Serra (2016) destaca a importância do ensino de vocabulário para a produção e coesão de um texto, partindo do pressuposto de que o conhecimento sobre o sistema lexical e seu funcionamento são essenciais à construção de textos adequados. O autor limita-se, no entanto, à apresentação de propostas que fazem uso do dicionário.

À guisa de síntese, lançamos luz sobre o pensamento de Contiero (2015), que considera a necessidade de haver um estudo e ensino do léxico pautados na reflexão sobre a realidade da dinâmica da língua:

O constante desafio do professor de língua portuguesa é criar um ambiente lexical reflexivo, que leve o aluno a enxergar a criatividade de nossa língua, bem como os mecanismos que permitem essa criatividade linguística emergir, aprovado pelo próprio sistema interno da língua (CONTIERO, 2015, p. 37).

A apresentação de como o ensino tem sido feito e das proposições de alguns autores demonstram como há uma escassez de ideias em relação ao trabalho com as gírias e com os estrangeirismos. Neste sentido, o presente trabalho visa prover ideias para o ensino do léxico, a partir das gírias formadas por estrangeirismos linguísticos.

Nos últimos anos, os estudos resultantes de mestrados e doutorados, que versam sobre a gíria, estão voltados à descrição do signo criptológico. É o caso das pesquisas de Oliveira (2018) e Souza e Souza (2018). No primeiro caso, a autora faz uma análise das gírias utilizadas por mulheres em situação de cárcere, na cidade de Campo Grande/MS, como expressão de identidade, inclusão e proteção. Já Souza e Souza (2018) descreve as gírias usadas no dia a dia dos tripulantes da aviação comercial brasileira, caracterizando-os como membros de um grupo seletivo e específico. Contudo, é possível observar estudos que focalizam o ensino de língua portuguesa e a gíria. Santos (2017) tece um relato de sua abordagem didática na interface com a gíria, a fim de que a competência comunicativa dos alunos pudesse ser ampliada. Por sua vez, Silva (2020) constrói uma intervenção com o fenômeno linguístico a partir de letras de *funk*, gênero no qual as gírias são frequentes.

Todavia, tanto as pesquisas de descrição quanto as que propõem abordagens didáticas apresentadas não trazem à tona o elemento estrangeiro na formação das gírias, tampouco seu uso nas redes sociais. É nesse sentido que consideramos ser essencial e pertinente a realização

desta pesquisa, que discutirá a gíria das redes sociais na interface com os estrangeirismos e o ensino de língua portuguesa.

Em diálogos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de visualizar possibilidades de abordagem dos estrangeirismos gírios nas redes sociais, em contexto de ensino de LP, nota-se, na Base, a consideração das mudanças com as tecnologias advindas da *Web*<sup>6</sup>. A Base é um documento de caráter normativo, cuja função é definir o “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Dessa forma, busca-se assegurar os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, conforme o Plano Nacional de Educação (PNE). É, também, dividida nas áreas do conhecimento e suas respectivas disciplinas.

Para a área de Linguagens, especificamente no Ensino Fundamental, é posta como ideia básica que as pessoas interagem constantemente, seja consigo mesmas, seja com os outros, assumindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, se relacionam conhecimentos, atitudes e valores éticos, morais e culturais (BRASIL, 2018). É prevista, como finalidade do ensino nessa área, possibilitar aos alunos a participação em diversas práticas de linguagem, de modo que possam ampliar suas capacidades de expressão em manifestações corporais, artísticas e, como nos interessa, linguísticas. É preciso que os estudantes compreendam a dinâmica da língua e a percebam como algo que está em processo constante de transformação. Consequentemente, o ensino de LP tem a demanda de conduzir o aluno a uma visão de léxico e de uso de suas unidades que seja consoante às suas dinâmicas próprias, considerando fatores interacionais e textuais (ANTUNES, 2012).

Como competência específica da área de Linguagens, encontramos:

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 65).

O conhecimento sobre os estrangeirismos gírios que circulam nas redes sociais, seja para sua finalidade de uso, em face da variação, seja para a compreensão do funcionamento desse fenômeno aliado ao entendimento dos efeitos de sentido, implica uma postura que permite

---

<sup>6</sup> Apresentamos a Base sem maiores análises de cunho avaliativo, em virtude dos objetivos deste trabalho. Entretanto, não desconsideramos a existência de lacunas, em seu texto, e de problemas decorrentes da imposição deste documento a nível nacional. Uma das questões advindas da proposta normatizadora é a quantidade expressiva de conteúdos e habilidades a serem trabalhados em um período limitado de tempo.

tanto a colaboração para uma sociedade que inclui pela linguagem, através da desmistificação e desconstrução dos preconceitos e mitos que estão associados à gíria e ao estrangeirismo, quanto a ampliação das possibilidades de participação dos alunos na vida social, tendo em vista a realidade de imersão no mundo digital que se nota na contemporaneidade.

Para o Ensino Médio, a Base prevê, como habilidades, por exemplo, analisar efeitos de sentido advindos de determinadas palavras ou expressões, em função do uso crítico da língua. Também aponta a análise da variação linguística para a compreensão da dinâmica da língua e da constituição de variedades de prestígio e estigmatizadas (BRASIL, 2018).

Nessa perspectiva, cabe empreender reflexões sobre o estrangeirismo gírio em sala de aula, em função do trabalho com o léxico, o que pretendemos, também, realizar.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS: DELIMITAÇÕES E DIRECIONAMENTOS

A definição do percurso metodológico de uma pesquisa não é um empreendimento simples, requerendo, para isso, o paralelo entre a visão de mundo do pesquisador, os estudos que o precederam e seu objeto de estudo. Assim, foi a partir do interesse e das inquietações do pesquisador acerca das relações existentes entre a gíria, os estrangeirismos e as redes sociais que este trabalho monográfico surgiu, no intento de lançar luz sobre tópicos que ainda são marginalizados no campo dos estudos da linguagem. Além disso, é inegável o fito de interseccionar essas reflexões científicas com a sala de aula, evidenciando o pressuposto de que as discussões engendradas neste estudo podem auxiliar, de alguma maneira, no ensino de língua portuguesa

Neste capítulo, delimitamos os direcionamentos metodológicos desta pesquisa.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo é de natureza descritivo-explicativa, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Em primeiro plano, delimitamos a pesquisa descritiva devido ao fato de ser seu alvo a descrição do fenômeno estudado. Além disso, ela “não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características” (GONSALVES, 2003, p. 65). A pesquisa descritiva realiza a observação, o registro, e analisa os fatos, assim como correlaciona-os sem necessariamente manipulá-los. No entanto, apenas apresentar a caracterização de nossos *corpora* não seria o suficiente para compreendermos o funcionamento das gírias por estrangeirismos, a fim de pensarmos sobre o ensino do léxico. Por isso, acrescentamos, ao caráter descritivo, a pesquisa explicativa, que, conforme Gonsalves (2003, p. 66), “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”.

O caráter quantitativo justifica-se, com base em Chizzotti (2011), porque, num primeiro momento, necessitamos de meios quantificáveis para estabelecermos uma lógica funcional. Isso significa dizer que é preciso lançarmos mão de números para visualizarmos quais gírias formadas por estrangeirismos são as mais usadas nas redes sociais delimitadas. Já o aspecto qualitativo evidencia-se por ser uma pesquisa que parte da intrínseca relação entre o mundo real e o sujeito, entre o sujeito e o objeto de estudo, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Dessa forma, é uma pesquisa que não abstrai o objeto em análise do contexto no qual

está inserido (CHIZZOTTI, 2011). No tocante à esta monografia, referimo-nos à análise das gírias em relação direta com as redes sociais, pensando esse fenômeno associado à sala de aula.

### 3.2 Procedimentos de coleta de dados

Nesta subseção, apresentamos, a princípio, algumas breves informações sobre as redes sociais que delimitamos. Em seguida, traçamos os procedimentos de coleta de dados e a delimitação de nossos *corpora*. Por fim, elencamos as categorias de análise.

#### 3.2.1 As redes

O *Facebook* foi criado em 2004 por um grupo de jovens universitários de *Harvard*, composto por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. De acordo com Amante (2014), seus criadores visavam criar um espaço de interação, no qual as pessoas pudessem compartilhar opiniões e fotografias, restringindo esse grupo apenas aos universitários de *Harvard*. Pouco depois, a rede se expandiu para outras universidades americanas, atingindo, em menos de um ano, mais de um milhão de usuários ativos. No ano de 2021, o *Facebook* conta com 2.740 bilhões de usuários ativos.<sup>7</sup>

O *WhatsApp*, de acordo com dados do *site* próprio<sup>8</sup>, é hoje o aplicativo de mensagens mais utilizado, com mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo. Criado no ano de 2009<sup>9</sup>, pelo ucraniano Jan Koum, o aplicativo surgiu com a intenção de gerar um canal de comunicação com amigos, tornando-se ferramenta até mesmo comercial. É uma multiplataforma que permite a troca de mensagens, a criação de grupos, o envio de imagens, vídeos, localização, contatos e áudios.

Tendo sua criação sido empreendida por um brasileiro, Mike Krieger, e por Kevin Systrom, o *Instagram*<sup>10</sup> foi fundado em 2010, se tornando, poucos meses depois, um dos mais promissores aplicativos da *App Store*. Essa rede social, assim como o *Facebook*, permite o

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em 13/04/2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em 13/04/2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.botware.com.br/historia-do-whatsapp/#:~:text=O%20WhatsApp%20foi%20criado%20em,aficionado%20pelo%20mundo%20dos%20computadores>. Acesso em: 13/04/2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/historiasdigitais/29859-historia-do-instagram>. Acesso em: 13/04/2021.

compartilhamento de fotos e vídeos, assim como a integração a outros aplicativos. Embora possa ser usada para conversas, a rede tem como potencialidade a aplicação de filtros, os *stories*, as gravações e transmissões de vídeos ao vivo e os atualmente famosos *reels*, vídeos de curta duração. O *Instagram*, hoje, tem grande uso com finalidades comerciais.

Já o *Twitter* foi fundado no ano de 2006, nos Estados Unidos, por Biz Stone, Evan Williams e Jack Dorsey. A plataforma social oferece um espaço para conversação, além do compartilhamento de curtos textos escritos, imagens ou vídeos, contando com 353 milhões de usuários<sup>11</sup>. Tem, atualmente, forte caráter difusor de informações, o que é marcado, por exemplo, pela ferramenta *O que está acontecendo*, na qual os usuários têm acesso aos assuntos que estão em alta no momento.

Escolhemos essas redes para nossa coleta de dados partindo do critério de maior utilização pelos usuários. Hoje, essas quatro redes sociais abarcam um grande número de usuários, das mais variadas faixas-etárias, escolaridade, profissões. Partimos, portanto, desta realidade para a escolha delas.

### 3.2.2 Percurso de seleção das gírias

Definidos os objetivos desta pesquisa, os princípios metodológicos e as redes sociais, iniciamos a coleta e seleção das gírias a serem analisadas. Entre os meses de janeiro e março de 2021, ampliamos e atualizamos o recorte vocabular giriático empreendido por Gonçalves da Silva e Patriota (2021)<sup>12</sup>.

Assim, a coleta das gírias no âmbito da monografia se deu através de observações nos campos virtuais estabelecidos no *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*. Após um ingresso em grupos dessas redes sociais, assim como o acompanhamento de páginas públicas, começamos a perscrutar as interações que nesses ambientes estavam ocorrendo, nas quais poderiam acontecer o uso de gírias. Dessa forma, por meio da prospecção de *posts*, comentários, conversas cedidas, *memes*, publicações, dentre outros mecanismos, procedemos à seleção de vocábulos giriáticos encontrados. A fim de termos o registro dessas ocorrências, realizamos

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em 14/04/2021.

<sup>12</sup> Reforçamos esse movimento de ampliação e atualização em função do caráter efêmero e dinâmico da gíria, assim como das observações feitas pela realização nos anos de pesquisa de iniciação científica, já mencionadas aqui em nossa introdução, nos quais foram identificados os processos de formação das gírias. Assim, foi necessária a revisão do recorte vocabular em função da validade e cientificidade da pesquisa.

*prints* ou *screenshots*; contudo, as identidades daqueles que usaram as gírias foram preservadas. Com essas capturas de tela, conseguimos armazenar a rede social, o vocábulo e a data da coleta.

Na totalidade, encontramos 45 (quarenta e cinco) gírias, as quais são elencadas, acompanhadas das respectivas redes de origem, no Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1** - As gírias coletadas.

Nº	Gíria	Rede social
1	@	<i>Facebook, WhatsApp, Instagram.</i>
2	A-List	<i>Instagram, Twitter</i>
3	Brotar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
4	Bugar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
5	Canxar	<i>WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
6	Cinematic Parallels	<i>Instagram, Twitter</i>
7	Cringe	<i>Instagram, Twitter</i>
8	Crush	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
9	(Dar) ban	<i>WhatsApp, Twitter</i>
10	(Dar) block	<i>WhatsApp, Twitter</i>
11	Date	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
12	Embuste	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
13	Exposed	<i>Instagram, Twitter</i>
14	Fake	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
15	Fechar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter</i>
16	Flodar	<i>WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
17	Flopar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>

18	Hater	<i>Facebook, Twitter, Instagram</i>
19	Hitar	<i>Instagram, Twitter</i>
20	Lacrar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter</i>
21	LOL	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter</i>
22	Match	<i>WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
23	Mitar	<i>Facebook, Twitter, Instagram</i>
24	Mood	<i>WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
25	Old	<i>WhatsApp, Instagram, Twitter</i>
26	Off	<i>WhatsApp, Instagram, Twitter</i>
27	On	<i>Instagram, Twitter</i>
28	Pdp	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter</i>
29	Pegação	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter</i>
30	Plugar	<i>Facebook</i>
31	Poc	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
32	Rt	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
33	Same energy	<i>Instagram, Twitter</i>
34	Shade	<i>Instagram, Twitter</i>
35	Shippar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
36	Smash	<i>Instagram, Twitter</i>
37	Spoiler	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
38	Stalkear	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
39	Talarica	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
40	TBT	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
41	Top	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>

42	Tqr	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
43	Treta	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
44	Trolar	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>
45	Vibe	<i>Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram</i>

**Fonte:** O autor (2021)

Partindo desse universo amplo identificado, realizamos uma pré-seleção, por meio da qual destacamos as gírias que notoriamente tinham relações com a língua inglesa e que poderiam ser consideradas estrangeirismos. Com o intuito de identificarmos as gírias mais utilizadas pelos usuários das redes sociais, assim como podermos compreender as motivações de uso e termos material colaborativo, isto é, falas dos próprios membros do ciberespaço, elaboramos e aplicamos um questionário *on-line*, através da plataforma *Google Forms*. O questionário foi dividido em três grandes momentos: (i) o delineamento do perfil dos respondentes; (ii) o uso de redes sociais e gírias, seção na qual foram solicitados a responderem de quais gírias mais faziam uso, dentre as que pré-selecionamos como estrangeirismos; e (iii) reflexões sobre esse uso, em que perguntamos sobre motivações e impressões dos colaboradores. Este instrumento foi amplamente divulgado nas redes sociais que a pesquisa enfoca, obtendo 500 (quinhentas) respostas, de pessoas das cinco regiões brasileiras - nordeste, norte, sul, sudeste e centro-oeste – sendo que, em sua maioria, os usuários pertenciam à região nordeste.

Os colaboradores tinham idades entre menos de 18 (dezoito) anos e mais de 50 (cinquenta) anos, sendo estes últimos apenas dois. Além disso, encontramos usuários com escolaridades que vão desde o ensino fundamental incompleto até pós-doutorado. Dos informantes, 93,6% fazia constante uso das redes sociais, em primeiro lugar *WhatsApp*, seguido do *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*, respectivamente.

Abaixo, apresentamos o Quadro 2, com as gírias formadas por estrangeirismos e as porcentagens de uso, resultantes do questionário aplicado, enumeradas e classificadas em ordem decrescente, ou seja, das mais usadas para as menos usadas:

**Quadro 2** - Estrangeirismos gírios mais usados.

<b>Nº</b>	<b>Gíria</b>	<b>Percentual</b>
1	Spoiler	85%
2	Fake	83,2%
3	Stalkear	81,2%
4	Crush	66,6%
5	Shippar	65,6%
6	Bugar	62,2%
7	Trolar	61,8%
8	Hater	55,8%
9	Flopar	54,4%
10	(Dar) block	53,8%
11	Exposed	49,6%
12	Off	49,2%
13	On	44%
14	Mood	43,4%
15	Date	40%
16	Old	34,6%
17	Same energy	33,6%
18	Dar ban	32,2%
19	Hitar	28,2%
20	Match	26,4%
21	Cringe	24%
22	Flodar	21%
23	Shade	20,4%
24	Mitar	17,4%
25	LOL	12%
26	Plugar	8,4%

27	Cinematic Parallels	6,4%
28	Smash	2,6%
29	A-List	1%

**Fonte:** O autor (2021).

No limite desta monografia, enfocaremos as doze primeiras gírias: *spoiler, fake, stalkear, crush, shippar, bugar, trolar, hater, flopar, (dar) block, exposed e off*. Isso se justifica por terem sido as mais usadas, conforme nosso levantamento.

### 3.3 Categorias e etapas de análise

Feita a coleta de dados e a pré-seleção, além de concluída a etapa de aplicação do questionário, identificamos as gírias mais usadas, a partir dos colaboradores da nossa pesquisa, totalizando 12 (doze) vocábulos gírios de origem estrangeira. De posse dessas palavras, a partir dos nossos objetivos específicos estabelecidos e da teoria estudada, foram analisadas as gírias a partir das seguintes categorias:

1) Num primeiro momento, analisamos os estrangeirismos gírios a partir dos seus aspectos de sentido(s), dados históricos, uso, classe e, partindo de Carvalho (2009), segundo a origem, fase de adoção, forma de adoção e função;

2) Em seguida, discutimos como essas gírias formadas por estrangeirismos podem favorecer a ampliação do léxico do português, com base nas nossas análises e na teoria sumarizada;

3) Por fim, fizemos uma associação entre a revisão da literatura relevante sobre o ensino do léxico na Educação Básica e as análises aqui empreendidas, com o fito de refletir como as gírias formadas por estrangeirismos podem auxiliar no ensino de língua materna, não limitando, assim, nossas reflexões ao universo acadêmico apenas. Essa reflexão foi empreendida, assim, partindo da teoria, dos dados encontrados pela nossa pesquisa e do pensamento de propostas para o ensino de LP dos autores lidos.

## **4 OS ESTRANGEIRISMOS GÍRIOS NAS REDES SOCIAIS: DO FUNCIONAMENTO AO ENSINO DO LÉXICO**

A dinâmica da pesquisa que se pretende científica se localiza na constante entre teoria prévia, observação e análise dos dados, junto às visões do pesquisador. Neste capítulo, apresentamos os *corpora* desta monografia e seu tratamento analítico, em duas subseções, organizadas a partir das categorias de análise definidas em nossa metodologia, a saber: no primeiro momento, a análise dos(s) sentido(s), dados históricos, uso, classe e, a partir de Carvalho (2009), a origem, fase de adoção, forma de adoção e função dos estrangeirismos gírios em virtude da discussão sobre a ampliação do léxico; no segundo, buscamos associar os nossos pressupostos teóricos às análises empreendidas, a fim de refletirmos sobre a abordagem do léxico no ensino de LP.

### **4.1 Importações linguísticas: as gírias formadas por estrangeirismos e a ampliação lexical**

Inicialmente, analisamos as gírias formadas por estrangeirismos, a partir das categorias previamente estabelecidas, com o fito de visualizarmos o funcionamento desses vocábulos e sua importância na comunicação verbal que ocorre nas redes sociais, assim como sua contribuição para a renovação lexical do português.

#### **4.1.1 Os sentidos das gírias**

A gíria é, conforme apontamos na revisão da literatura, marcada pelo caráter criativo, original (RECTOR, 1994), evidenciado pela diversidade de processos de formação que lhe dão origem, assim como pela sua típica plasticidade, notada nas variadas situações de interação e sentidos existentes. Com o aumento e disseminação do uso das redes sociais, novas gírias foram sendo criadas através do processo de neologia, conforme Correia e Almeida (2012), comprovando as transformações pelas quais a sociedade passou nas últimas décadas. Assim, retomando Carvalho (1984), a língua é o espelho da cultura e reflete essas mudanças. Não acompanhar significa desconhecer o universo recente, em um movimento que desconhece, também, os novos vocábulos que estão exprimindo a dinâmica social.

Pensando nisso, procedemos à delimitação dos significados encontrados para as doze gírias que analisamos nesta pesquisa, sumarizados em um quadro-síntese. Para isso, nos valem tanto dos nossos *corpora* coletados nas redes sociais quanto de dados encontrados nos

seguintes sites: *Dicio - Dicionário Online de Português*<sup>13</sup>, *Canaltech*<sup>14</sup>, *Dicionário Popular*<sup>15</sup>, *Significados*<sup>16</sup>, *Prevaler*<sup>17</sup> e *Gay Blog Br*<sup>18</sup>. Nestes, foi possível encontrar mais informações no que se refere aos sentidos que pretendemos apresentar. Justificamos o uso destes recursos por sua aproximação com o universo digital, com as redes sociais e, até mesmo, com os próprios usuários.

No Quadro 3, abaixo, dispusemos as gírias mais usadas, novamente em forma decrescente conforme selecionamos previamente a partir do questionário aplicado. Encontram-se, também, os sentidos visualizados e inferidos a partir dos *sites* e das ocorrências armazenadas nos *corpora*. Elegemos, numa última coluna, exemplos retirados dos dados coletados, os quais foram escolhidos a partir da variação de formas e sentidos, a fim de que possam ser vislumbradas as ocorrências gerais reunidas.

**Quadro 3** - Os sentidos das gírias.

Nº	Gíria	Sentido(s)	Exemplos
1	Spoiler	O ato de revelar informações desconhecidas ou não divulgadas sobre obra literária ou cinematográfica para alguém que não leu ou assistiu a tal produção, comumente sem que o outro deseje saber.	a. “Um dos mais peculiares seres da cultura <i>pop</i> atual é o fã da série que brada contra <i>spoilers</i> de série nas redes sociais, mas depois que ele assiste (normalmente umas duas horas depois do lançamento) ele já se sente liberado a postar <i>spoilers</i> .” ( <i>Twitter</i> , março de 2021)
2	Fake	Nomeia algo de aspecto mentiroso, que não tem fundamento e nem é verdadeiro. Usada, ainda, para designar perfil de redes sociais, pessoa que oculta seus verdadeiros objetivos ou se apresenta de maneira falsa.	a. “Já sei que o paredão de hoje eh <i>fake</i> , então vou descansar né ( <i>Twitter</i> , fevereiro de 2021)  b. “Parece <i>fake</i> né? Mas é o bairro que eu moro” ( <i>Facebook</i> , março de 2021)

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/>. Acesso em: 26/05/2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.pravaler.com.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://gay.blog.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

			c. “Isso foi na época que eu usava <i>fake</i> kkkkkk” ( <i>WhatsApp</i> , janeiro de 2021)
3	Stalkear	Ato de investigar, espionar ou perseguir alguém por meio de seus perfis em redes sociais. Pode designar desde um simples ato de curiosidade até uma perseguição virtual, esta conhecida como sendo <i>stalking</i> , que pode causar sérios danos, sendo uma forma de violência. No Brasil, é mais usada para referenciar a busca de informações por curiosidade ou para as chamadas “fofocas”.	<p>a. “<i>Stalkear</i> agora é crime! Quem nunca ‘<i>stalkeou</i>’ que atire a primeira pedra rsrs” (<i>Twitter</i>, março de 2021)</p> <p>b. “Quando a pessoa me conta algo que eu já descobri <i>estalkeando</i> mas tenho q fingir surpresa” (<i>WhatsApp</i>, março de 2021)</p>
4	Crush	Nomeia a pessoa pela qual o sujeito nutre sentimentos amorosos platonicamente, ou seja, o rapaz ou garota por quem o indivíduo é apaixonado, sem que necessariamente seja do conhecimento da outra parte. Pode designar, ainda, o sentimento que se tem ou a ação de sentir. Sinônimos comuns no Brasil são “paixonite” e “quedinha”.	<p>a. “Sarah passou de um <i>crush</i> absurdo pra um ranço nas mesmas proporções mas há quem diga que bbb não condiz com nossas vidas” (<i>Twitter</i>, março de 2021)</p> <p>b. “O primeiro <i>crush</i> a gente nunca esquece” (<i>Facebook</i>, fevereiro de 2021)</p> <p>c. “Quando vc <i>crusha</i> alguém de outro estado e não tem dinheiro pra passagem” (<i>Instagram</i>, janeiro de 2021)</p>
5	Shippar	Denomina o ato de um ou mais indivíduos torcerem para que duas pessoas formem um casal e fiquem juntas. Tal torcida normalmente é provocada por afinidade entre os envolvidos. Muitas vezes, esse ato se refere a pessoas da ficção.	a. “glr, junção de nome não vale só pro <i>shipp</i> não, tá? lembrem disso, nem td se resume a <i>shippar</i> , às vezes alguém tá falando da amizade dos personagens e chega uma galerinha ‘ai mas o <i>shipp</i> n é esse, n <i>shippo</i> ’, idai? vai explodir por causa de um tweet

			que vc interpretou errado?” ( <i>Twitter</i> , março de 2021)
6	Bugar	Significa, em termos gerais, “travar” ou “dar erro”, podendo ter ramificações dessa matriz semântica a depender do contexto, sendo capaz de referir-se a um <i>software</i> , <i>hardware</i> ou a um indivíduo em uma interação.	<p>a. “Meu insta <i>buga</i> demaaaais” (<i>Instagram</i>, fevereiro de 2021)</p> <p>b. “Mano meu tt ta todo <i>bugado</i>” (<i>Twitter</i>, fevereiro de 2021)</p> <p>c. “Eu <i>buguei</i> real com essa história” (<i>WhatsApp</i>, janeiro de 2021)</p>
7	Trolar	Usada para denominar o ato de pregar peças ou fazer brincadeiras de mau gosto com outras pessoas, o que, no português brasileiro, é mais conhecido como “pegadinhas”. O foco é perturbar ou enfiar.	<p>a. “<i>Trolei</i> mainha hoje dizendo que tava grávida” (<i>WhatsApp</i>, março de 2021)</p> <p>b. “meu notebook resolveu me <i>trolar</i> hoje pq não sai do canto não” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2021)</p>
8	Hater	Denomina os usuários de redes sociais que fazem uso de discursos de ódio e, geralmente, atacam gratuitamente outras pessoas. A prática é semelhante ao <i>cyber bullying</i> . Pode nomear, ainda, o ato geral de proferir essas palavras de ódio.	<p>a. “A surra nos <i>haters</i>! Fate: A Saga Winx estreou direto no TOP 1 de conteúdos mais assistidos da Netflix.” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2021)</p> <p>b. “Tive uma semana de muito <i>hate</i>, correria e autoestima afetada.” (<i>Instagram</i>, fevereiro de 2021)</p>
9	Flopar	Usada com o significado de fracassar, ou indicando que algo não teve o resultado esperado.	<p>a. “<i>Flopou</i> geral a reunião de ontem” (<i>WhatsApp</i>, fevereiro de 2021)</p> <p>b. “Se <i>flopar</i> eu apago” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2021)</p>
10	(Dar) block	Denomina o ato de privar um ou mais usuários de alguma interação em contas de redes sociais, seja em	<p>a. “Se namorar e postar foto todos os dias eu vou dar <i>block</i>. falta de empatia” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2021)</p>

		um grupo, seja na comunicação privada. Um sinônimo é <i>bloquear</i> .	b. “até hoje eu dou <i>block</i> em tudo q não gosto” ( <i>WhatsApp</i> , março de 2021)
11	Exposed	Nomeia o ato de fazer uma espécie de denúncia nas redes sociais, usada quando algo está sendo exposto ou revelado.	<p>a. “Quantos <i>exposed</i> vão ter que ser feitos pra vcs se tocarem?? só vão abrir os olhos quando acontecer com você abuso, assédio e estupro não é um caso que só se ve em televisão, quero ver alguém dizer que n conhece alguma mina q já passou por isso.” (<i>Twitter</i>, março de 2021)</p> <p>b. “Sarah fazendo <i>exposed</i> da Karol Conká” (<i>Instagram</i>, fevereiro de 2021)</p>
12	Off	Pode ser usada para delimitar algo de caráter sigiloso ou, com conotações sexuais, nomear o desejo de se relacionar sexualmente com alguém. É comum aparecer com a expressão “ <i>Off: fariam?</i> ”.	<p>a. “<i>Off</i>: queria uma máscara do pt” (<i>Twitter</i>, março de 2021)</p> <p>b. “Quem é da igreja entende demais! Tá em <i>off</i> pq eu não posso propagar essas coisas que mancham a reputação dos filhos de Deus.” (<i>Instagram</i>, março de 2021)</p> <p>c. “Levar a vida em <i>off</i> é o verdadeiro significado de paz” (<i>WhatsApp</i>, fevereiro de 2021)</p> <p>d. “<i>Off</i>: fariam no Marco Pigossi?” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2021)</p>

**Fonte:** O autor (2021)

Consoante o Quadro 3, pode-se verificar a diversidade de sentidos e de vertentes de uso para as gírias que selecionamos. Um primeiro dado interessante a observar é que, enquanto *spoiler* tem apenas um significado básico e é usada para, *grosso modo*, referir-se ao

desvelamento de informações, outras gírias têm uma variedade semântica e pragmática maior, a saber: (i) *fake*, que nomeia desde perfis falsos às notícias falsas veiculadas nas mídias sociais; (ii) *crush*, designando tanto a pessoa-alvo do sentimento quanto a afeição que se tem; (iii) *bugar*, usada para erros em interações e para problemas em tecnologias digitais; e (iv) *off*, associada à ocultação de alguma informação ou à conotação sexual. Notoriamente, vislumbra-se o aspecto versátil da gíria, assim como o caráter identificador dos grupos que dela fazem uso, sendo isso atestado pela pluralidade de significações e usos admissíveis (PRETI, 2000; PATRIOTA, 2014).

Elemento frequentemente indicado na análise de gírias, e, sobretudo, em se tratando das formadas por estrangeirismos, é a particularidade criativa e expressiva (RECTOR, 1994), marca de um recurso estilístico realçador do discurso, com finalidades por vezes interacionais, como afirma Patriota (2014). Em relação às gírias *shippar* e *trolar*, esses tópicos são bastante evidenciados, basta notarmos que, numa situação na qual se incentivem duas pessoas a formarem um casal, o uso do item *shippar* tem muito mais expressividade do que *torcer*, por exemplo. Da mesma forma, o uso de *trolar*, em detrimento de *pregar uma peça* ou *fazer uma pegadinha*, confere uma marca de estilo e de expressão específica que não se verifica no uso das outras opções.

Sendo importações linguísticas realizadas por assimilação cultural, consoante Bechara (2015), os estrangeirismos carregam um “peso” semântico, político e ideológico da língua fonte e de seus falantes. Ao observarmos as gírias *hater* e *exposed*, constatamos a existência de uma vinculação entre essas características, devido à significação que os itens apresentam - de *odiador* e *denúncia*, respectivamente. Isso não se constata, no entanto, com *stalkear*, que, pelos falantes do português brasileiro, aparece muito mais como uma prática inofensiva à pessoa investigada, muito embora, em algumas ocasiões, pode trazer problemas ao *stalkeado*.

Estas considerações, ainda, favorecem a retomada da classificação dada por Correia e Almeida (2012), acerca dos tipos de neologia. Ressaltaremos, aqui, a (i) neologia denominativa, (ii) neologia estilística e, partindo dos postulados das autoras, da (iii) neologia interseccional, categoria que elencamos para abarcar os dados desta pesquisa e que extrapolam o texto referido. Dessa forma, entendendo que esses tipos de neologia gerarão, no nosso escopo, neologismos gírios, estes caracterizam-se como:

1. Neologismos gírios denominativos: *spoiler* e *fake*, devido à necessidade, após o desenvolvimento e propagação das Tecnologias da Informação e da Comunicação

- (TDICs), de nomear o ato de revelar informações e a criação de *perfis*, notícias e realidades falsas;
2. Neologismos gírios estilísticos: *crush*, *shippar*, *trolar*, *flopar* e *exposed*, considerando o aspecto criativo e a marca de estilo que conferem ao discurso;
  3. Neologismos gírios interseccionais: *stalkear*, *bugar*, *hater*, *(dar) block* e *off*, devido à existência de marcas tanto denominativas, quanto estilísticas.

#### 4.1.2 Dados históricos

A instantaneidade das redes sociais produz comportamentos moldados que induzem e reforçam estilos. Os discursos são elaborados com a finalidade de atender a um padrão subjetivo que, comumente, torna-se universal dentro de um grupo. Nesta perspectiva, a gíria *hater* surge como reprodutora de falas centradas no ódio e na inferiorização do outro.

Na tradução para o português, *hater* significa "odiador". Amaral e Coimbra (2015) pontuam que a expressão, com origem no *hip hop* norte-americano, vem da frase "*haters gonna hate*", em tradução livre "odiadores vão odiar", funcionando como a rotulação dos indivíduos que disseminam palavras ofensivas através da *internet*. Artistas e famosos costumam ser o principal foco desse ódio. Entretanto, os discursos são gerados por características e objetos que provocam estranhamento (REBS, 2017). Logo, homossexuais, pessoas pretas, gordas, que têm alguma deficiência ou que simplesmente fazem parte de alguma minoria aparecem como vítimas notáveis de palavras pejorativas.

A propagação de discursos ofensivos sustenta-se na edificação de outra gíria: *fake*. Nota-se a interligação entre as palavras e como as manifestações discursivas são orquestradas em um sistema linguístico que opera conforme as necessidades socialmente definidas. A gíria *fake*, com base em Ribeiro (2017), pode ser traduzida como falso ou não original. A palavra, atualmente, possui um caráter mais sério, pois costuma ser veiculada na grande mídia para tratar de assuntos políticos e notícias de cunho mentiroso<sup>19</sup>. O item *fake* é utilizado para denominar, ainda, os perfis usados sem a real identidade do usuário (RIBEIRO, 2017). No *Twitter*, por exemplo, os usuários tendem a utilizar os *users* (como são chamados os nomes usados nos perfis) com referências a artistas e celebridades. No Brasil, a proliferação de *fakes* levou o

---

<sup>19</sup> Somada ao termo *news* (notícia), formam a expressão *fake news*, ou notícias falsas.

*Facebook* a criar uma ferramenta de identificação e expulsão de contas irreais, chegando, entre os anos de 2017 e 2018, a eliminar 2,8 bilhões de perfis<sup>20</sup>.

Apesar de não totalmente conectado ao *hater*, de acordo com Rebs (2017), o ódio costuma ser disseminado através de contas *fakes*. Esse ocultamento gera, por exemplo, o afrouxamento de regras morais e tendência o aumento de atos impulsivos e desviantes. Entendemos, assim, que o uso de gírias, ou a nomeação subjetiva dentro de um processo de apagamento da identidade, pode provocar atitudes violentas nas redes sociais. As gírias *hater* e *fake* possuem, portanto, caráter negativo a partir das posições sociais.

Na dialética sócio-histórico-cultural, a gíria surge como um atravessamento de identidades que intercalam o público e o privado. As redes sociais evidenciam e catalisam ideias e discursos que, outrora, foram silenciados. A gíria *exposed* aparece como vocábulo que demanda a luta pela partilha de vivências diversas e distintas, com o intuito de possibilitar narrativas com voz aos indivíduos. A origem, nos Estados Unidos, segue a linha de ordem que tem base em denúncias a respeito de situações desagradáveis, por vezes abusivas, cometidas por autoridades ou anônimos, variando entre os mais diversos temas (SILVA; VIEIRA, 2020).

Assuntos como violência sexual, racismo, abuso de poder e traição são frequentemente expostos, especialmente no *Facebook* e no *Twitter*, e verifica-se que "a liberdade de expressão é potencializada de tal maneira que abre um canal direto, por meio do qual informações mais reservadas, antes guardadas na intimidade, ganham luz e visibilidade" (SILVA; VIEIRA, 2020, p. 122). O vocábulo *exposed* assume o caráter de movimento social, pois ultrapassa as barreiras, se tornando uma estrutura que oferece suporte para a construção de acesso à ressignificação de lugares que podem gerar impacto também coletivo. No Brasil, segundo Silva e Vieira (2020), em 2020, possivelmente, em certo grau, com a pandemia da Covid-19, devido às consequências emocionais e psicológicas da proliferação do vírus, houve enorme aderência ao uso da gíria e inúmeras denúncias de casos de agressão e violência sexual, sobretudo. A aliança estabelecida entre a rede social, a língua e a tecnologia, conforme Castells (2003 *apud* SILVA; VIEIRA, 2020) gera uma cadeia de indignação e esperança.

A primeira metade do século XX foi marcada por programas de televisão que tinham a "zoação" como principal forma de entretenimento. Nas palavras de Chiesse (2014), o *Pânico na TV*, exibido entre os anos de 2003 e 2017, inaugura um tipo de humor focado em brincadeiras e pegadinhas, dando ênfase à ideia de *trolar*. A *trolagem*, ou o ato de *trolar*, significa "zoar",

---

<sup>20</sup> Dados disponíveis em: <https://www.google.com/amp/s/oglobo.globo.com/economia/tecnologia/afinal-quantos-perfis-falsos-tem-facebook-23414904%3fversao=amp>. Acesso em: 15/06/2021

"tirar sarro" ou "chatear". A gíria, nascida na *internet*, com grande apoio da televisão, se tornou usual, principalmente, entre amigos. *Trolar*, sobretudo, é uma forma de “sacanear” a partir de armadilhas que podem ser simples ou sofisticadas (CHIESSE, 2014).

As *trolagens* provocam a viralização na *internet*, tornando-as uma espécie de porta para infinitas possibilidades, visto que cresce consideravelmente o número de pessoas famosas com a produção de vídeos caseiros que possuem a *trolagem* como foco.

A “zoeira”, característica base da trolagem, pode se manifestar através do uso de outra gíria. O *spoiler* é uma palavra com origem no termo inglês *spoil*, que significa “estragar”. Caracteriza-se pelo ato de antecipar os acontecimentos de série, filme ou *reality show* (TESSAROLO; MACHADO, 2017). O crescimento dos serviços de *streaming*, sobretudo da *Netflix*, foi fundamental para a inserção da gíria no cotidiano das redes sociais.

O aumento da produção de séries fomenta-se como a disseminadora de interações norteadas pela fuga ou busca pelo *spoiler*. A *Netflix* costuma lançar os produtos fazendo uso de vídeos promocionais, com a finalidade de atrair consumidores. Percebem-se duas orientações: cenas liberadas com o propósito de angariar público e trechos de vídeos ou textos reveladores acerca de momentos marcantes (CASTELLANO; PINHO; NORONHA, 2018).

O *spoiler* é utilizado pelas grandes empresas para cultivar e desenvolver o consumo em massa. Entretanto, a cultura de séries, conforme Castellano, Pinho e Noronha (2018), reverbera também no desprezo em relação ao *spoiler*, haja vista que o envolvimento afetivo em relação ao desenvolvimento do produto audiovisual aponta, em muitos momentos, para a necessidade de elaboração de segredos e mistérios. Vale indicar, então, que tomar contato com alguma produção sem a consciência acerca do que acontecerá pode tornar a experiência mais emocionante. Logo, o *spoiler* torna o ambiente virtual, a seu modo, perigoso, e requer a criação de truques e modos de evitá-lo.

A *internet* e as redes sociais oferecem benefícios diversos e propiciam conquistas e informações sobre variados temas e assuntos. Entretanto, a rápida troca de ideias, o acelerado fluxo de opiniões e a pressa exaltada pela instantaneidade corroborada pelo sistema podem provocar entraves e dificuldades no pensamento do indivíduo. Nessa conjuntura, existe a gíria *bugar*. Com origem no termo *bug*, a expressão foi usada inicialmente, segundo Silva (2018), para categorizar falhas no computador, ocasionadas pela presença de vírus ou algum outro problema operacional.

As gírias expressam as relações e realidades constituídas a partir do *modus operandi*. As redes sociais (re)produzem os valores e costumes que compõem o século atual. O consumo

de música é um exemplo importante da catarse que a *internet* pode gerar. O compartilhamento de arquivos e a disseminação de informações são fundamentais para o sucesso das músicas e dos artistas. Nesse contexto, existe o uso e a manifestação da gíria *flop* (MEDEIROS, 2017).

Nas palavras de Machado (2019), *flop* é um termo utilizado para exprimir o fracasso de algo. Com origem na expressão inglesa *flop*, a gíria é usada na *internet* em referência, inclusive, à carreira ou lançamento de artistas. A popularidade nas redes sociais é medida através das interações, do número de curtidas e compartilhamentos de um produto ou *post*. Medeiros (2017) pontua que a carreira dos artistas, na atualidade, é pautada pela quantificação de engajamento dos conteúdos dispostos nas redes sociais. As gravadoras seguem a lógica de crescimento nos serviços de *streaming* aliada à popularidade no meio virtual, como instrumento de validação de sucesso ou do *flop*. Acrescentamos a isso, a partir das nossas observações dos sentidos das gírias, a possibilidade de *flop* ser usada para algo que fracassou para além do mundo artístico.

A exposição de si e do outro marca as interações e o comportamento nas redes. A contemporaneidade é sublinhada pela cultura midiática e pelo imediatismo, demarcados na velocidade de informações e de produção de conteúdo. O desejo de expor as conquistas, os lugares visitados e a forma de pensar criam uma espécie de necessidade de acompanhar a intimidade alheia. A exposição voluntária na internet cunha a manifestação da gíria *stalkear* (FERREIRA; VILARINHO, 2012).

De acordo com Silva (2018), *stalkear* é um vocábulo em inglês que significa perseguir virtualmente, buscando conferir o comportamento do alvo na internet. O ato de *stalkear* pode ser visto de forma pejorativa, visto que o intuito de se manter informado a respeito da vida do outro ganha o tom de “fofoca” (FERREIRA; VILARINHO, 2012). Todavia, o *stalker* (termo empregado ao indivíduo que empreende a perseguição, em tradução, *perseguidor*) pode estar munido de más intenções, tornando as relações sociais construídas no ambiente virtual perigosas. Destaca-se que a *internet* propicia a sociabilidade sem corpo (FERREIRA; VILARINHO, 2012), pois o usuário não necessariamente apresenta-se com a real identidade. Assim, o *stalker* pode utilizar um perfil *fake*, denotando a variedade de usos das gírias ao longo de seu percurso histórico e a necessidade de compreensão dos diferentes contextos e situações em que são empregadas.

O *stalker* pode ser compreendido também por meio de uma perspectiva das relações amorosas. As redes sociais e os aplicativos de relacionamento transformaram a maneira de “flertar”. O estrangeirismo gírio *crush* é usado para designar o sentimento e a pessoa

desejada/amada. Com origem no inglês, a gíria significa interesse apaixonado, admiração ou afeto com propósito romântico (SILVA, 2018). O ato de *stalkear* conecta-se ao termo *crush*, pois esta gíria pode ser usada em tom platônico, posto que o carinho e a admiração se manifestam em segredo e a distância.

O romantismo nas redes sociais pode ser visto através da gíria *shippar*. Segundo Araújo (2020), a gíria vem do inglês *relationship* (relacionamento) e significa a existência de uma torcida pela relação amorosa de determinadas pessoas. O ato de *shippar* abre margem para a criação do *shipper*, variação da gíria que tem base na junção das iniciais dos nomes do casal. (Exemplo: Jutavio = Julia + Otávio).

O termo *shippar* é bastante utilizado sobretudo no *Twitter*, rede em que a narrativa de séries, filmes e novelas costuma ser amplamente discutida. Nas palavras de Paula e Silva (2019), *shippar* torna-se um jogo midiático, pois a presença de casais na teledramaturgia representa, quase sempre, a popularização das obras nas redes sociais. Araújo (2020) afirma que o sucesso de casais em novelas da TV Globo é pautado através das interações na *internet*. Conforme aumentam o uso de *hashtags* e comentários em relação a um *shipper*, a emissora tende a expandir o tempo do casal na tela e a explorar com mais intensidade os atores e atrizes envolvidos. Nota-se que os *shippers* podem ser responsáveis por modificar os rumos da história e por reescrever as carreiras dos protagonistas do enredo.

Algumas gírias, vale observar, são usadas, ou têm origem, em determinados grupos ou nichos, inseridos dentro do grupo maior das redes sociais. A expressão *off*, com amplo crescimento entre os anos de 2020 e 2021, surgiu através da comunidade LGBTQIA+. Segundo o site *Gay Blog*<sup>21</sup>, a gíria existe desde a época do *Orkut* (entre os anos de 2007 e 2011). O reaparecimento do termo está relacionado à exposição de desejos de relacionamentos e relações sexuais. Com origem nas antigas comunidades do *Orkut*, a gíria possuía o intuito de abrir discussões sobre temas diferentes do usualmente discutido no fórum. Na atualidade, a expressão serve como elogio ou como forma de declarar interesse na pessoa apontada, podendo, ainda, estar relacionada à tentativa de ocultamento de algo.

Apesar do distanciamento provocado pela falta de interação física, as redes sociais contam com inconvenientes. A presença de *haters*, *fakes* e *stalkers* implica a necessidade do surgimento de uma função que se manifesta através de uma gíria. A gíria (dar) *block* une o português e o inglês e significa bloquear<sup>22</sup>. O artifício é empregado para afastar ou excluir

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/gay.blog.br/geek/de-onde-veio-e-o-que-significa-a-giria-off-fariam/%3famp>. Acesso em: 18/06/2021

<sup>22</sup> Disponível em: <https://fernandosouza.com.br/glossario/block/>. Acesso em 18/06/2021.

usuários que geram incômodo. Ao dar *block*, a pessoa bloqueada fica impossibilitada de ver o perfil daquele que a bloqueou, enviar mensagens e qualquer outra forma de interação. As circunstâncias que geram a indisposição e o (dar) *block* revelam as inquietações que as relações podem despertar.

#### 4.1.3 Estrutura e formação: classificação dos estrangeirismos gírios

Ao propormos uma observação das gírias formadas por estrangeirismos de língua inglesa nas redes sociais, sob a luz da teoria sociolinguística em diálogo com a ciência lexicológica, de maneira que as consideremos como vocábulos usados por falantes reais de um sistema linguístico, não podemos (nem devemos) desvincular as nossas análises de um aspecto mais estrutural e, ao mesmo tempo, histórico, que vá de encontro com os processos e etapas de inserção desses itens no português brasileiro. Tendo isso em vista, nesta subseção, lançaremos um olhar sobre aspectos que dizem respeito à formação, às formas, funções e classes, sem perdermos de vista o caráter de origem dessas gírias, sobretudo com base nas ideias de Carvalho (2009).

A princípio, apresentamos um quadro-síntese, no qual basearemos nossas ponderações. Nele, indicamos as gírias, as classes às quais pertencem (partindo da divisão tradicional), a forma de origem, a fase de adoção, a forma de adoção e as funções no uso. Relevante se faz, antes, indicarmos que essas categorizações não são estanques, o que poderia descaracterizar a dinâmica própria da gíria, mas, sim, fluidas, em movimentação constante, seja pela possibilidade de expressão dos itens em classes diferenciadas, seja pela mudança na fase de adoção, ou, ainda, pela duplicidade de algumas no que se refere às funções.

Dito isso, observemos a classificação dos estrangeirismos gírios, indicada no Quadro 4:

**Quadro 4** - A classificação dos estrangeirismos gírios.

Nº	Gíria	Classe(s)	Origem	Fase de adoção	Forma de adoção	Função
1	Spoiler	Substantivo	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Denotativa
2	Fake	Substantivo e adjetivo	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Denotativa

3	Stalkear	Verbo	Externo	Empréstimo	Adaptação	Denotativa e conotativa
4	Crush	Substantivo (e verbo)	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Conotativa
5	Shippar	Verbo	Externo	Empréstimo	Adaptação	Conotativa
6	Bugar	Verbo	Externo	Empréstimo	Adaptação	Denotativa e conotativa
7	Trolar	Verbo	Externo	Empréstimo	Adaptação	Conotativa
8	Hater	Substantivo	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Denotativa e conotativa
9	Flopar	Verbo	Externo	Empréstimo	Adaptação	Conotativa
10	(Dar) block	Forma verbal + substantivo	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Denotativa e conotativa
11	Exposed	Substantivo	Externo	Estrangeirismo	Incorporação	Conotativa
12	Off	Advérbio	Externo	Xenismo	Incorporação	Denotativa e conotativa

**Fonte:** O autor (2021)

Um primeiro elemento que merece nossa atenção é a classe de palavras nas quais se encaixam os estrangeirismos gírios. Dentre as postuladas tradicionalmente no português, destaca-se, por nossos apontamentos, a classe dos substantivos (*spoiler, fake, crush, hater, exposed, block*) e dos verbos (*stalkear, crush[ar], shippar, bugar, trolar, flopar*)<sup>23</sup>, que abrangem a maior parte dos termos, seguidos por gírias que se verificam como adjetivos (*fake*) e advérbios (*off*). Evidencia-se, dessa forma, uma predominância de importações lexicais, valendo-nos de Carvalho (2009). Enquanto os estrangeirismos que não são lexicais limitam-se a palavras ou morfemas gramaticais, que estão associadas às características mais estruturais da própria língua, voltadas ao sistema interno, os estrangeirismos lexicais surgem com a transferência, para outra cultura, de objetos, conceitos ou situações nomeadas em língua

<sup>23</sup> Não é de nosso interesse, no limite deste texto, abranger a celeuma teórica acerca do estatuto de palavra. Por essa razão, tratamos *crushar* como uma derivação da forma *crush* (esta que é o alvo principal de nossa análise, tendo em vista as ocorrências em nossos *corpora*).

estrangeira (CARVALHO, 2009). Nesse sentido, estes últimos se referem ao mundo biopsicossocial, com significado extralinguístico.

A parcela dos vocábulos coletados, que enfocamos como mais usados, encontra-se no limite lexical, o que ratifica uma importação não necessariamente de estruturas, mas de fenômenos, de inovações, de realidades que, por serem nomeadas inicialmente em uma dada língua, tornam esses itens uma espécie de padrão a ser seguido e usado fora das fronteiras territoriais da localidade de origem. Isso corrobora, inclusive, o princípio indicado por Galli (2005), de que a velocidade na difusão de informações assegurada com a globalização promove uma padronização nos usos linguísticos.

Não há, portanto, uma ameaça à língua falada no país que incorpora os estrangeirismos, semelhante ao que alertou Mendonça (2008), assim como não faz sentido denunciá-los como corruptores da unidade social da nação. Eles são, isso sim, reflexos de um mundo cada vez mais interconectado, ligado por uma rede de dados invisíveis a olho nu, e de uma inegável influência de determinados países sobre outros. Combater o uso desses itens lexicais constituir-se-ia em um *trabalho de Sísifo*, porque, enquanto se busca repeli-los, avançam a tecnologia da informação e da comunicação e a hegemonia de determinadas nações sobre outras, sobretudo das falantes do inglês (BAGNO, 2017). Nota-se, por isso, que, consoante Bagno (2004), o uso de termos estrangeiros é mera consequência do contexto atual do mundo e, a nosso ver, a que deveria receber menos atenção por parte do poder público, conforme apontamos na revisão teórica, em virtude de tantas outras problemáticas. Sendo a língua o espelho da cultura, refletirá, inexoravelmente, a realidade da sociedade que dela faz uso.

Nessa discussão poderíamos incluir o exemplo da gíria *crush*, que é importada para o português e permanece, até o presente momento, em sua grafia original. No entanto, o poder que os falantes têm e a inevitável dinâmica linguística fizeram com que o termo primordialmente substantival fosse usado como verbo, a fim de indicar, além do sentimento ou a pessoa pela qual se nutre esse sentimento, o ato de sentir, de desejar. E essa variação que permitiu o uso verbal não foi empreendida sem alterações, pois, conforme vimos anteriormente, foi acrescida à estrutura da gíria a terminação *-ar*, que caracteriza os verbos de primeira conjugação em nossa língua. Graças a isso, o que surgiu como uma palavra estrangeira sem nenhuma adaptação pôde ser vista incorporando elementos do português, de modo que fosse passível de ser usada conforme o nosso paradigma conjugacional. Marca-se, portanto, a inerente variação do sistema linguístico, a relação entre a língua e seus falantes e a capacidade de expansão do léxico (BAGNO, 2007; FARACO, 2019; CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Esse dado nos conduz à reflexão sobre os estrangeirismos gírios que se classificam como verbos, a saber: *stalkear*, *shippar*, *bugar*, *trolar*, *flopar* e, considerando a derivação mencionada, *crushar*. Ao serem incorporados como verbos, esses itens foram, inconscientemente, inseridos no paradigma da conjugação do português, recebendo a terminação *-ar*. Vislumbrando isso, é possível corroborar o seu processo de incorporação, nos termos de Carvalho (2009), vendo-os como palavras estrangeiras que receberam adaptações à língua receptora, numa prova, novamente, de que os falantes da língua materna interferem nessas importações.

Retomando a discussão sobre o uso de estrangeirismos como consequência da globalização, foi constatado que, quanto à origem, todas as gírias analisadas vêm de uma importação externa ou cultural. Isso significa dizer que são resultados dos contatos políticos, sociais, comerciais, militares ou outros entre os povos, existindo uma relação de dominação entre eles (BLOOMFIELD, 1961 *apud* CARVALHO, 2009). Se, décadas atrás, esses contatos eram mais limitados devido às restrições comunicativas, hoje, com as redes sociais sobretudo, tornou-se muito mais fácil a existência dessas interações, o que justifica a totalidade de estrangeirismos externos nos nossos *corpora*.

Conforme o Quadro 4, visualizamos a existência de palavras que, quanto à fase de adoção, estão ainda na fase de estrangeirismos, que podem ser consideradas empréstimos ou que chamaremos de xenismos. As formas substantivas e adjetivas (*spoiler*, *fake*, *crush*, *hater*, *block* e *exposed*) foram as que se classificaram como estrangeirismos, tendo em vista que nem são já itens adotados ou percebidos como pertencentes ao sistema linguístico sem restrições, nem são já adaptados de alguma forma à estrutura do português. Conservam suas características originais e, algumas, não se encontram já dicionarizadas.

Em contrapartida, as formas verbais se verificam como empréstimos (*stalkear*, *shippar*, *bugar*, *trolar* e *flopar*), por ser possível encontrar, em suas formas, adaptações. No caso de *stalkear*, já se veem a inserção da vogal - e - na primeira sílaba (*estalkeando*), conforme demonstramos na subseção de sentidos (4.1.1), assim como em *trolar* houve a queda de uma das letras (*trollar* > *trolar*), processo que, a nosso ver, possivelmente acontecerá com *shippar*.

A única forma adverbial encontrada (*off*) é assim considerada devido à caracterização circunstancial que confere ao discurso. É interessante, também, a invariabilidade da gíria se comparada, por exemplo, às formas substantivas, que admitem flexão de plural (*spoilers*, *fakes*, *haters*), além da possibilidade de sua inserção numa locução adverbial, a partir do acréscimo da preposição - em -, circunstancializando o que é dito.

Isso nos leva a observar que, conforme Alves (1994), há uma fase neológica em que o item estrangeiro começa a se adequar e se integrar à língua receptora, sendo esse processo realizado através de alterações gráficas, morfológicas ou semânticas. Os estrangeirismos gírios que estão na primeira fase de adoção, então, evidenciam o momento inicial da *nativização* dos termos estrangeiros, consoante Freitas e Neiva (2006), que deverá culminar com o conhecimento desses vocábulos por parte de falantes não bilíngues, a partir do estágio de *empréstimo linguístico*. Estabelecendo um diálogo com a proposta de Preti (1984; 2000; 2004), há uma grande probabilidade de, incorporados ao sistema linguístico, esses vocábulos se tornarem gírias comuns, passando por um processo de vulgarização, se tornando termos conhecidos por indivíduos que não pertençam, necessariamente, ao grupo fechado de usuários das redes sociais, conforme Gonçalves da Silva e Patriota (2020).

No que se refere à forma de adoção, partindo de Carvalho (2009), prevaleceu em nossos *corpora* a adaptação e a incorporação. Classificam-se como estrangeirismos gírios adotados por adaptação fonética, morfológica ou ortográfica todos os itens que são considerados empréstimos, devido às alterações que sofreram ao serem adaptados ao sistema linguístico (*stalkear*, *shippar*, *bugar*, *trolar* e *flopar*). Nesse caso, temos, sobretudo, a inserção da terminação dos verbos de primeira conjugação, existindo adaptações fonéticas e morfológicas (a inserção do fonema /i/ na primeira sílaba de *stalkear*, do grafema *e*, assim como da terminação *-ar*) e ortográficas (a queda de uma das letras - *trollar* > *trolar*).

Classificam-se, também, como itens lexicais adotados pela incorporação da forma original os próprios estrangeirismos (*spoiler*, *fake*, *crush*, *hater*, *block* e *exposed*) e o xenismo (*off*) encontrados. Há, nesses casos, apenas algumas alterações fonéticas, como o uso do fonema /i/ para iniciar *spoiler* ou a troca do fonema original do inglês pelo fonema /u/ do português em *crush*.

Quanto aos aspectos relativos à função desses estrangeirismos gírios, a partir de Carvalho (2009), identificamos tanto vocábulos denotativos, que tem função referencial e realizam a introdução de elementos novos em dada cultura, quanto de gírias conotativas, que funcionam expressivamente como um recurso estilístico. Estas últimas ideias se assemelham aos postulados de Correia e Almeida (2012), no que tange à neologia denominativa e estilística.

Nessa ocasião, contudo, cabe asseverar a marca da interpenetração e da dominação cultural exercida pela sociedade falante da língua fonte, visualizada na observação acerca dos estrangeirismos denominativos principalmente, como discute Carvalho (2009). Ao importarmos uma palavra, no dizer da autora, trazemos com ela uma maneira de ver o mundo,

costumes, ideais e valores. Não há, assim, uma neutralidade nesse movimento, bem como não há neutralidade ou interrupções no movimento da globalização.

Os estrangeirismos conotativos, ligados a recursos estilísticos, dependem do momento histórico e do que está em evidência nessa ocasião, pois são frutos de influências culturais situadas (CARVALHO, 2009). Não existe, nesse caso, somente uma intenção expressiva, mas também um desejo que se mira em um modelo externo de consumo, sob a ilusão de que, com o uso de termos estrangeiros, os falantes se aproximarão desse ideal imaginado (GARCEZ; ZILLES, 2004).

Parece-nos imprescindível, diante das considerações traçadas neste tópico, reafirmarmos que a importação de palavras estrangeiras não é algo novo, especialmente no português brasileiro. Desde a chegada e conquista do nosso território pelos portugueses, os contatos e influências linguísticas foram constantes. Nosso léxico é um amplo repertório de termos de variadas origens e continua sendo renovado pelo natural processo de incorporação de estrangeirismos (BECHARA, 2015).

A seguir, abordaremos algumas questões relacionadas ao uso dos estrangeirismos gírios analisados.

#### 4.1.4 Uso

As línguas naturais variam e mudam, segundo os postulados da Sociolinguística. A variação e a mudança acontecem de maneira contextualizada e, evidentemente, ligadas às sociedades que utilizam determinado sistema linguístico. A língua, nessa perspectiva, é heterogênea e se (des)constrói em um movimento constante (BORTONI-RICARDO, 2017; BAGNO, 2007). Misturam-se, na língua, elementos linguísticos com dados históricos, políticos, culturais e sociais, sendo ela um conjunto de variedades representativas de grupos sociais (FARACO, 2019). Sendo, conforme Bagno (2007), um processo, uma atividade social e coletiva, ela se realiza em situações de interação, nas quais os falantes lançam mão dos recursos que possui, a fim de realizar seus objetivos sociocomunicativos (ANTUNES, 2014).

Em razão disso, é necessário que observemos, para uma consistente análise dos estrangeirismos gírios que apresentamos, elementos de uso relacionados a esses vocábulos, tendo em conta: (i) motivações de uso; (ii) contextos de uso; e (iii) aceitação/rejeição pelos falantes. De modo que possamos empreender estes apontamentos, traremos à tona as palavras dos usuários das redes sociais, adquiridas a partir do questionário *on-line* mencionado em nosso

capítulo metodológico. Devido ao grande número de respostas, utilizaremos porcentagens aproximadas e exemplos representativos do recorte de dados encontrados.

Um questionamento passível de ser feito, no escopo deste trabalho, diz respeito às razões, aos motivos pelos quais os usuários das redes sociais fazem uso de itens lexicais gíriáticos formados por estrangeirismos. Por isso, para que possamos compreender essas motivações, foi proposta aos colaboradores do questionário a pergunta: *por que, em sua opinião, fazemos uso de gírias em/advindas do inglês nas redes sociais?* A essa provocação, respostas variadas foram encontradas. Num primeiro grande bloco, verifica-se a consciência, por parte dos respondentes, da supremacia do inglês, que os leva a utilizar gírias advindas dessa língua:

#### Exemplos 01:

- a. As redes sociais foram criadas nos Estados Unidos, acredito que a maioria delas. *O próprio funcionamento ocorre em inglês.* Além disso,  *muito do que é consumido, vem do inglês.* Essas gírias, em grande parte, são usadas pra se referir a músicas e artistas de *origem norte-americana*, o que aponta para uma forte influência em todos os aspectos e vivências brasileiras.
- b. *Influência da própria rede*, acredito eu.
- c. Em uma rede global, é normal que adotemos *palavras da língua internacional*
- d. Nunca parei para pensar nisso, mas sempre me leva a pensar sobre a *exaltação da cultura norte-americana.*
- e. *Globalização*, maior interação com outras culturas, consumo de entretenimento estrangeiro, etc
- f. Por *influência da cultura norte-americana nas redes sociais.* Por ser de lá que boa parte das tecnologias começam a ser utilizadas, é também lá que surgem várias gírias que a gente usa na internet.
- g. Por *Influência* de filmes, séries e músicas *em inglês.*
- h. Acredito que é pelos Estados Unidos serem uma potência, acabamos emprestando coisas na língua deles e também *porque às vezes soa melhor.*

(Questionário *on-line*, 2021, grifos nossos)

A partir dessas respostas, notamos a ciência dos colaboradores de que, devido a muitas redes sociais terem sido criadas em solo norte-americano, seus comandos e recursos, por vezes, aparecem na língua inglesa, além da ideia de que grande parte do que é consumido pelos usuários é originário do inglês estadunidense. Há, por isso, uma *influência da própria rede*, o que nos leva à adoção de *palavras da língua internacional* e à *exaltação da cultura norte-americana*, fruto, inclusive, do consumo realizado pelos indivíduos. Entende-se que o inglês funciona como uma espécie de “língua universal” que deve ser conhecida por toda a população mundial, ratificando o que Galli (2005) aponta. Além disso, há a consideração da *influência de*

*filmes, séries e músicas em inglês*. Esses contatos que acontecem através de canais artificiais favorecem o surgimento de estrangeirismos gírios externos ou culturais, demarcando uma relação de dominação entre duas sociedades (CARVALHO, 2009). Dado interessante, ainda, é a consideração do termo em inglês como aquele que, às vezes, *soa melhor*, marcando o segundo bloco:

Exemplos 02:

- a. Por *soar diferente*, acaba mudando a entonação das frases
- b. É um *modo diferenciado* e talvez *melhor* para "comunicar-se"
- c. Certas palavras *ficam melhores em outras línguas do que em português*
- d. [...] Há também uma tendência a *achar o inglês mais bonito*, nas redes sociais é comum ver pessoas que misturam as duas línguas, talvez com a intenção de mostrar *superioridade linguística*. *Falar inglês tem um retorno positivo*.
- e. Porque existe uma 'inspiração' muito grande no estilo de vida americano. E no próprio status do inglês.

(Questionário *on-line*, 2021, grifos nossos)

Observa-se, pelo dizer dos colaboradores, que há uma ideia presente entre os usuários de que determinadas gírias formadas por estrangeirismos conferem uma expressividade ou efeitos de sentido diferentes dos que os itens em português apresentam, trazendo uma espécie de diferencial ao dito. Essa ideia foi levantada por Carvalho (2009), ao tratar dos estrangeirismos conotativos e por Correia e Almeida (2012), acerca dos neologismos estilísticos. Além desse estilo diferenciado garantido pelo uso dessas gírias, há uma consideração desses vocábulos como uma manifestação da inspiração no estilo de vida dos falantes do inglês norte-americano, em seu padrão de consumo e de cultura, consoante apontaram Garcez e Zilles (2004).

Também foram recebidas respostas relacionadas à rapidez da comunicação pelo uso das gírias, como em: *costume, facilita a comunicação rápida*. Essa ideia de que os estrangeirismos gírios se tornam costumeiros e fazem com que a comunicação se realize com maior rapidez nos leva a refletir sobre os seus contextos de uso, através do questionamento: *em quais situações de interação você usa as gírias apresentadas?*

Exemplos 03:

- a. Conversas com amigos e comentários nas redes sociais.
- b. Geralmente, no whatsapp
- c. Quando converso com meus amigos.
- d. Em conversas informais

- e. Geralmente com amigos e colegas em conversas casuais
- f. Conversando com amigos de faixa etária parecida no dia a dia.
- g. Conversas diárias e nas redes sociais
- h. Durante conversa com amigos, ou parentes de idades próximas à minha.
- i. Presencialmente com meus amigos
- j. No dia a dia, exceto no trabalho
- k. Atualmente, em conversas com amigos e familiares, não apenas na internet.
- l. Em casa, com minha filha adolescente.
- m. Principalmente em conversas informais com os amigos, porém algumas como fake, flopar, spoiler em diálogos formais no trabalho.

(Questionário *on-line*, 2021)

Com base nas hipóteses levantadas inicialmente, alguns contextos de uso já eram esperados, assim como alguns arquétipos de interlocutores, por exemplo, as *conversas com amigos* e *conversas informais*. Em virtude de seu teor de rompimento com o padrão linguístico estabelecido, sendo um signo de colisão e de agressão, conforme Preti (1984), a gíria é utilizada normalmente em situações de uso menos monitoradas, isto é, quando não há um rigor formal a ser seguido. Como um fenômeno que marca a variação linguística e a heterogeneidade social, há fatores que interferem nos momentos de uso desse vocábulo, tal como os interactantes da situação. Isso justifica a repetição de respostas que contêm os amigos como atores da interação, porque, devido às relações estabelecidas, não há uma preocupação tamanha com a adequação à norma de referência.

No entanto, pode-se notar que há gírias que passaram a ser menos percebidas como um signo de agressão e que ultrapassaram as barreiras do grupo fechado (*principalmente em conversas informais com os amigos, porém algumas como fake, flopar, spoiler em diálogos formais no trabalho*). Itens como *fake* não mais se restringem à comunicação informal e criptológica, passando ao uso em interações mais monitoradas, como em jornais televisivos ou em situações de trabalho.

Outro dado interessante foi a menção ao *WhatsApp* como o principal ambiente de uso desses estrangeirismos gírios. A nosso ver, isso se dá devido à rapidez, espontaneidade e tentativa de reprodução das interações síncronas na rede social em questão, que conduz a uma maior possibilidade de aproximação de usos menos monitorados.

Muitos dos respondentes afirmaram, ainda, que usam os vocábulos que destacamos em interações com pessoas que têm idades próximas de suas faixas-etárias (*Durante conversa com amigos, ou parentes de idades próximas à minha*). Aqui há um pressuposto, o de que os usuários de gírias são, em sua maioria, senão totalidade, jovens (RECTOR, 1994). Esse pressuposto pode se verificar, também, no dizer de um dos colaboradores, que afirma usar esses termos em casa,

com sua filha adolescente. Reflete-se, logo, a ideia de que são os falantes deste momento histórico, tendo em vista a relação língua/sociedade já tratada, que criam, usam e se apropriam desse vocabulário específico, sendo eles a representação de uma geração sequiosa de novidades constantes e que buscam essas inovações, refratando isso em seus usos linguísticos (CARVALHO, 1984).

Nota-se, ainda, uma oposição: enquanto há respondentes que destacam o uso das gírias nas redes sociais, há outros que confirmam sua presença em usos nas interações face a face. Isso nos leva a apontar que as fronteiras entre o mundo virtual e o mundo físico não são tão delimitadas e rígidas como se pode pensar, mas que, além de serem plásticas, as criações linguísticas que ocorrem no ciberespaço se tornam tão marcadas nos usuários e termos, como os estrangeirismos gírios, que ultrapassam esses limites.

Contudo, não são todos os indivíduos que consideram aceitável a presença de estrangeirismos gírios na língua, o que comprovamos através da pergunta: *para você, o uso dessas gírias advindas do inglês é prejudicial para a língua portuguesa? Por quê?* Em termos percentuais, aproximadamente 37% dos respondentes afirmaram que esse uso é prejudicial, contra 57% que indicaram não haver prejuízos. Um total de 6% não soube responder. Questionados sobre o porquê de suas opiniões, alguns dos colaboradores afirmaram:

Exemplo 04:

- a. Acredito que sim, usamos as palavras em inglês como se fossem mais legais, e na realidade *elas tem o mesmo significado*.
- b. Sim, pois *temos palavras iguais* ou *que passam a mesma ideia*.
- c. Sim, pois ela acaba *tomando um espaço* de uma palavra no nosso idioma.
- d. Acredito que sim, *começamos a perder a noção de identidade*
- e. Sim, porque *as gírias empobrecem a língua portuguesa* porque com as redes sociais a única alternativa é se adaptar e utilizar as gírias advindas do inglês fazendo a sociedade mudar a forma como falam *enriquecendo cada vez mais a língua universal do mundo - o inglês*.
- f. Acredito que a interferência *pode sim prejudicar na parte do ensino*, agora para a língua acredito que pela possibilidade de que as pessoas acabem *deixando de usar algumas palavras que são sim culturais para utilizar termos tidos como mais modernos*. E a cultura deve ser preservado: seja para linguagem, histórica ou nutricionalmente por exemplo.

(Questionário *on-line*, 2021, grifos nossos)

Há, de maneira muito pungente, um desconhecimento acerca das relações existentes entre as dinâmicas do léxico e da língua, assim como da natural capacidade de renovação lexical através do processo de neologia. Vê-se isso na crença de que as gírias de origem inglesa, em

sua totalidade, têm significados que já eram expressados por palavras reconhecidas como pertencentes ao português brasileiro. Desconsidera-se que há estrangeirismos gírios que surgiram de uma necessidade denominativa, a fim de nomear elementos ou realidades que anteriormente não existiam e que, originalmente, foram designadas em inglês (CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2016). Não se trata, portanto, de uma mera substituição de itens ou de sobreposição de um termo inglês, mas de um processo comum que surge a partir das carências linguísticas em face das mudanças e inovações cotidianas.

Não se pode dizer, também, que se verificam, no fluxo da interação, os mesmos efeitos de sentido com o uso de determinadas gírias vindas do inglês se comparadas à utilização de “correspondentes” em língua portuguesa, posto que, muitas vezes, o primeiro uso acontece por uma busca de maior estilo ou expressividade (CORREIA; ALMEIDA, 2012), ou de uma procura por identificação com um grupo, conforme Gonçalves (2016). Essas gírias que trazem um caráter mais estilístico, ou mesmo denominativo, não geram uma perda da *noção de identidade*, especialmente num país como o Brasil, que se desenvolveu pela miscigenação de diversas culturas. Esse argumento é extremamente problemático, em virtude das questões relacionadas ao que é identidade.

Esses estrangeirismos gírios não empobrecem, de maneira alguma, o português, em vista do enriquecimento do inglês, como se veem nos exemplos. A gíria é um elemento verbal, um fenômeno sociolinguístico importante para determinadas situações de comunicação, como apontaram Patriota (2009) e Gonçalves da Silva e Patriota (2020). Mais que isso, ela é um signo identitário de determinados grupos (PRETI, 1984; 2000; 2004). Os estrangeirismos são marcas das possibilidades de renovação do léxico, conforme Bechara (2015). As gírias vindas do inglês, assim, funcionam como vocábulos identificadores de grupos sociais, que deflagram as consequências da globalização, com uma grande relevância nas interações virtuais, demonstrando a capacidade de renovação do léxico do português, razão pela qual não se pode dizer que seu uso enriquece *cada vez mais a língua universal do mundo - o inglês*. Além disso, conforme indicou Patriota (2009), a gíria não é, exatamente, um problema no ensino, sendo usada, por vezes, como recurso de aproximação entre professores e alunos. A seguir, veremos os exemplos dos que consideram esse uso como não prejudicial.

#### Exemplo 05:

- a. Pessoalmente, não acho. Porque, com as redes sociais, estamos cruzando os limites nacionais muito facilmente. Também através de músicas, de filmes... então, *seria praticamente impossível não ser empregado linguisticamente por essas expressões*. Também acho bastante legal que, ao

adotarmos alguma palavra estrangeira, conjugamos ela com as regras do nosso português. *Abrasileiramos essas palavras. Como em "printar".*

b. Não necessariamente. *Às vezes simplesmente não existem* (ou não conhecemos - por já não serem utilizadas ou por não fazerem parte do léxico comum à nossa região no país) *palavras capazes de transmitir as mesmas ideias com a mesma facilidade.* Acredito que, a longo prazo, essas gírias *podem ser incorporadas à nossa língua* sem que existam quaisquer prejuízos significativos.

c. Não, porque é comum, assim como a maioria das coisas na vida, *a língua ir se renovando* com o tempo. [...] mas segundo a teoria da aldeia global, esse tipo de coisa vai se tornar cada vez mais comum. Com o avanço da globalização, o mundo acaba se tornando uma coisa só, inclusive na forma de falar.

d. Não são, pois o uso dessas palavras estrangeiras, vem para agregar a nossa língua, principalmente porque muitas delas são “abrasileiradas”. *Se estrangeirismos fossem um problema, mais da metade das palavras língua portuguesa deveriam ser excluídas.*

(Questionário on-line, 2021, grifos nossos)

Os respondentes, a princípio, estão cientes de que, devido às influências do inglês em nossa sociedade, há um favorecimento da incorporação de termos estrangeiros. Essas influências são tão presentes que *seria praticamente impossível não ser empregado linguisticamente por essas expressões.* Acompanhá-las e incorporá-las ao nosso vocabulário é um movimento natural (CARVALHO, 1984). Reconhece-se a possibilidade de adaptações, desses itens, à língua receptora, ao se notar que *abrasileiramos essas palavras*, na fase de adoção que caracteriza os empréstimos e que, em face disso, *podem ser incorporadas à nossa língua* (CARVALHO, 2009). Outrossim, os nossos colaboradores entendem a necessidade de importação de termos, porque, *às vezes, simplesmente não existem palavras capazes de transmitir as mesmas ideias com a mesma facilidade*, numa proximidade com os estrangeirismos denotativos e neologismos denominativos (CORREIA; ALMEIDA, 2012; CARVALHO, 2009).

Vê-se, dessa maneira, a importação linguística de termos que em nossos usos constituem-se em gírias, embora sentida como algo alheio ao sistema da língua e do léxico originalmente, como um mecanismo natural e comum, especialmente ao pensarmos no português brasileiro, que incorporou tantos itens lexicais de outros idiomas. O que se percebe é uma modificação na gênese dessa incorporação, agora muito mais efetivada pelos artificiais canais que o mundo digital oferece. Também não se pode deixar de considerar que esses usos linguísticos, apesar de terem sua origem no contexto das redes sociais, não se restringem a elas, sendo usados em comunicações do dia a dia, em interações mais informais ou, até mesmo, em situações formais, como na linguagem jornalística.

Esses apontamentos, portanto, reafirmam as relações entre a dinâmica do fenômeno gírio e do sistema lexical, demarcando a potencialidade da gíria na renovação do léxico.

#### 4.1.5 Os estrangeirismos gírios na dinâmica da ampliação lexical

O ato de pesquisar sistematicamente, com rigor científico, determinado fenômeno, realidade ou objeto implica uma série de atitudes e perspectivas, como buscar a comprovação do já dito na área em que se insere, de modo que se amplie o horizonte de conhecimento. No entanto, é viável, igualmente, a indicação de lacunas nos postulados teóricos construídos até então (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

É nessa linha de pensamento que propomos a inserção das gírias formadas a partir do inglês na dinâmica de ampliação do léxico. É evidente que, por uma questão não meramente formal, nos remontamos à teoria já apresentada sobre as gírias, os estrangeirismos e o léxico. Contudo, nossas ponderações se pretendem mais além disso, tendo em vista a grande escassez de pesquisas que demonstrem como esses vocábulos influenciam na constante renovação lexical. No âmbito acadêmico, por exemplo, quando se busca por pesquisas, relacionadas ao ensino, que objetivam tratar sobre a ampliação do léxico, estas se voltam para a ampliação do vocabulário ou do léxico individual de cada aluno e não do sistema lexical propriamente dito, como elencamos na nossa revisão teórica. Exemplo desse tipo de pesquisa é a de Naves (2020), que enfatiza o acervo lexical de alunos com deficiência intelectual.

A partir das análises empreendidas nas subseções anteriores, defendemos, em paralelo, a potencialidade dos estrangeirismos gírios na ampliação do léxico. De modo que possamos sistematizar as observações feitas e encerrar este momento das nossas discussões, delimitamos três constatações que, em nossa visão, demonstram a veracidade de nossa defesa.

Em um primeiro plano, notamos que *os estrangeirismos gírios são uma forte marca da neologia e um dos mecanismos neológicos mais produtivos em contexto virtual de redes sociais*. Tanto o sistema lexical quanto a gíria, seja ela formada por estrangeirismos ou por outro processo de formação, apresentam características em comum, tais como a dinamicidade e o caráter aberto. Nos vocábulos gírios, essa dinamicidade se efetiva na sua efemeridade que apresenta uma constância de mudanças e substituições no contexto do grupo e que, gradualmente, podem ser esses itens levados à sociedade. Do léxico, os dois aspectos se verificam em seu caráter de constante renovação. É por isso que, sendo a neologia a capacidade natural de ampliação que o léxico da língua possui, conforme Correia e Almeida (2012), os

vocábulos gírios consistem em bons representantes desse fenômeno de expansão lexical, especialmente no ambiente das redes sociais.

Em sua pesquisa, Gonçalves da Silva e Patriota (2021) evidenciaram que, dentre os três grandes processos de formação das gírias das redes sociais (estrangeirismos, neologia semântica e siglagem), o processo mais frequente foi o de importação linguística, o que ratifica a produtividade dos termos estrangeiros na formação de vocábulos giriáticos e, conseqüentemente, de incorporação desses itens no léxico do português. Em nosso caso, valendo-nos de Correia e Almeida (2012), percebeu-se que a criação de itens lexicais gírios formados a partir do inglês é, também, o mais frequente processo formativo nas redes.

Em segundo lugar, verificamos que *o processo de vulgarização da gíria contribui com a inserção do termo estrangeiro no nosso sistema lexical*. Como demonstramos, mediante as respostas encontradas no questionário *on-line*, os estrangeirismos gírios começam a extrapolar o contexto dos grupos das redes sociais, marcando, como indicou Preti (1984; 2000; 2004), o processo de saída da gíria de um restrito grupo e sua repercussão na sociedade geral. Com esse ingresso no vocabulário de membros externos ao grupo, mais falantes fazem uso do item gírio, o que pode conduzir a maiores variações e adaptações às regularidades próprias dos itens lexicais do português.

Creemos, assim, que, ao passar da comunicação restrita de determinados grupos para as interações da grande comunidade, a gíria formada por estrangeirismo se torna ainda mais propensa a alterações e adaptações fonéticas, morfológicas e, até mesmo, semânticas. Passado esse momento de adaptações e sendo sentida pelos falantes como um uso de sua língua, ou, ainda, tendo deixado para trás o senso de novidade próprio do neologismo, há uma indicação da inserção do item no léxico do português.

Uma última constatação é que *a dicionarização das gírias dá indícios de uma aceitação no estágio probatório*. Sinalizamos, anteriormente, que o termo estrangeiro (ou o neologismo) passa por um momento de “flutuação”, no qual os usuários da língua começam a percebê-lo e a avaliá-lo em uso. Alguns desses itens, no nosso caso, estrangeirismos gírios, podem, se aprovados nesse processo, ser aceitos e adotados, gerando, possivelmente, seu ingresso em dicionários de língua, conforme apontou, com exemplos de gírias, Valadares (2011).

Embora nos valendo de um critério mais lexicográfico, neste último ponto, consideramos que essa perspectiva é relevante, porque confere à gíria um estatuto de palavra do português e, por conseguinte, pertencente ao nosso léxico.

## 4.2 Léxico, estrangeirismos e gírias: algumas reflexões para o ensino

Nossa filiação teórica maior, ou seja, a Lexicologia e a Sociolinguística, nos dá margem para levarmos as discussões engendradas nesta pesquisa ao campo educacional, de modo que as perspectivas apresentadas não sejam encerradas meramente às suas descrições. Assim, nesta seção, pretendemos refletir, baseados nas análises feitas sobre os estrangeirismos gírios nas redes sociais, acerca do ensino de língua portuguesa e, mais especificamente, como o léxico pode ser trabalhado nas salas de aula brasileiras da escola básica em face desses elementos verbais tão presentes no cotidiano dos usuários da *internet*.

Subdividimos este momento do trabalho monográfico em duas partes, relacionadas à teoria estudada: (i) na primeira, tecemos considerações sobre como o léxico, em sua dinâmica com o nosso objeto, pode ser abordado nos Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando-o, sobretudo, em função do texto e associado às atividades epilinguísticas; e (ii) na segunda, nosso foco recai sobre o Ensino Médio, etapa para a qual nossas reflexões se pautaram em questões político-ideológicas e atividades metalinguísticas.

Numa visão de ensino do léxico que considere tanto aspectos estruturais quanto sociocognitivos e textual-interativos, enfocaremos a abordagem dessas gírias sob a ótica da análise linguística (AL), sem perdermos de vista os demais eixos do ensino de LP. Para a associação ao eixo de AL, nos valem das contribuições de Bezerra e Reinaldo (2020) e Mendonça (2006). Observando a AL, o ensino de língua portuguesa deve favorecer, conforme Mendonça (2006, p. 204), a “reflexão consciente sobre os fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua”. Para Bezerra e Reinaldo (2020), podemos considerar, no ensino, (i) as atividades epilinguísticas, resultados de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como objeto, centrando-se nesses recursos em função das atividades linguísticas do falante/escritor; e (ii) as atividades metalinguísticas, que se voltam para a elaboração de noções que categorizam esses recursos, não se relacionando com o processo interativo.

Em vista do que apresentamos, entendemos que há muito o que se explorar a partir das gírias formadas por importação linguística nas redes sociais, o que não é findado na análise estrutural e avaliação da pertinência do uso desses itens. Cientes da centralidade do texto e inserindo esse trabalho com o léxico no eixo de análise linguística em inter-relação com os eixos de leitura e produção, apresentaremos, a seguir, algumas reflexões sobre possibilidades de associação entre nosso objeto e o ensino de LP.

#### 4.2.1 Anos Finais do Ensino Fundamental: o léxico em função do texto e as atividades epilinguísticas

É fato que o espaço reservado ao ensino/estudo do léxico, nos programas de ensino, é reduzido, o que se torna evidente através da análise de materiais didáticos (ANTUNES, 2012). Ao observarmos o tratamento dado pelos livros didáticos, percebe-se a pouca produtividade das atividades propostas, inclusive no Ensino Fundamental, apresentando ideias pouco pertinentes para a ampliação da competência comunicativa dos alunos (LEAL, 2004).

Pertinente é, então, trabalhar no ensino de LP esses vocábulos gírios, inseridos nos textos digitais que circulam nas redes sociais, conforme evidenciamos, e considerá-los em sua inter-relação com as condições de produção desses discursos, levando o aluno a compreender aspectos textual-interativos desses usos (ANTUNES, 2012).

A BNCC prevê que o ensino de LP se volte para a contemplação crítica das novas práticas de linguagem e formas de produção (BRASIL, 2018). Isso não significa dizer que os gêneros e usos que não estão sendo vistos nos ambientes digitais devem ser desconsiderados, mas que é importante levar o aluno a conhecer as outras dimensões dessas realizações linguísticas, o que, em nosso ver, se relaciona diretamente com a consideração do uso de gírias nas redes sociais.

Em vista disso e partindo da observação de Leal (2004), acerca dos LDs do Ensino Fundamental, encontramos um foco demasiado em exercícios que versam sobre o significado e as relações lexicais, compreendendo mais da metade do seu *corpus*. Em sua análise, a autora identificou que as atividades relacionadas à significação dos itens lexicais são limitadas à inferência ou reconhecimento do que significa determinada palavra ou expressão que, embora apareçam muitas vezes relacionadas a um texto, se limitam a um recorte oracional, a uma parte da unidade comunicativa (o texto), de modo que o estudante reconheça os sentidos da construção naquele contexto. Não se leva em consideração, assim, as relações textuais e interativas que podem ser estabelecidas ao vislumbrarmos o diálogo entre o item e o texto.

Dialogando com o nosso objeto de estudo, interessante se faz que, no Ensino Fundamental, com vistas ao desenvolvimento de competências específicas no aluno, se pensem em atividades didáticas que partam do texto digital em que o estrangeirismo gírio é encontrado e analisem o(s) seu(s) significado(s) em função da unidade textual. Um exemplo disso seria a utilização de um texto ou uma interação ocorrida através das redes sociais em que se verifiquem os usos possíveis para a gíria *fake*, conforme apresentamos na subseção 4.1.1. A partir disso, o

professor poderia conduzir o aluno a refletir sobre os efeitos de sentido que esses usos geram naquele contexto, de modo que, para além da mera identificação de significados, ele possa perceber como os diferentes usos da gíria concorrem para o alcance dos propósitos comunicativos do texto.

Para Antunes (2012, p. 43), é preciso que o aluno possa pensar “nos efeitos de sentido decorrentes das escolhas das palavras”, reconhecendo que uma palavra expressa mais do que um sentido no texto, servindo a uma intenção ou propósito comunicativo. Essa proposta, portanto, filia-se a uma atividade de reflexão epilinguística, assim como outras que apresentaremos (BEZERRA; REINALDO, 2020).

Na esteira do pensamento de Antunes (2012), consideramos importante, também, subsidiar ao aluno a habilidade de reconhecer o que está implícito nos usos lexicais em determinado texto e como isso concorre para a construção de sua coerência, abrangendo determinações lexicais e sociocomunicativas. Assim, seria possível o trabalho com a gíria *exposed*. Partindo sempre do texto, em especial o digital que é visto nas redes sociais, o professor abordaria os efeitos de sentido e o que está implícito nas exposições empreendidas, como, a título de exemplificação, o que está por trás do uso da gíria em um texto que trata sobre abuso e violência contra a mulher, conforme indicamos nas ocorrências da subseção sobre os sentidos das gírias.

Conforme Bagno (2007), cabe à escola a promoção de uma reeducação sociolinguística, que leve o aluno a perceber uma escala de valores que são atribuídos a determinados usos lexicais. Logo, o professor de LP tem a possibilidade de trabalhar com a gíria *fake* esses valores muito mais sociais que linguísticos atribuídos às palavras. Assim, uma atividade pertinente seria a comparação entre o uso de *fake* nas redes sociais e seu aparecimento, situado historicamente, em textos jornalísticos, por exemplo, que tendem a um maior monitoramento estilístico do que as produções que comumente aparecem nas redes. Através dessa comparação, o aluno poderia perceber como a inserção desse uso no vocabulário de situações e grupos considerados de prestígio implica numa diminuição do juízo de valor negativo atribuído à gíria, incluindo-se, nessa proposta, a propagação da gíria *fake* através dos jornais e *sites* de notícia, sobretudo com a “explosão” das *fake news*.

Outra possibilidade interessante e pertinente, que se volta para a reflexão epilinguística (BEZERRA; REINALDO, 2020), seria com a gíria *off*. Conforme Leal (2004), as atividades que versam sobre os significados dos itens lexicais desconsideram, em grande parte, os contextos sócio-históricos de produção dos textos e, conseqüentemente, do uso das palavras.

No ensino, a partir do que apresentamos anteriormente, o professor de LP pode se valer dos textos digitais em que *off* é usada para explorar a construção e especificação dos seus sentidos em função de aspectos sociais e históricos, relacionando esses dados, por exemplo, à discussão em torno da comunidade LGBTQIA+, no seio da qual essa gíria surge.

Um trabalho interdisciplinar, relacionando LP à história, surgiria dessa exploração, tendo em vista que a construção de significado, situada historicamente, está associada à marginalização da comunidade que, através da linguagem, usa termos que a torne fechada para a sociedade em geral. A reflexão sobre esse estrangeirismo gírio favoreceria, assim, a promoção de uma sociedade mais inclusiva e menos preconceituosa, conforme preconizado pela BNCC (BRASIL, 2018).

Para além da exploração de significados, Leal (2004) indica a recorrência de atividades que exploram as relações lexicais, em especial a sinonímia. Essa abordagem dos LDs é passível de muitos olhares avaliativos, mas, para nós, há possibilidades viáveis e produtivas ao trabalharmos com a relação de sinonímia, evidenciando a epilinguagem no Ensino Fundamental, com foco nas gírias que estudamos. Concebendo, como princípio básico, a não existência de sinônimos perfeitos, uma atividade relevante para os alunos seria a exploração da relação de sinonímia existente entre palavras da língua comum, ou itens que não são mais usados com muita frequência, e as gírias formadas por estrangeirismos. Um exemplo disso seria a exploração de *crush*. O docente poderia propor a análise de textos em que se verificassem a presença de *crush* e de textos em que essa gíria fosse substituída por itens que têm significados próximos, como *paquera* ou *paixonite*.

Numa atividade assim, os alunos visualizariam como o léxico se modifica com o passar do tempo, tendo em vista que termos com sentidos semelhantes deixam de ser usados em determinados contextos devido a uma menor frequência de utilização no recorte atual da língua, bem como perceberiam que o uso das palavras recebe influências dos contextos sociocomunicativos. Vislumbrariam, com isso, que, embora *paquera* e *paixonite* sejam ainda possíveis em suas produções, inclusive nas redes sociais, a influência do contexto em que eles se inserem indica ser mais adequado o uso da gíria formada por estrangeirismo.

O conhecimento construído, a partir daí, não se esgota às produções que envolvem os vocábulos gíriáticos, pois, compreendendo que as nossas escolhas lexicais são motivadas por influências que vão além da simples troca de palavras em função de uma relação de sentido, os estudantes entenderão a necessidade de refletir sobre as demandas comunicativas que surgem

no momento em que produzem um texto oral ou escrito, vendo o léxico em função da construção da coesão e da coerência textuais (ANTUNES, 2012).

Embora consideremos, neste trabalho, que muitos alunos tenham conhecimento sobre os sentidos das gírias formadas por estrangeirismos, não é incomum nem inadequado apontarmos a possibilidade de haver aqueles que não dominam o uso ou que não conhecem o(s) seu(s) sentido(s). Também é interessante destacarmos que há aqueles falantes, para além da sala de aula, que desconhecem, total ou parcialmente, os significados desses vocábulos. Por isso, norteados pelas ideias de Antunes (2012), concebemos que uma atividade produtiva, partindo dos itens analisados, é a inferência, como habilidade imprescindível ao desenvolvimento de um leitor proficiente.

Ainda que estejamos lidando com palavras cuja origem reside em material linguístico de outro idioma, é possível trabalharmos, a princípio, com o levantamento de hipóteses em torno do significado dos itens lexicais, mediante a exploração de uma coletânea de textos em que apareçam o uso da gíria, a qual pode ser composta pelos próprios alunos. Feita essa coleta, o professor pode, junto aos estudantes, realizar o trabalho de inferir os sentidos existentes nos usos dos vocábulos, sem perder de vista, evidentemente, a relação entre a gíria e o texto, o que contribuiria com a realização dessa ideia. Essa atividade favoreceria, então, o desenvolvimento de habilidades necessárias à leitura, assim como poderia ser um primeiro momento para a realização de outra proposta: a construção de um glossário.

Envolvendo a turma composta em grupos, por exemplo, o professor de LP pode iniciar uma sequência de atividades que se origine da coleta de gírias formadas por estrangeirismo (partindo de uma inicial familiaridade com o conteúdo), seguida do levantamento dos sentidos das palavras encontradas, através do processo de inferência. Esse processo poderia ser complementado pela metodologia de pesquisa, de modo que os estudantes, exercendo mais uma vez sua autonomia, possam ir em busca de dados na *internet* ou em outros meios de coleta de informações, a fim de identificar sentidos que essas gírias assumem. Valendo-se disso, o professor poderia exercitar, inclusive, a curadoria de dados encontrados no mundo digital, em consonância com o que é requisitado pela BNCC (BRASIL, 2018). De posse dos dados, os alunos criariam um glossário, ou até mesmo um minidicionário, a ser depositado na biblioteca escolar, do bairro ou município, ou postado em um *site* da escola, a fim de que eles possam ver a relevância do seu trabalho.

Uma atividade como essa, contudo, pressupõe um prévio conhecimento sobre a organização de um dicionário ou glossário, suas finalidades e formas de estruturação e

construção, o que não invalida a possibilidade de realização. É produtiva, também, porque coloca os alunos como autores ativos de conhecimento, gerando uma maior familiaridade com o uso do dicionário que o considera como fonte para o acesso de informações sobre o léxico da língua, para a identificação dos contextos de uso das palavras e para o reconhecimento dos vestígios da história da língua e da identidade cultural de seus falantes (ANTUNES, 2012).

Cabe, também, no âmbito do Ensino Fundamental, a exploração da dinâmica de renovação do léxico, orientada pelo processo da neologia. O docente de LP, iniciando uma sequência de atividades que focalizem essa ampliação lexical, poderia mostrar a gíria formada por estrangeirismo como uma ilustração desse constante movimento de criação de novos itens, através dos mecanismos anteriormente mencionados: as regras da própria língua, a atribuição de novos significados e a importação linguística (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Essa demonstração seria feita, em nosso ver, através da observação, nos textos, da ocorrência das gírias, permeada pela discussão ou busca da presença desses itens em dicionários, a fim de se estabelecer uma comparação entre os recortes de língua.

Um último aspecto relacionado à abordagem do léxico nessa etapa do ensino, a partir das gírias analisadas neste estudo, diz respeito ao tratamento da variação linguística, valendo-nos, mais uma vez, de Leal (2004). Conforme indicado em nossos pressupostos teóricos, a Sociolinguística assume o pensamento de que a língua é heterogênea e está em um movimento constante de variação e mudança. A variação, assim, é a manifestação das diferenças sociais refletidas na língua (BAGNO, 2007).

É relevante promover um trabalho de reflexão, em sala de aula, sobre os aspectos que estão associados à criação e uso dos vocábulos giriáticos nas redes, de modo que o aluno possa desenvolver uma melhor competência comunicativa e monitoramento estilístico (BORTONORICARDO, 2004; 2017). Vê-se, inclusive, a defesa na Base de que “serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo do gênero” (BRASIL, 2018, p. 80).

Assim, de um usuário da língua, é esperado o uso da variedade adequada requerida nas situações comunicativas, em conformidade às ideias de Leal (2004). Sob o “guarda-chuva” da variação, a autora indica a ocorrência de maior quantidade das questões que envolvem a gíria, seguidas de atividades que versam sobre a linguagem informal e formal, expressões idiomáticas, estrangeirismos e as diferenciações entre o português de Portugal e o do Brasil. Nota-se que, quantitativamente, há um trabalho mínimo com a gíria (33 de 635 exercícios) e os

estrangeirismos (12 de 635 exercícios), considerando o total de atividades relacionadas ao léxico nos LDs observados pela autora.

Nas análises de Leal (2004), verificou-se que os exercícios que trabalham com a gíria se limitam à especificação desse uso como uma marca de um grupo, deixando de lado questões como a criptologia desse signo, a criatividade e dinamicidade envolvida na sua formação, além de se pensar sobre seus contextos de uso. Em relação aos estrangeirismos, embora não apresente dados de ocorrência, suas conclusões nos permitem inferir que as observações não extrapolam o nível estrutural. Com dados mais atuais, também, Sarmiento (2019) aponta que o trabalho com a variação linguística se limita à distinção entre a linguagem formal e informal.

Para uma abordagem do léxico produtiva, sob a ótica da variação, se faz necessário que o professor promova atividades que concentrem a observação da gíria formada por estrangeirismo como (i) um uso que atesta o aspecto variável e mutável da língua; (ii) um item lexical que é identificador de grupos específicos; e (iii) uma marca de situações de comunicação que, majoritariamente, tendem à informalidade ou a um menor monitoramento estilístico (BORTONI-RICARDO, 2004; 2017). Por isso, o docente de LP poderia criar situações de comunicação em que os alunos produzam textos, orais ou escritos, que evidenciem o uso do estrangeirismo gírio e que abarquem os elementos mencionados.

Uma possibilidade seria a metodologia *storytelling*, ou “contação de histórias”. O professor dividiria a turma em grupos, da forma mais adequada à sua realidade, e proporia a esses grupos a criação de uma pequena narrativa, que pode ser falada ou escrita, a partir de um eixo condutor que gere o aparecimento dos estrangeirismos gírios, pressupondo, destacamos, um trabalho anterior a esse, no qual os alunos já tenham sido familiarizados com ocorrências das gírias em textos reais. Essas narrativas podem ser encenadas, o que dará maior dinamicidade à atividade. Com essa criação de histórias, o professor terá material para discutir com os estudantes a variação, a marca identitária e o monitoramento estilístico que circundam esses usos, sendo esse recurso produtivo porque levará os alunos a vivenciarem as situações e não só observá-las em textos de outros produtores.

Em síntese, para os Anos Finais do Ensino Fundamental, é adequado conduzir o aluno a reflexões pertinentes e criativas, acerca do papel dos estrangeirismos gírios na elaboração do texto, das relações semânticas que estabelecem e das suas funções nas interações sociocomunicativas, orientadas por uma prática epilinguística (BEZERRA; REINALDO, 2020).

#### 4.2.2 O Ensino Médio: das questões político-ideológicas às atividades metalinguísticas

Ao observarmos as propostas e ideias apresentadas pela BNCC (BRASIL, 2018) para o trabalho com a língua portuguesa no Ensino Fundamental, notamos uma certa limitação no que se refere às possibilidades de trabalho com o léxico e, mais especificamente, com os estrangeirismos gírios no ensino que focaliza os conhecimentos lexicais. Essa escassez de orientações se torna ainda mais marcada ao buscarmos dados desses documentos para a etapa do Ensino Médio, razão pela qual, embora partindo de algumas indicações da Base, voltaremos o nosso olhar, sobretudo, para os direcionamentos teóricos mencionados no capítulo de revisão da literatura. No documento, para o Ensino Médio, são previstas habilidades como, por exemplo,

(EM13LP06) Analisar *efeitos de sentido* decorrentes de usos expressivos da linguagem, da *escolha de determinadas palavras ou expressões* e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de *uso crítico da língua*. [...]

(EM13LP10) Analisar o *fenômeno da variação linguística*, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, *lexical*, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e *dinâmica da língua* e sobre o fenômeno da constituição de *variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas*, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o *combate a preconceitos linguísticos* (BRASIL, 2018, p. 507-508, grifos nossos)

Conforme destacado no capítulo 2 e agora retomado, é colocada em evidência, na Base, a análise dos efeitos de sentido advindos da seleção lexical, de modo que o aluno seja conduzido a uma reflexão que favoreça a construção de sentidos e o uso crítico da língua. Decorre dessa abertura dada pelo documento normativo a possibilidade de o professor trabalhar, com os alunos dessa etapa do ensino, aspectos relacionados às questões sociopolíticas e socioideológicas relativas aos estrangeirismos gírios, situados em um recorte histórico delimitado. Também se depreende a inserção desse objeto de ensino sob a ótica da variação linguística, na qual se insere a variação lexical, a fim de que sejam fornecidas aos estudantes situações de aprendizagem que os façam reconhecer a face dinâmica da língua, assim como refletir sobre a escala de valores estabelecida para as variedades, quer sejam de prestígio, quer sejam estigmatizadas, com vistas ao combate ao preconceito linguístico.

Concebemos, assim, a abordagem do léxico a partir das gírias analisadas neste trabalho, permeada pela consideração das dimensões indicadas pela Base, incluindo-se as dimensões

ética, estética e política desse uso, inseridos no ambiente digital (BRASIL, 2018), entendendo esses vocábulos como usos situados social e historicamente, em torno dos quais se veem aspectos político-culturais (GARCEZ; ZILLES, 2004; BAGNO, 2004).

Uma atividade possível, então, mais próxima de uma reflexão epilinguística, é propor aos alunos do Ensino Médio, partindo, mais uma vez, dos textos digitais em que se verificam ocorrências das gírias, a observação desses itens, concebendo os efeitos de sentido decorrentes de seu uso em relação ao texto. Essa análise não se esgotaria em um aspecto mais textual-interativo que se fixe no texto (NEVES, 2020; ANTUNES, 2012). Para além do que também apresentamos acerca do Ensino Fundamental, o docente de LP poderia propor aos alunos uma reflexão sobre esses efeitos de sentido associados a aspectos mais históricos sobre as gírias, de maneira que, para conseguirem explicar, por exemplo, como *off* assume características mais próximas de conotações sexuais, devessem ir em busca de elementos que permitam explicar e entender de que forma se chegou aos efeitos de sentido verificados nas unidades textuais estudadas.

Assim, os alunos empreenderiam atividades de pesquisa que estimulariam o fortalecimento da autonomia, colocando-os como parte essencial na construção do conhecimento. Além disso, dos dados encontrados, poderiam surgir discussões importantes ao considerarmos que esses estrangeirismos gírios começam a ser usados devido às influências externas que os falantes do português brasileiro recebem dos norte-americanos (GARCEZ; ZILLES, 2004; BAGNO, 2004).

Diálogos como esses permitiriam, também, uma proposição de trabalho interdisciplinar que envolvesse, a princípio, o componente de língua inglesa, com o fito de se visualizar, como exemplo, as modificações ou não de sentidos dos termos originalmente ingleses, adaptações fonéticas, morfológicas ou ortográficas e, ainda, uma comparação que leve em conta o uso – de que maneira essas palavras são (ou eram) usadas pelos nativos da língua da qual importamos esse material linguístico e como estão sendo usadas pelos falantes brasileiros. Um trabalho assim daria margem para a reflexão sobre a destinação das palavras importadas, deixando de reduzir sua observação a aspectos estruturais apenas (ANTUNES, 2012).

A interdisciplinaridade poderia ser explorada, inclusive, com os componentes de sociologia, história e geografia, inseridos na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para uma visão mais abrangente sobre as gírias formadas por estrangeirismo, poderia ser proposto um projeto de ensino que contemplasse possíveis motivações para essa importação, considerando o ambiente das redes sociais como ponto relevante nessa dinâmica, de maneira

que se visualize a diminuição das fronteiras comunicativas com a globalização e a difusão das TDICs (GALLI, 2005) e como esses usos refletem um desejo de semelhança para com os falantes da língua fonte (GARCEZ; ZILLES, 2004).

Tendo em vista a constante demanda posta para os professores, em relação a abordagens que se proponham inter e transdisciplinares, poderíamos explorar mais ainda os aspectos políticos e ideológicos das gírias, mencionados em nossas análises. Tal exploração, valendo-se novamente da metodologia *pesquisa*, teria como foco as crenças e atitudes dos falantes em relação ao uso dos estrangeirismos gírios. Uma possibilidade seria a proposição, aos alunos, da observação de comentários nas redes sociais que se voltem para a avaliação do uso desses vocábulos, tendo em vista que o caráter aberto desses *sites* favorece a pesquisa. Ou, ainda, os alunos seriam levados, dialogando com o estudo do gênero textual *entrevista*, a construir um roteiro de entrevista que pudesse evidenciar as impressões e pensamentos dos entrevistados a respeito desses usos.

A análise dos resultados dessas atividades não abrangeria, assim, apenas o professor e o componente de LP, mas poderia ser realizada a partir de pontes com um olhar mais sociológico e filosófico, a fim de se pensar sobre o que há de subjacente nessas impressões dos próprios falantes do português. Se pensássemos em um trabalho dialogado com a área de matemática, também, a análise qualitativa das respostas dos colaboradores poderia ser precedida de uma observação quantitativa, que considerasse quantos respondentes usam essas gírias, por exemplo.

Reflexões empreendidas a partir de atividades como essas não perderiam de vista o que se pretende para o Ensino Médio em relação aos estrangeirismos gírios na dinâmica do léxico, mas, sim, contribuiriam para um melhor trabalho. Observar essas gírias de um ponto de vista sociológico e filosófico, dialogando com a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, favoreceria ao aluno a visualização das questões políticas e ideológicas que atravessam o uso desses itens, enquanto que a quantificação, relacionada à matemática, demonstraria um recorte de falantes que incorporaram, ao seu repertório, esses vocábulos gíriáticos.

A partir de Antunes (2012), também, em vista do caráter neológico que alguns estrangeirismos gírios ainda apresentam, o professor de LP pode empreender atividades em que os alunos visualizem o poder de intervenção do homem sobre a linguagem em função de suas necessidades comunicativas. Essas atividades poderiam ser realizadas, também, através do levantamento de estrangeirismos gírios nas redes sociais. Por meio da análise de um conjunto de textos que contemplem os itens, o professor provocaria uma discussão com os discentes a

respeito desses usos, considerando necessidades denominativas ou estilísticas (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Desse modo, seria viável a desconstrução da ideia de que os estrangeirismos gírios ameaçam a língua do Brasil ou a “unidade” da nação.

Um último ponto pelo qual podemos refletir sobre o ensino do léxico diz respeito aos aspectos estruturais dos itens que apontamos. O exercício metalinguístico, que se volte para a uma visualização das gírias em seu aspecto mais estrutural, conforme indicado na seção 4.1.3, é uma atividade relevante para essa etapa do ensino, de modo que seja proposto ao aluno a análise, por exemplo, de possíveis adaptações fonéticas, morfológicas ou ortográficas nos vocábulos, assim como a consideração da classe de palavras em que se insere, dialogando com as atividades metalinguísticas (BEZERRA; REINALDO, 2020). Os verbos inseridos na primeira conjugação permitem a comprovação de que há uma maior receptividade nela do que na segunda ou terceira. Essas considerações que se voltam mais para uma metalinguagem, se propostas de maneira adequada, não se esgotam na gíria, permitindo uma ampliação do que foi verificado para aspectos até mesmo epilinguísticos.

Embora tenhamos proposto reflexões de caráter metalinguístico sobretudo para o Ensino Médio, não cremos ser desnecessário ou impertinente esse trabalho com o léxico no Ensino Fundamental. Indicamos atividades como tais sobre a língua para essa etapa, em nosso ver, porque favorecem a desconstrução de mitos do senso comum, que dizem respeito, por exemplo, à crença de que estamos “enriquecendo” a língua inglesa ao usar termos dela oriundos, como vimos na seção sobre o uso das gírias. Os alunos, assim, veem as adaptações pelas quais os estrangeirismos gírios passam em termos estruturais, especialmente. Dessa forma, vislumbram que o falante do português brasileiro não deixa de imprimir, aos itens, marcas de sua língua. Além disso, gera-se a possibilidade de reflexão sobre as razões que viabilizaram a permanência de determinadas formações em sua forma original. Tudo isso contribui com a discussão sobre os aspectos político-ideológicos que apresentamos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de interação humana pela palavra há muito tempo fascinam o homem, sendo elas reconfiguradas de acordo com as modificações sociais ocorridas ao longo de nossa história. Com a Era Digital, novos canais surgiram, permitindo o tráfego de dados e possibilitando a conexão comunicacional de pessoas nos mais diversos lugares do mundo (GALLI, 2005). Surge, assim, um tipo de discurso específico, com características próprias, marcado pela constante influência de determinadas nações (e línguas) sobre outras, permitindo que consideremos a existência de uma linguagem digital, dotada de elementos típicos e termos específicos, conforme Marcuschi (2005) chamou de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). Alguns desses itens constituem-se como gírias, vocábulos criptológicos e identificadores, que são formadas, em grande parte, pelo processo de importação linguística de outros idiomas, o que chamamos, nesta monografia, de estrangeirismos gírios.

Neste estudo, partimos da consideração de que esses itens lexicais são importantes recursos para a interação verbal realizada nas redes sociais e que, sendo usos da língua presentes nas práticas de linguagem contemporâneas, se faz necessário o trabalho com eles no ensino de LP. Por essa razão, buscamos observar o funcionamento das gírias da *internet* formadas por estrangeirismos de língua inglesa, demonstrando a ampliação lexical do português através da criação neológica desses vocábulos e evidenciando possíveis abordagens para o léxico em sala de aula com o uso dessas palavras.

Para isso, realizamos a coleta de dados nas redes sociais *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter* e *Instagram*, durante um período de três meses, nos quais concentramos o nosso olhar em interações em que foram visualizadas o uso de gírias, especialmente as formadas por estrangeirismo. Em seguida, filtramos os dados, a fim de termos posse apenas de estrangeirismos gírios. A última etapa desse momento foi a aplicação de um questionário *on-line*, que nos permitiu o alcance de 12 (doze) gírias mais usadas e a visualização de aspectos relacionados aos seus usos.

A pesquisa evidenciou o estrangeirismo gírio como uma marca indelével do aceleramento da globalização (GALLI, 2005), potencializada pelo crescimento do uso das redes sociais, que se caracterizam como canais artificiais que amplificam e colaboram para a materialização, na língua, da dominação ou influência que nações hegemônicas exercem sobre outras comunidades (CARVALHO, 2009). Indicamos que essas influências, no português brasileiro, se originam, pelos *corpora* apresentados, da relação assimétrica estabelecida entre o Brasil, e, conseqüentemente, seus falantes, e sobretudo os Estados Unidos da América (EUA),

cuja língua proveu material para a inserção, nos nossos usos, de gírias formadas por estrangeirismos, demarcando, assim, a supremacia de um povo sobre outro, manifestada, inclusive, na língua (BAGNO, 2004; GARCEZ; ZILLES, 2004).

Analisamos os vocábulos gírios, dessa forma, sob aspectos semânticos, históricos, estruturais, formativos e interacionais, o que nos levou a perceber que, embora seja realizada a importação da forma linguística e esta possa vir com as feições sociais e culturais dos falantes da língua fonte, os falantes do português atribuem, em alguns casos, as feições características de sua língua, como a inserção dos vocábulos estrangeiros no paradigma conjugacional da língua receptora. Em outros casos, a gíria permanece, no limite temporal deste trabalho, preservando suas características originais, quer seja porque ainda não foi encerrado o período “probatório” do neologismo (CARVALHO, 1984), quer seja porque já foi aceito como um item do português brasileiro. Notou-se, ainda, em relação aos dados históricos, que essas gírias se inter-relacionam e concorrem para o estabelecimento de uma interação que reflete a rapidez com que as mudanças sociais e linguísticas vão ocorrendo.

Ao observarmos aspectos interacionais, que dizem respeito ao uso dos estrangeirismos gírios, verificamos, como motivações, um forte reconhecimento por parte dos colaboradores da pesquisa, através do questionário *on-line*, da influência que o inglês exerce sobre os nossos usos linguísticos, em especial quando pensamos sobre estes em contextos digitais, mediados pelas redes sociais. Reconhecem, também, um caráter mais estilístico e expressivo, que é conferido ao discurso através da utilização das gírias, usadas, na maioria das vezes, em conversas informais. Há, ainda, uma divisão entre os respondentes: de um lado, os que creem que usar essas palavras prejudica a LP, enquanto que, por outro, há os que consideram essas palavras como ratificadoras do caráter aberto e dinâmico da língua.

Evidenciamos, em seguida, que os estrangeirismos gírios se caracterizam como grande marca da neologia, sendo um dos mecanismos neológicos mais produtivos verificados nas redes sociais, e que o processo de vulgarização da gíria contribui com a inserção do termo estrangeiro no nosso sistema lexical, demonstrado, por exemplo, através da dicionarização das gírias, que nos dá indícios de uma aceitação no “estágio probatório”.

Por fim, abordamos questões relacionadas ao ensino de LP, mais especificamente, ao trabalho com o léxico na escola básica. Para isso, nos valem, a princípio, da ancoragem com o que é preconizado pela BNCC, como documento norteador da educação, de modo que, a partir disso e dos pressupostos teóricos nos quais embasamos este estudo, pudéssemos refletir sobre

o ensino do léxico, associado ao eixo de análise linguística, em inter-relação com os eixos de leitura e produção. Dividimos essa reflexão, assim, em dois momentos: no primeiro, tratamos do léxico nos Anos Finais do Ensino Fundamental, enfocando atividades epilinguísticas com os estrangeirismos gírios; no segundo, pensamos a abordagem lexical no Ensino Médio, mediante aspectos políticos e ideológicos do uso dos vocábulos, com propostas interdisciplinares e atividades metalinguísticas.

Com este estudo, foi possível ratificar a importância da temática destacada na esteira dos estudos linguísticos, sequiosos de trabalhos que evidenciem as características plásticas, dinâmicas e em constante mudança do discurso eletrônico, nas suas interseções com o léxico (MARCUSCHI, 2005). Nesse sentido, a pesquisa se insere como inovadora, por lançar luz sob objetos da Linguística ainda marginalizados socialmente e, até mesmo, no âmbito acadêmico. No limite proposto, os objetivos estabelecidos foram alcançados, possibilitando a construção de respostas para os nossos questionamentos elencados.

No entanto, isso não esgota as possibilidades de estudo que focalizem a gíria formada por estrangeirismo na interface com o léxico, o que dá margem para novas pesquisas, sobretudo que busquem reelaborar, adaptar e aplicar as reflexões propostas para o ensino de LP no limite desta monografia. Desde os nossos questionamentos definidos até nossas análises, alguns elementos temáticos para novas pesquisas foram vislumbrados.

Um primeiro aspecto é a investigação acerca do tratamento dado ao léxico no LD de português, o que abrangeria a análise das gírias e dos estrangeirismos em função do sistema lexical, além de permitir a avaliação acerca dessa abordagem e se esta aparece associada à concepção estruturalista, cognitiva ou textual-interativa do léxico. Uma segunda possibilidade seria a reflexão acerca dos documentos normativos e orientadores para o ensino, em vistas de se pensar o lugar reservado para o léxico e os estrangeirismos gírios. Também, podem ser realizadas pesquisas que evidenciem uma leitura crítica acerca das gírias formadas por estrangeirismos, associada à busca pela desconstrução do preconceito linguístico. Um último desdobramento dos eixos apresentados nesta monografia é a pesquisa no ensino de LP, isto é, a proposta e a aplicação de atividades didáticas que evidenciem o objeto deste estudo.

Todos esses apontamentos corroboram, assim, a variedade de novas pesquisas que podem ser originadas da realidade aqui exposta.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

ALVES, Ieda Maria. A neologia na língua falada. In: PRETI, Dino (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 261-277.

ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia - Volume II*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 77-87.

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #eunãomereçoserestuprada. *Contemporânea: Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 294-310, mai./ago., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/14010/9879>. Acesso em: 31/05/2021.

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola, 2014.

ARAÚJO, Vinícius. Da monomídia ao transmídia: como um *reboot* de telenovela extrapolou seu formato original trinta anos depois. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43º, 2020, Salvador. *Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador: Intercom, 2020. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0188-1.pdf>. Acesso em: 30/05/2021.

BAGNO, Marcos. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 47-83.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA, 2º, 1990, Brasília. *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia*. Brasília, 1990. p. 152-158. Disponível em: [https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa\\_lexicologia-lexicografia-](https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa_lexicologia-lexicografia-)

terminologia-terminografia-ii-simpc3b3sio-e28093-brasc3adlia-1990.pdf. Acesso em: 13/04/2021.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Cultural reproduction and social reproduction. In: KARABEL, I., HALSEY, A H. *Power and ideology in education*. New York: Oxford University, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística: afinal a que se refere?* 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2020. *E-book*. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/13M\\_XKnaXZrT4ZC5jcCuB2fbQD-F-tPYs/view](https://drive.google.com/file/d/13M_XKnaXZrT4ZC5jcCuB2fbQD-F-tPYs/view). Acesso em: 09/07/2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1978].

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. Léxico. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. p. 189-190.

CARDOSO, Elis de Almeida. O léxico na sala de aula: da teoria à prática pedagógica. In: VALENTE, André C. *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 118-124.

CASTELLANO, Mayka; PINHO, João Pedro; NORONHA, Iara. "Netflix, eu te amo!": o capital emocional no relacionamento entre a empresa de *streaming* e os consumidores-fãs. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, São Leopoldo/SP, v. 20, n. 3, p. 404-417, 2018.

Disponível em:  
<http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2018.203.12/60746670>.  
Acesso em: 28/05/2021.

CONTIERO, Elza. A interface léxico e discurso: considerações para um ensino lexical reflexivo. In: NADIN, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange; FARGETTI, Cristina Martins (Orgs.). *Léxico e ensino*. Araraquara: Letraria, 2015.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis M. B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. *Revista Práticas de Linguagem*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. p. 161-198. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/160-198-Evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-lingu%C3%ADsticos.pdf>. Acesso em: 25/01/2021.

CHIESSE, Daniel Roxo de Paula. O arremesso de anões e o "novo humor" na televisão brasileira: uma análise do programa "Pânico" sob a ótica da dignidade da pessoa humana. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI, 23º, 2014, Florianópolis. *Anais do XXIII Encontro Nacional do CONPEDI*. Florianópolis: CONPEDI, 2014. p. 529-546. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=3cdca99e6ae50386>. Acesso em: 22/05/2021.

FARACO, Carlos Alberto. *História do português*. São Paulo: Parábola, 2019.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006.

FERREIRA, Fátima Ivone de Oliveira; VILARINHO, Lucia Regina Goulart *Relacionamentos sociais online entre jovens e sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2012.

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora Maria Soares. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, [S. l.], v. 4, n. 7, agosto de 2006. p. 1-27. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_7\\_estruturacao\\_silabica\\_e\\_processos\\_fonologicos.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_estruturacao_silabica_e_processos_fonologicos.pdf). Acesso em: 20/02/2021.

GABRIEL, Martha. *Educ@ar: a (r)evolução digital na educação*. São Paulo: Saraiva, 2013.

GALLI, Fernanda C. S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 120-134.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-36.

GARTON, Laura; HAYTHORNTHWAITEL, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying Online Social Networks. *Journal of Computer mediated Communication*, [S. l.], n. 3, v. 1, 1997. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x>. Acesso em: 10/01/2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES DA SILVA, Carlos Roberto; PATRIOTA, Luciene Maria. A era digital e as gírias das redes sociais. In: Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba, 2019, Mamanguape - PB. *Anais II ELLIN: Letras em diálogo: língua, literatura e cultura*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. v. 1. p. 525-535. Disponível em: [http://www.ccae.ufpb.br/ellin/downloads/2019/ANAIS\\_II\\_ELLIN-PB\\_2019.pdf](http://www.ccae.ufpb.br/ellin/downloads/2019/ANAIS_II_ELLIN-PB_2019.pdf). Acesso em 25/02/2021.

GONÇALVES DA SILVA, Carlos Roberto; PATRIOTA, Luciene Maria. A comunicação na era digital: as gírias das redes sociais. *Revista de Letras - Juçara*, [S. l.], v. 4, n. 02, p. 54-72, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2270/1715>. Acesso em: 25/02/2021.

GONÇALVES DA SILVA, Carlos Roberto; PATRIOTA, Luciene Maria. Processos de formação das gírias das redes sociais: o caso dos estrangeirismos. In: SOUSA, Andressa S.; HOLANDA, Layanna K. P. de; ROCHA, Marinalva A. T. *Linguagem e ensino: pesquisas e práticas pedagógicas*. Caxias: EDUEMA, 2021. p. 143-153. *E-book*. Disponível em: <https://letrassimposio.wixsite.com/xixsimposiodeletras/publicacoes>. Acesso em: 25/05/2021.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2019.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEAL, Audria Albuquerque. Vocabulário e aspectos linguísticos do português em livros didáticos. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Estudar vocabulário: como e para quê?* Campina Grande: Bagagem, 2004.

MACHADO, Patrícia Aparecida. *'Conecto-me: logo, existo': narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital*. 2019. 224 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido* (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67

MEDEIROS, Tatiane Lucas. *Fã-clubes no twitter e a agência do público: como a era dos streamings aliada as redes sociais estão mudando o conceito do que é ser fã*. 2017. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MENDONÇA, Marina Célia. O purismo linguístico na mídia brasileira na passagem do século XX para o século XXI. *Revista da ANPOLL*, [S. l.], v. 1, n. 25, p. 169-191, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/59/53>. Acesso em 22/03/2021.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clécio (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p.199-226.

NAVES, Mariana Silva. *Ampliação vocabular para as práticas sociais de alunos deficientes intelectuais*. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

NEVES, José Herbertt Florêncio. *Argumentatividade das palavras: construção de aparato textual interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018*. 2020. 259 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2020.

OLIVEIRA, Darlene. *Falar prisional: as gírias utilizadas pelas mulheres em situação de cárcere como forma de identidade, inclusão e proteção*. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Orgs.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.

PATRIOTA, Luciene Maria. A gíria: perspectiva histórica e aspectos de estudo. In: XAVIER, Manassés Morais (Org.). *Professor, o que é língua? Re(des)construindo saberes sobre o ensino de português*. Campina Grande: Realize, 2014.

PATRIOTA, Luciene Maria. *A gíria comum na interação em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009.

PAULA, Luciane; SILVA, Tatiane Novais. Nerve à flor da linguagem: arte e vida em jogo dialógico. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 8, n. 2, p. 38-57, 2019. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/530/437>. Acesso em: 12/06/2021.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, Dino. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 241-257.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

REBS, Rebeca Recuero. O excesso no discurso de ódio dos *haters*. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 2512-2523, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2512/35377>. Acesso em: 27/05/2021.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

RECTOR, Mônica. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.

REZENDE, Raquel Moreira. *Os dicionários escolares brasileiros no ensino do léxico: análise do registro dos termos técnico-científicos*. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RIBEIRO, José Carlos; AYRES, Marcel. Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais. In: PORTO, Cristiano; SANTOS, Edmea (Orgs.). *Facebook e educação – publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 199- 220.

RIBEIRO, Juliane Corrêa Lopes. O Twitter como ferramenta de progressão das marcas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE – FACULDADE BOAS NOVAS, 16º, 2017, Manaus. *Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte*. Manaus: Intercom, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2017/resumos/R54-0255-1.pdf>. Acesso em: 02/06/2021.

SANTOS, Maria Cândida de Jesus Souza. *A gíria nossa de cada dia: o uso de gírias por estudantes da EJA em situações interacionais de sala de aula*. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2017.

SARMENTO, Camila da Silva. *Abordagem do léxico em livros didáticos de língua portuguesa: os anos finais do ensino fundamental*. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SERRA, Luís Henrique. O ensino de vocabulário na sala de aula: reflexões e práticas para a produção de textos na educação básica. *Afluentes: Revista de Letras e Linguística*. Bacabal-MA, v.1, n.1, p. 1-19, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/4749/2762>. Acesso em: 15/04/2021.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. O ensino do léxico no livro didático. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 274-291, jul./dez, 2016. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/719/356>. Acesso em: 10/04/2021.

SILVA, Pedro Henrique Corrêa Silva. *Facebook, uma ferramenta propícia à criação de estrangeirismos em língua portuguesa*. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, Roseane Leal; VIEIRA, Ingra Etchepare. *O movimento "exposed" no contexto da sociedade em rede: tensões entre as narrativas de abusos sofridas por internautas e o direito ao esquecimento dos supostos ofensores*. Florianópolis: Habitus Editora, 2020.

SILVA, Lara Cristina do Amaral. *Estudo dos fenômenos da gíria do funk como suporte para o ensino da Língua Portuguesa*. 2020. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SOUZA E SOUZA, Márcio de. *Quatro pernas de ponte: um estudo das gírias dos tripulantes da aviação*. 2018. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TESSAROLO, Felipe Maciel; MACHADO, Arthur Santiago Neto. *Game of memes: uma análise sobre os memes e a série televisiva Game of Thrones. Comunicação - reflexões, experiências, ensino*, Curitiba, v. 13, n. 13, p. 9-22, 2017. Disponível em: [https://faesadigital.files.wordpress.com/2018/03/game\\_of\\_memes\\_uma\\_analise\\_sobre\\_os\\_memes.pdf](https://faesadigital.files.wordpress.com/2018/03/game_of_memes_uma_analise_sobre_os_memes.pdf). Acesso em: 29/05/2021.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

VALADARES, Flávio Biasutti. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. *Domínios de Linguagem*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 27-43, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11757/8052>. Acesso em: 17/06/2021.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; LÚNA, Priscila Moraes. Léxico no ensino de língua portuguesa: leitura e construção de sentido. *Revista UNIABEU*, Belford Roxo, v. 5, n. 11, p. 48-61, 2012. Disponível em: [https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/693/pdf\\_262](https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/693/pdf_262). Acesso em: 18/03/2021.